
TESSERACTUM
Marco Lucchesi: estrela-poética-labirinto
Organizadoras:
Ana Maria Haddad Baptista
Júlia Maria Hummes
Márcia Pessoa Dal Bello

Marco Lucchesi: estrela-poética-labirinto

Organizadoras:

Ana Maria Haddad Baptista

Júlia Maria Hummes

Márcia Pessoa Dal Bello

TESSERACTUM

EDITORA DA FUNDARTE

FUNDARTE
FUNDAÇÃO MUNICIPAL
DE ARTES DE MONTENEGRO

Apoio:





Rua Capitão Porfírio, 2141, Centro
Montenegro – RS – CEP 92510305
Fone: (51) 36231879
Email: revistadafundarte@fundarte.rs.gov.br
Site: ser.fundarte.rs.gov.br

Produção Editorial: Editora da FUNDARTE
Ficha Catalográfica: Marco Túlio Schmitt Coutinho
Adaptação da diagramação: Estevão Dornelles
Editora Chefe: Júlia Maria Hummes

CONSELHO EDITORIAL

ANA MARIA HADDAD BAPTISTA

Mestrado e doutorado em Comunicação e Semiótica. Pós-doutoramento em História da Ciência pela Universidade de Lisboa e PUC/SP onde se aposentou. Possui dezenas de livros, incluindo organizações, publicados no Brasil e no estrangeiro. Atualmente é professora e pesquisadora da Universidade Nove de Julho dos programas stricto sensu em Educação e do curso de Letras. Colunista mensal, desde 1998, da revista (impressa) Filosofia (Editora Escala).

MÁRCIA FUSARO

Pós-doutoramento em Artes (UNESP), Doutora em Comunicação e Semiótica (PUC-SP), Mestra em História da Ciência (PUC-SP), Especialista em Língua, Literatura e Semiótica (USJT). Professora e pesquisadora do Programa Stricto Sensu em Gestão e Práticas Educacionais (PROGEPE) e da licenciatura em Letras da Universidade Nove de Julho. Líder do grupo de pesquisa Artes Tecnológicas Aplicadas à Educação (UNINOVE/CNPq). Membro dos grupos de pesquisa Performatividades e Pedagogias (UNESP/CNPq), Palavra e Imagem em Pensamento (PUC-SP/CNPq) e do Centro Interdisciplinar de Ciência, Tecnologia e Sociedade (CICTSUL) da Universidade de Lisboa (2009-2018).

FLAVIA IUSPA

Diretora e professora de programas internacionais e iniciativas do Departamento de Pós-Graduação em Ensino e Aprendizagem da Florida International University (FIU). Doutora em Educa-

ção, com foco em currículo e instrução. Possui MBA em Negócios Internacionais e especialização em Educação Internacional e In-tercultural pela Florida International University (FIU). Suas áreas de pesquisa incluem: internacionalização de instituições de ensino superior, desenvolvimento de perspectivas globais em professo-res e alunos (Global Citizenship Education) e política de currículo.

ABREU PRAXE

Poeta angolano, licenciado pelo Instituto Superior de Ciências da Educação (ISCED), Luanda, onde trabalha como professor de literatura. Doutor em Comunicação e Semióti-ca pela PUC/SP. Membro da União dos Escritores Angolanos. Possui diversas obras publicadas (poesia) em diversos países.

MÔNICA DE ÁVILA TODARO

Graduada em Pedagogia, mestre em Gerontologia e doutora em Educação pela UNICAMP. É professora adjunta do Departamento de Ciências da Educação (DECED) da Universidade Federal de São João del Rei (UFSJ). Docente do Programa de Mestrado em Educação da UFSJ. Pesquisa nas áreas de Educação e Gerontologia, com ênfase nos seguintes temas: Dança; Corpo e educação; Ludicidade; Alfabeti-zação de Idosos (EJA); Relações intergeracionais; e práticas educati-vas. É líder do Núcleo de Estudos sobre Corpo, Cultura, Expressão e Linguagens (NECCEL), da UFSJ. Pós-doutorado na Escola de Artes, Ciências e Humanidades (Each) da Universidade de São Paulo (USP).

Tesseractum Editorial
www.tesseractumeditorial.com.br

COMISSÃO EDITORIAL DA EDITORA DA FUNDARTE

Márcia Moura Cordeiro Pessoa Dal Bello (FUNDARTE/RS)
Maria Isabel Petry Kehrwald (GEART/RS)
Vanessa Longarai Rodrigues (FUNDARTE/RS)
Marco Túlio Schmitt Coutinho (FUNDARTE/RS)
Júlia Maria Hummes (FUNDARTE/RS)
Cristina Rolim Wolffenbüttel (UERGS/RS)
Carine Luisa Klein (FUNDARTE/RS)

CATALOGAÇÃO DE PUBLICAÇÃO NA FONTE (CIP)
BIBLIOTECA DA FUNDARTE, MONTENEGRO, BR

B222 Baptista, Ana Maria Haddad *et al*.
Marco Lucchesi: estrela-poética-labirinto [recurso eletrônico]/ Ana Maria Haddad Baptista; Júlia Maria Hummes; Márcia Pessoa Dal Bello; organizadores. - Montenegro, RS: Ed. da Fundarte, 2022.

P. 196
ISBN 978-65-88330-03-6

1. Ensaios 2. Crítica. 3. Interpretação. 4. Multiplicidade das linguagens. I. Fundação Municipal de Artes de Montenegro. II. Título. III. Hummes, Julia Maria. IV. Dal Bello, Márcia Pessoa V. Lucchesi, Marcos.

CDU 82.4
CDD 869.41

Elaborada pelo bibliotecário Marco Túlio Schmitt Coutinho – CRB 10/2587

Coordenação Editorial: Equipe Tesseractum Editorial
Diagramação: Equipe Tesseractum Editorial
Capa e fotos internas: Autora
Revisão: Autora

Todos os direitos reservados à Editora Tesseractum Editorial
Belo Horizonte – MG
contato@tesseractumeditorial.com.br
www.tesseractumeditorial.com.br

A reprodução não autorizada desta publicação, no todo ou em parte, constitui violação de direitos autorais.
(Lei 9.610/98).

Sumário

Prefácio 11

Apresentação 13

O diálogo interdisciplinar na poética de Marco Lucchesi
ou a estética do labirinto 41

Estética do labirinto-tempo-memória na literatura
de Marco Lucchesi 55

Educação e Leituras: um passeio pela solidão das estrelas
de Marco Lucchesi 91

Por uma estética da solidão 139

Marco Lucchesi: um convite à Estética do Labirinto 163

Marco Lucchesi e Giorgos Seferis: ondulações rumo ao
insondável 181

Entrevista concedida à Ana Maria Haddad Baptista
(Revista Filosofia Ciência & Vida – Ano: 2018) 185

Sobre a autora 195

Prefácio

Este livro reúne ensaios (revistos e ampliados) da pesquisadora, professora e ensaísta Ana Maria Haddad Baptista, publicados por diversos livros e revistas, sobre o conjunto de obras de Marco Lucchesi.

Marco Lucchesi nasceu no Rio de Janeiro (RJ), em 1963, e atualmente preside a Academia Brasileira de Letras (ABL). Ocupa a cadeira de no.15. Poeta, romancista, ensaísta, memorialista, professor e tradutor, graduou-se em História pela Universidade Federal Fluminense. Obteve os títulos de mestre e doutor em Ciência da Literatura pela Universidade Federal do Rio de Janeiro e fez pós-doutorado em Filosofia da Renascença na Universidade de Colônia, na Alemanha. Transita, com sabedoria, por mais de vinte línguas. Autor, apenas para exemplificar algumas de suas publicações, dos romances *O bibliotecário do imperador*, *O Dom do Crime* e *Adeus, Pirandello*. *Domínios da Insônia* reúne, em grande parte, seu legado poético. Como tradutor, dentre tantos livros que poderíamos citar, verteu para o português obras dos italianos Primo Levi e Umberto Eco, do persa Rûmî, do russo Khlebnikov do tcheco Rainer Maria Rilke e do paquistanês Mohammed Iqbãl. Professor titular de Literatura Comparada da UFRJ. Doutor Honoris Causa pelas Universidades de Tibiscus e Aurel Vlaicu da Romênia. Palestrou em diversas universidades ao redor do mundo. Seus livros já foram traduzidos para mais de dez idiomas.

Júlia Maria Hummes
Márcia Pessoa Dal Bello

Apresentação

O tempo aqui exibia o infinito. Total.

Misteriosos. Paradoxais são os caminhos que podem conduzir uma pessoa a se apaixonar por literatura. O contato com os livros, desde a infância, não é a garantia de um futuro leitor. Nada garante nada. Desde que aprendi a ler tive paixão pelas histórias. Pela literatura. Meus pais nunca deixaram que os livros faltassem em nossa modesta biblioteca. Lia tudo o que caía em minhas mãos. Deliciava-me. Devaneios sem fim. Sempre fui apaixonada por literatura. Emprestava livros de bibliotecas particulares, escolares e públicas. Uma leitora voraz. Exigente. Tive excelentes professores de literatura. Quanto devo a eles!

O meu envolvimento, preliminar, com a literatura de Marco Lucchesi começou, na verdade, com a tradução de, (realizada por ele), *A ilha do dia anterior* de Umberto Eco. Há muitos e muitos anos durante meu mestrado. Precisava, à época, descobrir (por conta de minha pesquisa) conceitos denominados ficcionais a res-

Que mistério
o livro de Eco
tão diferente.

peito de tempo-memória. E aqui vai um segredo. Mas que agora deixa de sê-lo: embora eu reconheça a grandiosidade do conjunto de obras de Umberto Eco, nunca fui apaixonada por ele. Muita gente tem receios de certas confissões. Não me sinto obrigada a amar um autor famoso pela simples razão de que muitos gostam dele. Mesmo sendo reconhecidamente excepcional. Mas *A ilha do dia anterior* tinha algo de diferente. Hoje está muito claro para mim que foi a tradução impecável e de alma realizada por Marco Lucchesi. Não tenho a menor dúvida disso.

No ano de 2014, mês de junho, recebo um e-mail de Marco Lucchesi, a pedido de nosso saudoso mestre Ubiratan D'Ambrosio, para escrever um ensaio sobre Literatura e Matemática. Para uma revista que os dois estavam organizando. Aceitei prontamente. Minutos depois pedi ao Marco, sem me lembrar dele enquanto poeta, romancista, tradutor, ensaísta, alguns detalhes formais que deveriam estruturar o ensaio. Espanto! Após alguns segundos veio a resposta. Por volta de seis horas da manhã. Pensei comigo: existem mais pessoas (além de mim e outros raros) que também acordam muito

Quem seria esse menino? Quantos anos teria? Não faço ideia. Educado! Ele inspira ternura.

cedo para escrever? Existem pessoas, ainda, que respondem, prontamente, um e-mail? E ainda por cima respostas educadas. Delicadas. Mas quem é Marco Lucchesi? Será que é algum orientando do Ubiratan? Pensei tantas coisas... mas pela estrutura, singularíssima, do e-mail sabia, intuitivamente, que o Marco era um poeta 'nato'. Inegável. Fui para a internet buscá-lo. Apreendê-lo.

Alguns meses depois enviei meu ensaio até antes do prazo estabelecido. Meia hora depois Marco Lucchesi me enviou um e-mail educadíssimo agradecendo e pasmem: ele tinha lido o ensaio. Disse-me, para meu assombro, que havia gostado do texto. (Qual a razão de meu espanto? Por razões elementares: a atmosfera asfixiante que nos permeia subtrai nosso tempo de forma tal que praticamente ninguém lê ninguém. Há uma ausência quase que total de comunhão.) Desse momento em diante nasceu uma amizade e uma interlocução muito profunda. Tinha diante de mim um escritor humano. Profundamente humano. Humilde. Começamos a trocar livros. Ideias. Textos. Projetos editoriais.

Será que ele gostou mesmo do meu texto? Será? Ele até faz um elogio. Ele teria sido sincero?

E o encantamento permanece atualíssimo.

Gradativamente, em poucos meses, fui

lendo o extenso (e intenso) conjunto de obras de Marco. Encantava-me a cada livro. Se ele me perguntasse qual meu livro preferido não teria uma resposta. Já pensei muito nisso. Cada livro, texto ou registro, do Marco ocupa um lugar especialíssimo em minha alma. Poesias, romances, memórias, cartas, traduções, ensaios, textos jornalísticos, discursos, prefácios, posfácios, orelhas de livros, entrevistas. Ele transita pelas mais variadas mídias. Seguro. Um olhar que cintila de perto e de longe. Como se estivesse entrecruzando universos diferentes rumo, sempre, ao infinito. Mas buscando trazer para nós aquilo que o surpreende e o inquieta.

O seu domínio na área musical é espantoso e ainda toca piano... E, também, canta.

Sou uma das raríssimas privilegiadas deste mundo que ama o que faz. Como professora de literatura não podia guardar a poética de Marco Lucchesi somente para mim. Queria, como sempre faço, compartilhar a grandiosidade desta literatura, indiscutivelmente, uma das melhores do Brasil e do mundo. (Ressalto que não sou a única a afirmar isso.) Comecei a indicar os seus livros para meus alunos de graduação, do pós-graduação *stricto sensu,* para professores de literatura. Foi uma

Os meus alunos de Letras ficaram maravilhados. Perceberam erudição e sensibilidade.

verdadeira explosão! A literatura de Marco, para quem não a conhecia de perto, foi acolhida da mesma forma que eu a acolhi. Admiração. Espanto. Assombro diante do novo e da transgressão. Da erudição sensata e sedutora. Da humildade intelectual. De sua tranquilidade ao transitar pela Torre de Babel (ele domina mais de vinte línguas e ainda inventou uma).

Clio foi uma explosão. Emocionante. Os alunos da pós ficaram sem fala... Foi demais.

Em outubro de 2016, Marco veio do Rio de Janeiro, (ele mora em Niterói), para a Universidade Nove de Julho de São Paulo lançar *Carteiro Imaterial*. Um livro de ensaios. Jamais vou esquecer de minha felicidade. Eu iria conhecê-lo pessoalmente. O lançamento foi um dos encontros mais emocionantes de minha vida e não nego: também para nossos professores e estudantes. O auditório da Universidade ficou lotado (por volta de seiscentas pessoas). Foi uma grande oportunidade para conhecer Marco Lucchesi mais de perto. Os comentários de tal encontro ficaram ressoando durante semanas e semanas. Professores e estudantes pensavam somente em uma coisa: como trazê-lo, mais e mais, para nós? O que vamos fazer sem o Marco? Ele nos abriu, seguramente, um caminho irreversível.

Professores e estudantes em profunda comoção.

Não podemos ficar sem o Marco! Não.

Depois desse encontro, em alguns anos, muitas outras coisas, velozmente, aconteceram e não param: a literatura de Marco virou linha do grupo de pesquisa, CNPq, liderado por mim. Marco Lucchesi se "transformou" em disciplina dos programas de pós-graduação, da área de Educação, *stricto sensu* da Universidade Nove de Julho de São Paulo.

Trabalhos de Iniciação Científica, dissertações de mestrado e teses de doutorado estão centrados em suas obras. Muitos concluídos. Outros em pleno andamento. Voltou diversas vezes para encontrar seus leitores. Não somente para lançar seus livros. Mas, também, para ser homenageado com as fortunas críticas sobre sua literatura. Estive diretamente envolvida com muitas delas. Marco Lucchesi não dá espaço para a espera ou para o tédio. Está sempre em movimento. Sempre. Não é fácil acompanhá-lo porque seu percurso é plural e, muitas vezes, surpreendente.

Uma orientanda minha de doutorado alterou sua pesquisa inicial e trabalhou a literatura de Marco Lucchesi.

Em 2018 foi eleito presidente (permanece até hoje) da Academia Brasileira de Letras. Tal fato não interferiu em seus projetos editoriais e muito menos em seus encontros com os leitores. Como presidente da ABL, (amplamente sabido), estendeu e

Ele doa, continuamente, livros raríssimos de sua biblioteca pessoal para bibliotecas, instituições, presídios...

intensificou pontes culturais. Visitou, mais ainda, muitos países, especialmente, os mais vulneráveis. Faz doações de livros não somente para o Brasil. Mas para outros países em que a língua portuguesa é falada. Não mede esforços para concretizar acordos, convênios e parcerias que estimulem a cultura. Intersecções entre culturas diferentes para a desejável *cultura da paz.*

A literatura de Marco Lucchesi habita e atravessa nossas bibliografias. Sempre. Despertou e desperta, sem dúvida, nossas reservas, (como afirma Simondon), pré-individuais. Convida-nos ao despojo do tédio habitual causado pelo estabelecido, em especial, nas academias, assim como potencializa nossos projetos. A poética que circunscreve o conjunto de obras de Marco Lucchesi mostra, efetivamente, o quanto a literatura possibilita novas formas de pensar, transgredir, escrever e, sobretudo, amar.

Muito conteúdo.
Espantoso.
A perfeição das metáforas.

Uma coisa, na verdade, não me surpreende. Sempre que organizo uma fortuna crítica para o Marco, as pessoas, enquanto escrevem seus respectivos ensaios, são arrastadas para fora de si mesmas. Por que omitir isso? Sempre que faço, com

Sua literatura nos faz entender melhor o valor real da solidão.

grande alegria, um ensaio a respeito das obras de Lucchesi sinto a mesma coisa. Em diversos momentos de sua vida Michel Foucault declarou que quando terminava um livro se sentia transformado. Uma certa experiência-limite como diria Blanchot. É exatamente o que sentimos quando mergulhamos na densidade e espessura da literatura de Marco Lucchesi. Ao atravessarmos a sua literatura compreendemos, muito melhor, o valor do silêncio. (Ingeborg Bachmann[1]: Façam silêncio comigo, como todos os sinos silenciam!) Aprendemos, de fato, que ele possui vozes imponderáveis e fala muito mais alto do que determinados brados sem força e sem direção. Aprendemos, com Marco, que existe uma *estética da solidão.* Aprendemos com ele que não basta ler poesia. Ou escrevê-la. É preciso praticá-la. Ele nos ensina, acima de tudo, que viver poeticamente significa ultrapassar as linhas da superfície e enfrentar aquilo que nos incomoda de fundo.

Um dos seres mais corajosos que conheci.

Nesta medida, importante destacar, a literatura, como um todo, de Lucchesi não é um entretenimento, evasão, escapismo ou semelhante. Não. A literatura do poeta é

1 Ingeborg Bachmann, **O tempo adiado e outros poemas.** Tradução de Claudia Cavalcanti. São Paulo: Todavia, 2020. p. 31.

Imagens regidas por sons insondáveis.

aquela que, entre outras coisas, consegue captar metáforas e imagens. A literatura de Lucchesi é atravessada pelo pensamento. (Valéry: "Pensar consiste, quase todo o tempo em que fazemos, em vagar por entre os motivos acerca dos quais sabemos, antes de tudo, que os conhecemos *mais ou menos bem.* As coisas poderiam ser classificadas de acordo com a facilidade ou a dificuldade que oferecem à nossa compreensão, segundo grau de familiaridade que temos com elas e conforme as resistências diversas que suas condições ou suas partes nos opõem para serem imaginadas juntas"[2].). Neste momento pelo qual atravessa a humanidade talvez jamais necessitamos tanto delas. Por quê? Porque somente elas poderão, como muitos pensadores da maior grandeza afirmaram, captar, adamicamente, imagens que emergem ante aos nossos olhos, principalmente quando o *céu em chamas* tende a nos derrotar. A poética, em seu sentido mais abrangente, de Marco Lucchesi são arcabouços, (por lembrar de Ricardo Mazzeo), estruturantes da imaginação e nunca foram tão imprescindíveis. Jamais, creio eu, o nosso plane-

2 Paul Valéry, **Introdução ao método de Leonardo da Vinci.** Tradução de Geraldo Gérson de Souza. São Paulo: Editora 34, 1998. pp. 47-48.

ta precisou tanto de novos instrumentos que elucidem a nossa interpretação de tudo aquilo que nos assola. Precisamos de mais redes conceituais. E isso temos de sobra nos registros de Marco Lucchesi que retira, a cada obra sua que é lançada, (e não são poucas), aquelas camadas sígnicas que entorpecem o que não poderia ser imperceptível. Em outras palavras: a famosa teia invisível dos poderes hipocritamente estabelecidos e conjugados que se julgam acima do bem e do mal.

Há uma propriedade
neste poeta que
não escapa
a ninguém:
usa a liberdade
e consegue dar
movimento ao
abstrato.

As pessoas envolvidas com a literatura de Marco Lucchesi, em especial, com algum tipo de pesquisa, ficam inquietas com a arquitetura de pensamento que predomina no poeta! Como seria o processamento interno, subjetivo pelo qual Marco é envolvido? Muito intrigada e instigada quis fundamentar para mim mesma e para demais interessados o processo. Trata-se, sempre, de uma questão de percepção e em busca da verdade e, soberana, a busca pela perfeição. E, sobretudo, ele compreende, tal qual Einstein, de que deve haver "algo escondido nas profundezas das coisas"[3].

Existe
aqui
um tom
aromático!

3 Albert Einstein, **Notas autobiográficas**. Tradução de Aulyde Soares Rodrigues. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1982. p. 15.

Em princípio pode-se afirmar, como nos lembra Paul Valéry a respeito de Leonardo da Vinci, que Marco "é o tipo supremo desses indivíduos superiores"[4]. Não tenho a menor dúvida disso. Por tal trilha, ao considerarmos o conjunto de obras de Lucchesi, ele parece se guiar e é regido por um profundo sentimento de sons, cores, conceitos que se mesclam de forma simultânea de alta complexidade. Aliás, não podemos desconsiderar os índices de tal busca quando Lucchesi atravessa Leonardo da Vinci. Altamente reveladores.

Leonardo

Como buscar a ideia sublimada,
a insólita paisagem árdua e pura,
sonhada pela mente enamorada
nos veios ásperos da pedra dura?
Como sofrer em plena madrugada
o fogo da verdade que tortura
aquele que pressente o frio do nada
nas formas peregrinas do que procura?
Que a chama sublimada se resfria
na longa solidão que nos impinge
essa esperança vã, essa agonia.
A ideia soberana não se atinge:

4 Paul Valéry, **A arte de pensar: ensaios filosóficos.** Tradução de Márcia Sá Cavalcanti Schuback. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo. p. 97.

a um laivo apenas, uma algaravia,
a tanto a nossa mente se restringe[5].

Em que medida o poeta aceita seu "belo destino"?

A busca de Lucchesi, por assim dizer, é atravessada por uma incrível sensibilidade que jamais se esgota. E nem poderia: Lucchesi é um poeta de nascença. Longe de mim os determinismos ou as lendas sobre dons. Mas, temos que admitir, na esteira de Peirce, que existem determinações inescapáveis. Temos que admitir as determinações que nos circunscrevem. Tal posição, ainda sob a ótica de Peirce, não subtrai, de forma alguma, a influência do meio e outros mistérios que nos cercam. A cosmologia atual, (em especial, a de Bergson), deixa muitos espaços para a indeterminação. Podemos e temos espaço para agir fora do que foi determinado. O todo está dado. Mas é aberto, diz Bergson. Mesmo com as ocorrências fora de nosso controle e que independem de nós e acima como as estrelas que se escondem sob uma névoa repentina.

Imaginemos os abismos que deve enfrentar.

Ouçamos Agnes Heller: "Se confiamos enquanto indivíduos em nossos ideais e em nossas condições, isto é, se confiamos nelas sobre a base de um permanente con-

5 Marco Lucchesi, **Domínios da Insônia: novos poemas reunidos**. São Paulo: Patuá, 2019. p. 83.

trole da situação, das autoridades e também (e não em último lugar) de nossas próprias motivações, se estamos dispostos a negar confiança a nossas ideias na medida em que o conhecimento e a experiência as contradigam de modo regular, se não perdermos a capacidade de julgar corretamente o singular, então seremos capazes de nos libertar de nossos preconceitos e de reconquistar sempre a nossa relativa liberdade de escolha"[6]. E Celan: "Tantas constelações, que se nos dão"[7].

Muitos escritores agem como se estivessem cumprindo uma tarefa. Lembro, de maneira necessária, de Deleuze: há pessoas que têm intenções literárias. Completo: a maioria delas. Mas existem os escritores de verdade. Estamos diante de um: Marco Lucchesi.

Stefan Zweig, com muita lucidez, afirmou que um dos grandes mistérios desta vida seria tentar desvendar, de fato, o processo de criação de um artista ou um poeta de verdade. Podemos, esclarece, conhecer o mundo que eles nos oferecem. Mas, com certeza, jamais poderemos penetrar em seus universos de criação. Um verdadei-

6 Agnes Heller, **O cotidiano e a história**. Tradução de Carlos Nelson Coutinho e Leandro Konder. São Paulo: Paz e Terra, 2014. p. 88.

7 Paulo Celan. **A rosa de ninguém**. Tradução de Mauricio Mendonça Cardozo. São Paulo: Editora 34, 2021. p. 51.

ro paradoxo. Não podemos participar do ato de criação artística. A origem de uma obra poética é indecifrável. A concepção de um poeta é pura interioridade. Um espaço ilhado e inatingível de seu cérebro. No entanto, podemos, penso eu, buscar alguns índices em busca de tangenciar tais mistérios. Embora sabendo que tal tarefa se situa no rol das pretensões. Do quase inatingível. Cheio de riscos e desafios. E muitos desvios. Mas arrisco-me. Por meio das entrevistas que Marco concede, além de índices de seus livros e tantos outros sabemos que o poeta prima e luta por seu silêncio. Diversas vezes declara que o silêncio para ele é fundamental? Por quê? Ora, sabemos que somente atravessados pelo silêncio podemos, de fato, ter acesso à subjetividade absoluta. Ouçamos Byung-Chul Han: "A subjetividade absoluta é a subjetividade na forma de conclusão. Sem silêncio, ela se dispersa e não pode retornar a si"[8].

Ele possui, na verdade, uma estética inconfundível do silêncio.

Por um outro lado, rege o seu silêncio a construção, espontaneamente, não intencional, um tipo raro de intuição. Aquela que somente é permitida a pessoas de grande sabedoria. E aqui, devido aos mis-

8 Byung-Chul Han, **Favor fechar os olhos: em busca de um outro tempo.** Tradução de Lucas Machado. Petrópolis, RJ: Vozes, 2021. p. 15.

térios complexos que sobrepairam acerca do assunto, nos chegam questionamentos importantes: em que medida uma intuição pode ser localizada? Avaliada? No caso de um poeta como Marco Lucchesi não posso deixar de lado uma questão proposta pelo pensador chinês Yuk Hui: existe uma intuição proposta por Kant que, por sua vez, admitiu uma intuição sensorial. "A intuição sensorial é o solo em que a razão trabalha e para além do qual poderia acabar se afogando no oceano"[9], nos afirma Yuk Hui. A intuição sensorial seria inata. No entanto, trilhando tal perspectiva, mesmo que de forma movediça, existiria, de acordo com a forma de pensar dos chineses, o cultivo de uma intuição intelectual. (E Bei Dao[10]: estrelas reservam lugares no teatro da noite) O que seria a intuição intelectual? Aquela que não é inata como a sensorial de Kant. Precisa ser buscada. Desenvolvida. Não é dada. Estamos diante de um processo exigentíssimo de fundamentação. Raríssimas pessoas conseguem desenvolver uma intuição intelectual. Mas é o caso de Marco Lucchesi.

9 Yuk Hui, **Tecnodiversidade**. Tradução de Humberto do Amaral. São Paulo: Ubu Editora, 2020. p. 182.

10 Dez poetas chineses contemporâneos, **Um barco remenda o mar**. Tradução de Yao Feng et.al. São Paulo: Martins Fontes, 2007. p. 53.

Sempre tive a certeza de que Marco possuía uma intuição singular.

O próprio Yuk Hui se pergunta o que seria a intuição intelectual e como podemos e devemos fazê-la funcionar. E vejo aqui, mais do que nunca, a importância dos mecanismos de pensamento de Marco Lucchesi. "(...) a intuição intelectual é a razão sintética [Lucchesi: "O juízo sintético a priori de Kant e a anamnese platônica. Não a natureza da alma. Antes, a eternidade da Alma e da Ideia. O semelhante conhece apenas o semelhante"[11].] que entende a relação entre o eu e outros seres (ou o cosmos) a partir da perspectiva de um sujeito moral, e não de um sujeito do conhecimento. O sujeito moral e o sujeito do conhecimento são duas tendências do desenvolvimento humano. O sujeito moral é anterior ao sujeito do conhecimento. Quando um sujeito do conhecimento olha para o mundo, ele procura compreendê-lo a partir de uma decomposição analítica; o sujeito moral, por sua vez, enxerga [A voz de Bei Dao: elevo-me para outro andar/ sábios tocam tambores nas nuvens/ um barco remenda o mar/ por favor enlace este momento no horizonte/deixem o milho e as estrelas se entrelaçarem/[12]] a

Onde está situado o meu coração?

11 Marco Lucchesi, **Vestígios: diário filosófico**. Belo Horizonte, MG: Tesseractum Editorial, 2021. p. 76.

12 Dez poetas chineses contemporâneos, **Um barco remenda o mar**. Tradução de Yao Feng et.al. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

intercorrelação das coisas a partir de uma razão sintética que sempre busca a unificação das ordens cósmica e moral"[13].

Yuk Hui, sob a perspectiva de Mou Tsung-San, argumenta que: "(...) a intuição intelectual está associada à criação (cosmogonia, por exemplo) e à metafísica moral (em oposição à metafísica dos costumes de Kant, cuja base é a capacidade de entendimento do sujeito)"[14].

Nessa medida, a intuição intelectual "sugere que o coração [O poeta Xi Chuan: Há um mistério que não se pode refrear/ só há o papel de espectador/obedecer a força do mistério/ que envia seu sinal de um lugar remoto/ que emite uma luz que perfura o coração[15]] pode conhecer coisas[Lucchesi: "Coração e alma coincidem como espelhos que refletem a Beleza no espelho do coração"[16].] que não estão limitadas aos fenômenos"[17]. Somente a intuição intelectual não estaria condicionada a um conhecimento determinado pela intuição sensorial. A intuição intelectual, como provam os registros de Marco

13 **Tecnodiversidade**, p. 183.
14 Idem.
15 **Um barco remenda o mar,** p. 85.
16 Marco Lucchesi, **A flauta e a Lua: poemas de Rûmî**. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2016. p. 125.
17 Idem, p. 184.

Lucchesi, em todas as suas "tipologias" textuais e não textuais, sugerem uma iluminação completa. E como tal, eis o ponto chave, os seres aparecem para pessoas como ele, como "o em si". E não apenas como objeto do conhecimento. Ouçamos Marco Lucchesi:

de céu a
céu
eu me perdi
na selva
prodigiosa
dos sentidos
ah como adivinhar
o exílio
e partilhar os saberes
e destinos
mais livres
e celestes
no seio
do ultracéu?[18]

Como domar
a simultaneidade?
Como?

Na verdade, a compreensão ao partir da intuição intelectual é o ponto essencial que caracteriza a filosofia chinesa e, consequentemente, sua metafísica moral. Sob a ótica de Yuk Hui, temos que admitir que existe uma forma de conhecimento

18 **Domínios da Insônia**, p. 487.

que vai muito além dos fenômenos. Existe, em especial nos dias atuais, uma necessidade urgente de se repensar a razão ocidental. Temos que admitir outras formas de conhecimento (o pensador chinês chama a atenção, em especial, para as questões que envolvem a tecnologia), outras formas de compreensão de mundo.

O conjunto de obras e registros de Marco Lucchesi como se verá, em parte, pelos ensaios deste livro, nos autoriza a tal afirmação. (Indagações de Einstein: "Além de mim, fora de mim, estava o mundo imenso, que existe independente dos seres humanos e que se nos apresenta como um enorme e eterno enigma, em parte acessível à nossa observação e ao nosso pensamento (...) A conquista mental desse mundo extra-individual dentro dos limites da capacidade humana se me apresentava meio consciente e meio inconscientemente como o objetivo supremo"[19].)

O nosso poeta desde criança possui pequenas angústias incomuns para sua idade. Vejam-se as mais variadas entrevistas dadas pelo autor, entre outras fontes, que não a de propriamente de seu legado literário. A busca, a ânsia, a insônia, o alto

19 Albert Einstein, **Notas autobiográficas**. Tradução de Aulyde Soares Rodrigues. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1982. p. 15.

grau de experimentalismo que todas as suas obras carregam. Fora as obras radicalmente experimentais. O experimentalismo, como afirma Adorno: "A frase de Valery – na arte o melhor do novo sempre corresponde a uma antiga necessidade – é de um alcance incalculável; ela não apenas explica os movimentos mais destacados do novo, difamados como experimentos, enquanto respostas necessárias a questões não resolvidas, mas também destrói a aparência ideológica da segurança bem afortunada que muitas vezes o passado só assume porque o antigo sofrimento não é mais imediatamente legível como cifra do sofrimento do mundo contemporâneo"[20]. E o incontestável: uma vontade incontida de atravessar os diversos campos do saber e as diversas linguagens. O desafio, para ele, de pensar o mais profundamente possível.

Inútil pensar em uma metodologia já estabelecida para interpretar Lucchesi. Tempo perdido. São seus textos que nos conduzem e delineiam um "método".

Advertência: como é a arquitetura da intuição intelectual de Marco Lucchesi? Um método. Na mesma perspectiva da leitura de Deluze em sua brilhante leitura sobre a intuição em Bergson. O método que "transfere" para nós. Ou seja, a eterna

20 Theodor Adorno, **W. Sem Diretriz – Parva Aesthetica**. Tradução de Luciano Gatti. São Paulo: Editora Unesp, 2021. p. 51.

desconfiança de todas as formas de linguagens e de percepção. Por isso, em parte, a sua busca, incansável, pela "verdade". Onde está? Onde está a "exatidão"? Como encontrar a "perfeição"? (Louise Glück[21]: "Venha para mim, dizia o mundo./O que não significa/ que o mundo falasse em frases exatas/ mas que era assim que eu sentia a beleza."). Para completar a coerência de minhas afirmações a questão das línguas que o poeta domina. Ou seja, mais de vinte. E ainda: não nos esqueçamos de que Lucchesi inventou a língua laputar. Com uma gramática própria. Um poliglota respeitável como Lucchesi sabe (e como sabe) que cada língua estrutura nossa forma de pensar e de apreender o mundo de acordo com ela mesma.

A complexidade de seu pensamento é regida por sínteses sensoriais e intelectuais.

Conforme se sabe, entre as palavras, não desconsiderando que podemos pensar por signos não verbais, existe um abismo quase intransponível entre o nosso intelecto e os dados brutos da "realidade" que buscamos. E para adentrarmos mais a fundo temos que considerar, acima de tudo, que a "a multiplicidade das línguas revela a relatividade das categorias do conhecimento. O problema ontológico e epistemológico

21 Louise Glück, **Poemas 2006 – 2014**. Tradução de Heloisa Jahn, Bruna Beber e Marília Garcia. São Paulo: Cia das Letras, 2021. p. 25.

Imagino
as tramas
que devem
fervilhar
em seu intelecto.

da língua torna-se evidente. Há tantos sistemas categoriais e, portanto, tantos tipos de conhecimento, quantas línguas existem ou podem existir [A voz de Ingeborg Chamann[22]: Quem nunca se abateu pela palavra, /e digo-lhes, / quem só sabe cuidar de si/e com as palavras – / desse modo não há como cuidar. / Pelo caminho curto não, /e não pelo longo. / Tornar sustentável uma única frase, / resistir no assombro de palavras./ Esta frase não escreve aquele/ que não a assina.] "A tênue relação entre a razão e a *coisa em si,* que a filosofia kantiana estabelece, é, portanto, no melhor dos casos, um aglomerado de fios substituíveis entre si arbitrariamente"[23]. Prossegue Flusser: "A imagem que se oferece é a seguinte: a realidade, esse conjunto de dados brutos, está lá, dada e brutal, próxima do intelecto, mas inatingível. Este, o intelecto, dispõe de uma coleção de óculos, das diversas línguas, para observá-las. [Lucchesi: "Sou uma nuvem de livros e ideias fervilhantes. (...) Raios e tempestades. O estudo do persa tem sido um massacre. Conheço-me. Será difícil dormir esta noite. Como que toma-

22 **O tempo adiado**, p. 133.

23 Vilém Flusser, **Língua e Realidade**. São Paulo: É Realizações Editora, 2021. p. 45.

do por raízes e desinências"[24].] Toda vez que troca de óculos, a realidade *parece ser* diferente[25]. A dificuldade dessa imagem reside na expressão *parece ser.* Para *ser,* a realidade precisa parecer. Portanto, toda vez que o intelecto troca de língua, a realidade é diferente". No caso de Lucchesi lembremos: ele é um poliglota incomum. E um grande tradutor. Das mais variadas línguas. Imaginemos a quantidade de universos que fervilham em seu intelecto. Lucchesi: " A possibilidade da tradução (além de suas dificuldades mais específicas) revela que a cada estrutura de cada língua individual corresponde um cosmos significativo diferente. Cada língua é um mundo diferente, cada língua é o mundo inteiro, e diferente de toda a outra língua. (...) Pelo método da tradução pode-se participar de diversas realidades"[26].

Ouçamos Lucchesi: "23.11.2006

O desafio da língua persa consiste em aglutinar e encompridar.

Uma gramática forte, cuja dificuldade não se parece nem de perto com o quase impossível do turco, que é das línguas mais rochosas com as quais me deparei.

24 Marco Lucchesi, **Os olhos do deserto.** Rio de Janeiro: Record, 2000. p. 81

25 Idem.

26 Flusser, **Língua e Realidade**, p. 163.

Mas como é bela a língua turca (...) Gosto dos tremas curtos – para os distinguir dos longos, praticados pelo húngaro, com os quais *relativamente* se aparentam – e tento imaginar a passagem da China para a Anatólia, partindo das longas caravanas de suas palavras, como a dar prova das amplas fronteiras na noite em que se perde a história dessa língua"[27].

Prossegue Lucchesi: "20. 03. 2007

Observo a passagem do conceito para a metáfora. A circulação do pensamento-poético, desde os adjetivos mais voláteis aos abismos do pensamento. A franja do intraduzível. Tangenciar conceito e imagem..."[28].

Mas. Como afirmamos anteriormente Marco Lucchesi é um poeta nato. "A poesia é, pois, a produção da língua. De onde produz o poeta a língua? *Ex nihilo,* daquele nada indizível que é o Alfa e o Ômega da língua. (...) como pode a poesia subir ou descer até o nada para dele [o polo] arrancar nova língua? Os antigos o sabiam: graças às musas. Os poetas, essas bocas das musas, são os canais através dos quais o nada se derrama por sobre a língua, realizando-se nela. A poesia é o

27 **A flauta e a Lua**, p. 146.
28 Idem, p. 154.

lugar onde a língua suga potencialidade, para produzir realidade" [29].

Sínteses (não fórmulas) inconclusas...

V. O conjunto de obras de Marco Lucchesi é marcado pela estética do labirinto como detalha, de forma fundamentada, um dos ensaios desta obra.

I. A estética do labirinto é regida por uma arquitetura musical oscilante. Cambaleante. Sem invariáveis ou constantes. O abismal é a sua aura. Aromática.

IX. O processo de criação de Marco Lucchesi é insondável, como todos, mas o seu alto grau de originalidade advém de sua intuição sensorial-intelectual como exposto e fundamentado nesta apresentação. A intuição intelectual é a única que permite, além da sensorial, um envolvimento mais profundo de percepção que, de fato, compreende a relação entre o ser e o cosmos. No entanto, como observado nesta apresentação, enquanto a intuição sensorial é inata, a intuição intelectual deve ser cultivada. Travessia, sem placas de sinalizações, para os raros como é o

29 **Flusser**, p. 193.

caso de Marco Lucchesi. Talvez as travessias sejam regidas pelos diálogos com as estrelas... quem saberá? Ou nos sussurros entre a *flauta e a lua* sob os *domínios da insônia* e o olhar, quase implacável, dos *olhos do deserto.*

III. Marco Lucchesi exige a exatidão daquilo que vê, observa e sente. Mas sabe dos abismos, ora mais leves, ora mais profundos, que o separam "dos fenômenos".

VIII. A liberdade, em todos os eixos, (natureza e graus), do poeta é soberana. Em grande parte justifica o inalcançável que o caracteriza. Marco não deixa pistas, explícitas, do que é, foi e será. (presente, passado e futuro?)

VII. Todos os registros de Marco Lucchesi (poesias, romances, ensaios, discursos, entrevistas, cartas, traduções) são atravessados por um alto grau de experimentalismo. Não existe escapatória. Mas o poeta possui também, (como fundamentam alguns dos ensaios desta obra), obras radicalmente experimentais. Em outras palavras: obras que não se enquadram em

nenhuma "tipologia" textual estabelecida pelas famosas, pretensas e imprecisas "classificações".

XIII. O conjunto de obras (registros) de Marco Lucchesi, ao serem analisados sob as mais variadas perspectivas, exigem, por si só, uma "metodologia" própria. Em outras palavras: não há como estabelecer um método prévio de análise ou interpretação. Como tantas vezes nos alertaram os grandes pensadores para tudo aquilo que contém originalidade e se mostra "irreconhecível" não somente pelo senso comum. Portanto, cada texto de Lucchesi, por ele mesmo, exige uma "metodologia" própria. Muitas vezes tortuosa. Labiríntica e composta, sempre, de variáveis e inconstantes.

Advertência!

O conjunto das obras de Marco Lucchesi, seguramente, levam seus leitores a práticas das transformações silenciosas.

O diálogo interdisciplinar na poética de Marco Lucchesi ou a estética do labirinto

Advertências preliminares

Mergulhar, da superfície à profundidade, no conjunto de obras do poeta, romancista, ensaísta, tradutor, Marco Lucchesi, é um desafio tão arriscado quanto pular do último degrau da Torre de Babel. ("Do abismo para o abismo" [30]). Desabar em um labirinto, que como tal, não possui, matematicamente, nenhuma invariável. (Regido exclusivamente por variáveis em espaços de indeterminação.) Desvendar "um homem solitário diante de sua dolorosa solidão" [31] e temporalidades (meio-dia?).

Lucchesi possui um conjunto extenso de obras. De uma pluralidade onde o conceito de gênero e interdisciplinaridade, uma vez mais, deveriam ser repensados seriamente. Ensaios, poemas, romances, traduções e projetos experimentais (tão bem conceituados por Haroldo de Campos). Labiríntico, o percurso poético de Lucchesi não se perfaz em linhas de sucessões, mas por cintilações desestabilizadoras. Não há uma direção a seguir. Estética do labirinto. ("Onde é o começo? É alguém ou alguma coisa que começa?" [32]). Desdobra-se sob o fascínio do surpreendente. E quando o leitor pensa que encontrou a saída é mobilizado por ressonâncias. Isto é, "o anterior e posterior, o inacabamento e o incomeço que pertencem por essência à ressonância" [33].

30 Marco Lucchesi, **Teatro Alquímico,** p. 93.
31 Idem**,** p. 15.
32 Maurice Blanchot, **Uma voz vinda de outro lugar,** p.31.
33 Jean-Luc Nancy, **Demanda,** p. 80.

O leitor, inclusive, há de encarar a sedução proposta por Sartre: "o escritor sabe que fala a liberdades atoladas, mascaradas, indisponíveis; sua própria liberdade não é assim tão pura, é preciso que ele a limpe; é também para limpá-la que ele escreve" [34]. Lucchesi compreende a formulação poética enquanto um pensamento que se deve dizer. Mas não desenvolver. O inacabado. Nessa perspectiva, para o autor, "poesia e literatura não suportam a insistência de uma significação ou de um conjunto de significações já constituídos e organizando-se pela coerência de um discurso unicamente lógico" [35] como tão bem adverte Blanchot. Um dos maiores exemplos disso, no conjunto das obras de Lucchesi, é o alto experimentalismo na obra *Rudimentos da Língua Laputar:* "Trata-se de uma língua perdida, que procurei, como paciente e desesperado arqueólogo, trazer de volta a nossos dias, na medida de minhas forças, apesar dos inúmeros entraves criados pela mistificação do livro *Gulliver's Travels" [36]*.

Enfim, a poética de Marco Lucchesi é uma espécie de prova, quase definitiva, de que literatura, acima de tudo, não se faz apenas com ideias vagas e pensamentos dispersos. Ou seja, as famosas afirmações, sempre esgarçadas, de lugar comum, que banalizam o rigor da verdadeira literatura e subtraem a responsabilidade irrestrita de quem tomou para si desvendar os grandes mistérios que regem, não somente, o Universo. Eis uma literatura que dialoga, tranquilamente, com a História, Filosofia, Matemática, Astronomia, Física e outras áreas do conhecimento. Subjaz em todo seu diálogo poético interdisciplinar a compreensão de que, (especialmente com Octavio Paz, Gaston Bachelard, Gilles Deleuze e Ernesto Sabato), para os poetas existem zonas de realidade não apreensíveis pela racionalidade. "Prefiro o céu de Blan-

34 **Que é a literatura?,** p. 60.
35 Maurice Blanchot, **Uma voz vinda de outro lugar,** p. 7.
36 Marco Lucchesi, **Rudimentos da Língua Laputar,** p. 9.

qui, mil vezes superior ao esquálido sistema positivo (...) aposto na beleza das janelas diante do infinito" [37]. Além disso, Lucchesi estabelece (em muitas obras) o diálogo, essencial e fundamental, entre Ocidente e Oriente como demonstram sua belas traduções advindas do romeno, italiano, árabe, persa, somente para ficarmos com alguns exemplos.

Da solidão da obra

O conceito de solidão pode ser apreendido sob diversos aspectos. Fala-se muito dela. Aquela que designa um estado individual e do qual não podemos escapar. Há a solidão histórica e tantas outras. O conjunto literário de Marco Lucchesi é marcado pela solidão da obra. Aquela solidão tão bem definida por Blanchot [38]. Em que consiste a solidão da obra? O que Blanchot designa por solidão essencial. O escritor diante de um trabalho que jamais tem um fim. Estética do labirinto. O escritor que tem diante de si [39]:

A cada folha
em branco a cada
verso
inexistente
a baba do dragão

A solidão essencial... "irreparável solidão?"[40] . A consciência do escritor de que sua obra é sempre inacabada. Rumo ao infinito. O vazio da folha em branco. A solidão de Lucchesi, ainda na esteira de Blan-

37 Marco Lucchesi, **O Dom do Crime,** p. 11.
38 **L' espace littéraire,** p. 17.
39 Marco Lucchesi, **Sphera,** p. 37.
40 Marco Lucchesi, **Poemas Reunidos,** p. 51.

chot, de que essa condição o coloca em risco, ou seja, o que pertence, de fato, à obra, está, na verdade, ao que está sempre ao que vem antes dela. Ouçamos o ressoar da poesia[41]:

As páginas brancas
do livro
do mundo e o sonho
verde
do alquimista

Lembremos Foucault: "Neste momento em que escrevo e em que me falta tão cruelmente a certeza de poder fazer um livro (...) escrevo hoje e aqui a partir de sua inexistência e do vazio que eles deixaram em mim" [42]. Da solidão essencial da obra e do escritor advém a universalidade da voz literária. A universalidade no sentido de um eu que deve, obrigatoriamente, reconhecer-se fora de si mesmo. A solidão total do escritor ao se deparar com o abismo de sair de si sem qualquer âncora. Nas palavras do poeta [43]:

Cai a tarde sobre o campo.
Pelos tristes caminhos, um ser,
imoto e solitário,
provando uma estranha
soledade, uma privação de tudo,
um vasto abandono,
um leve
crepuscular desespero,

41 Idem, p. 53.
42 **Michel Foucault,** p. 43.
43 Marco Lucchesi, **Poemas Reunidos,** pp. 112-113.

contempla o ouro gasto do Sol
e as
imensidões
da
Terra.

Das belezas
do acaso
se apodera,
de sonho
e solidão,
enquanto
haure
o singular
mistério
da distância,
e seu aroma
de tristeza
e abandono,
de golfos
extremados,
enseadas
convulsas
ilhas
torturadas.

O maior desafio para um escritor de verdade é o não ser ele mesmo. Nada pior do que o 'eu'. Muitos pensadores já disseram isso. Enganam-se aqueles que acham que escrever é 'contar a historieta de

sua própria vida'. Escrever, acima de tudo, é buscar uma universalidade. E para tal empreendimento somente uma voz universal. A voz que fala por uma mulher, sem ser mulher. A voz que fala por um gato, sem ser o gato. A voz que fala por um cavalo, sem ser o cavalo. Observe-se no poema em questão de Lucchesi, o eco universal. O abandono. Na verdade, talvez, a melhor síntese, neste caso, seria a voz da solidão. Em outras palavras: a solidão falando por ela mesma. Impessoal. A voz do universal como também é o caso de Lucchesi falando pelo deserto, ou o devir-deserto "(...) mas uma noite, Leila, flutuava em teu rosto, banhado de sombras, e se revelava num claro fulgor, longe dos males do exílio, das mortes que se abatem, nas folhas levadas pelo vento, tristes desarmonias, desferidas pelo fundo das coisas..." [44]. E para tanto é preciso desviar-se de si. Deixar de ser a si mesmo. A renúncia absoluta.

A solidão essencial, a da obra, a do escritor, proposta por Blanchot, não passa despercebida à sensibilidade de Ana Miranda num miniconto dedicado ao poeta: "(...) nesse mesmo quase silêncio escorrega a memória de ele [Marco Lucchesi] ontem a tocar piano, debruçado, intenso, sem olhar nenhuma partitura, sem olhar as teclas, olhando para dentro de si, de suas recordações, de seus silêncios. (...) mas ele não me vê, nem poderia me ver, sou ausência, ele toca enfeitiçado e surdo as teclas de seu piano, compondo poemas em formas de sons, [e a arquitetura do labirinto oscila] às vezes entusiasmados, às vezes distraídos, sob a influência de suas galáxias longínquas, seus mares azuis inacabados, suas águas claras, seus deuses sem definição, a beijar pedras, palavras sussurradas e rebanhos, tornando tudo o mesmo horizonte" [45].

Qual o horizonte do poeta? Em suas palavras: "Um quadro absolutamente feroz, entre diferença e repetição, em que homens e planetas quimicamente se desdobram como num sonho vasto. Presente que

44 Marco Lucchesi, **Os olhos do deserto,** p.29.
45 **Revista Brasileira,** p. 209.

é irmão do abismo, com universos inacabados, preenchendo a solidão, como se lhe diminuísse o horror ao vazio, num agora crescente vertiginoso" [46]. A obra ao infinito, ainda com Blanchot, porque um escritor, de verdade, jamais termina uma obra. Estética do labirinto. (Os ecos, furiosos, de Nietzsche: "Meus impulsos e minhas intenções estão confusos (...) e se tornam labirínticos: de modo que não sei como deixá-los" [47]). Seu projeto é sempre inacabado. Uma obra aponta para aquela que haverá de surgir. E com isso, novamente, a solidão do poeta, estritamente vinculada à solidão da obra.

Em outras palavras, a obra ao infinito, no conjunto de Lucchesi, é notadamente marcada pela busca. Estética do labirinto. ("o rastro de uma busca interminada, sempre a ponto de se completar e que jamais se completa" [48]).

Clio é, fundamentalmente, a busca de uma memória histórica. Obra composta por três partes cujo fio condutor que as une está, inclusive, em seu projeto estético. Mas, sobretudo, a consciência poética, tão bem definida por Octavio Paz, de que a poesia não está a serviço da História, como no poema ***Ofício***:

a superfície em que sou imerso
esta
e não outra
minha profundidade

O diálogo de Lucchesi com a História se estende, também, aos seus romances. Na obra *O Dom do Crime,* o narrador coloca as vozes de Machado de Assis numa sinfonia com a História do Brasil. Disso re-

46 Marco Lucchesi, **A Eternidade pelos Astros,** p. 9.
47 **Correspondencia, Volumen IV,** p. 403.
48 Ettore Finazzi-Agrò, **A memória de Ulisses,** p. 12.

sulta um diálogo com a literatura machadiana que recupera, vivamente, uma tradição histórica e literária. Um eu que se distancia dos fatos que irá tratar nos romances e, ao mesmo tempo, resgata o clima do passado. Quais os contornos que estruturam tal diálogo com a História e com a Literatura? Neste caso, uma ironia marcada pelo requinte e erudição daqueles que conhecem profundamente a história do Brasil e os finos meandros da literatura machadiana. Daí surge um diálogo, (urgentíssimo para o nosso país de hoje), entre os limites do 'real' e do 'ficcional'. A leitura de *O Dom do Crime,* entre tantas outras coisas, provoca a busca de nossas tradições. Convoca a reflexão. E, acima de tudo, deixa claro que: "A História é o centro de um mundo épico. O singular e o irrepetível morrem no oceano do tempo. Apenas a ficção há de ser o anjo da guarda das formas individuais, a memória de uma paisagem agostiniana" [49]. Eis a síntese ficção-verdade-realidade que orquestra a obra. Obriga-nos a uma profunda revisão da história. O legado de uma tradição que deve ser repensado. Alterado? Atualizado?

Tal diálogo se estende ao outro romance do autor, ou seja, *O Bibliotecário do Imperador.* Neste romance o que impera é o longo diálogo com os livros. Com as bibliotecas. Acima de tudo, a questão da verdade, em especial, as brumas pelas quais são regidas uma autobiografia, verdade e ficção. Um exercício de reflexão labiríntico.

O diálogo com as ciências

Os ensaios, os poemas e os romances de Lucchesi estão em constante diálogo com as ciências. No entanto, chama a atenção, nesta perspectiva, a obra *Hinos Matemáticos.* Como o próprio título indica, neste livro, literatura, filosofia e matemática estão mais interligados, como no poema **Eros:**

49 Marco Lucchesi, **O Dom do Crime,** p.38.

Serpeiam por difuso sortilégio
dois amorosos números solares
de mãos dadas: o 220
com o 284
Bastou que se encontrassem e disseram
os versos que de pronto os definia:
eu morro em mim para nascer em ti

Este poema não possui uma linguagem que faz empréstimos, sem garantias, (como geralmente é o lugar comum), de termos matemáticos. Temos aqui, acima de qualquer coisa, conceitos matemáticos que se desprendem num enlace amoroso. O tom erótico (levíssimo). A poesia da matemática. "Números amigos. Números especulares. A soma de seus respectivos divisores resulta no outro" [50]. Este diálogo com a matemática nos leva a pensar o que, de fato, exige o olhar interdisciplinar, ou seja, não basta jogar ao acaso números, dados e símbolos. Nas palavras de Ubiratan D'Ambrosio: "A dúvida final de Sócrates, sobre como se reconhece um amigo, no *Lísis* de Platão, recebe de Marco Lucchesi uma emocionante resposta, quando diz '**eu morro em mim para nascer em ti',** no poema ***Eros,*** ao refletir sobre números amigos como introduzidos pelo Pitágoras místico" [51]. Ouçamos Lucchesi: "A ideia da beleza na matemática, que se encontra em diversos autores, como Hardy ou Poincaré, causou em mim grande impacto. Como se me deparasse com uma verdade perdida, um substrato arqueológico que me parecia estranhamente familiar e decisivo. Apreciava na geometria do caos o conceito de escala ou de autossemelhança, esse fio de Ariadne, diante de cujos labirintos ["Vir para onde? Vir, ainda que para lugar nenhum, apenas lá onde — nas fendas do morrer — a luz incessante (que

50 Marco Lucchesi, **Hinos Matemáticos,** p. 38.
51 Idem, p. 10.

não ilumina) fascina". [52] fractais eu descobria saídas e passagens" [53]. Estética do Labirinto.

De memórias e diários

Muitos escritores mantiveram diários e memórias ao longo de seus percursos literários. Gide, Seféris e tantos outros. No entanto, no caso dos grandes escritores, o diário não é um registro de lamúrias e projeções de um eu. Eis aqui a sutilíssima advertência de Blanchot [54]: há uma necessidade vital do escritor lembrar-se de si mesmo! Precisa saber quem é quando não escreve. Afinal, possui um cotidiano. Possui uma vida! Em *Saudades do Paraíso,* por exemplo, os postulados de Blanchot ficam muito claros na literatura de Lucchesi: "O deserto é um espelho e o Marrocos acenava como a promessa de uma salvação incondicional de mim mesmo. Farto de meus pensamentos, abespinhado com os meus dias, anotei antes de viajar: 'Ainda não desapareci totalmente de mim. Persisto. Perlustro. Persigo minha solidão e suporto minha escassa permanência'. Subjugavam-me o peso das leituras e o fantasma da morte" [55]. Claramente o escritor precisava lembrar de que tem uma identidade que não a mesma daquele que escreveu! E também: "Sou uma nuvem de livros e ideias fervilhantes. Inúteis delimitações da decadência, em Gibson, e da teologia, em Al-Ghazali. Horizonte de nuvens carregadas. Sentimentos opacos. Este sou eu." [56]. Estética do labirinto. "Há uma imagem de Bergson, que representa a vida como o fio da meada ["...o delicado fio de Ariadne..." [57]] que também pode

52 Maurice Blanchot, **Uma voz vinda de outro lugar,** p. 101.
53 Idem, p. 51.
54 **L'espace littéraire,** p.24.
55 **Saudades do Paraíso,** p. 69.
56 Marco Lucchesi, **Os olhos do deserto,** p. 81.
57 Marco Lucchesi, **Carteiro Imaterial,** p. 97.

retornar a si mesma, valorizando talvez algo que possuíamos e de que não tínhamos consciência" [58]. Mas "filosofar não vai sem elã, muito menos sem um elã violento, que lança adiante e que arranca também: que arranca ao sentido depositado, sedimentado, meio decomposto e que lança a um sentido possível, sobretudo não dado, não disponível, que é preciso espreitar, surpreender em sua vinda imprevisível e jamais simples, jamais unívoca" [59].

Advertências provisórias (quase)

O diálogo interdisciplinar poético de Marco Lucchesi é estruturado pela estética do labirinto que, por sua vez, é regida pela erudição, diálogo permanente com o exercício do pensamento. Com o inacabado: sensível e inteligível apontam para o infinito. Instante-síncope? Pensando com certos pressupostos de Deleuze, a respeito de literatura, e diante do que foi exposto neste ensaio, facilmente se distingue aqueles que possuem 'intenções literárias' e os raros que podem, realmente, dizer-se escritores. Atente-se para a importante advertência de Ettore Finazzi-Agrò: "O que espanta, em Marco, não é apenas a amplitude de suas atividades culturais (tradutor, crítico, editor de revista, estudioso de línguas), mas sim a sua capacidade de transitar ["poeta que sempre viajou através dos séculos e das estrelas" [60]] por essas atividades mantendo uma coerência de fundo, um rigor e uma capacidade de se exprimir na pluralidade que tem poucas comparações, que eu saiba, no mundo" [61].

Para os poetas autênticos, cujas liberdades são intransferíveis, prêmios são secundários. Entretanto, sem hesitações, pode-se também advertir que Marco Lucchesi é um dos únicos (do mundo) e deste país,

58 Marco Lucchesi, **A Memória de Ulisses,** p. 201.
59 Jean-Luc Nancy, **Demanda,** p. 36.
60 Nise da Silveira, **Viagem a Florença,** p. 63.
61 **Memória de Ulisses,** p. 10.

(labiríntico, plural, cintilante, oscilante, entremeado [pelas mais diversas solidões]), digno (mesmo se considerarmos as amarguras relativas a prêmios de Thomas Bernhard) de receber o Nobel de Literatura.

O fio de Ariadne da estética do labirinto de Marco Lucchesi é tecido pelo sublime. Eterno fascínio. Nas palavras de Deleuze: "Dioniso é a afirmação do Ser, mas Ariadne é a afirmação da afirmação, a segunda afirmação ou o devir-ativo" [62]. A estética do labirinto da literatura de Marco Lucchesi balança (*linhas sísmicas, como se nada/ mais pudesse/ permanecer de pé* [63]) a arquitetura do próprio labirinto visto que a torna sonora e musical. Uma música que faz desmoronar os territórios e tremer a arquitetura (*flutua /em mil pedaços* [64]) do labirinto [65]. Sob tal ótica, nossas convicções abrem-se e dividem-se em intervalos. O fio de Ariadne, neste caso, lança, relança, dança e define uma flutuação... "o ***momento musical***: a passagem do tempo para fora do tempo, a composição dos presentes passados e por vir num presente que não é o da presença dada, mas o do lembrete e da espera, o presente composto de uma tensão em direção ao retorno infinito de uma presença nunca dada, sempre essencialmente - eternamente - escapada" [66]. Convolados, somos convidados aos silêncios e conceitos que se dissolvem ao *ressoar da ramagem* que *recorda a melodia dos tempos* [67].

62 **Crítica e Clínica,** p. 118.
63 Marco Lucchesi, **Poemas Reunidos,** p. 150.
64 idem**,** p. 45.
65 'Inspiro-me' nas cintilações de Deleuze em sua leitura poética de Nietzsche-Wagner.
66 Jean-Luc Nancy, **Demanda,** p. 80.
67 Marco Lucchesi, **Poemas Reunidos,** p. 196.

Referências Bibliográficas

BLANCHOT, Maurice. **L'espace littéraire.** Paris: Gallimard, 2012.

_____. **Uma voz vinda de outro lugar.** Tradução de Adriana Lisboa. Rio de Janeiro: Rocco, 2011.

BLANQUI, Louis-Auguste. **A eternidade pelos astros.** Organização de Marco Lucchesi. Tradução de Luciana Persice. Rio de Janeiro: Rocco Jovens Leitores, 2016.

DELEUZE, Gilles. **Crítica e Clínica.** Tradução de Peter Pál Pelbart. São Paulo: Ed. 34, 1997.

FOUCAULT, Michel. **Michel Foucault.** Tradução de Abner Chiquieri. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2014.

LUCCHESI, Marco. **A Flauta e a Lua: poemas de Rûmî.** Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2016.

_____. **Poemas Reunidos.** Rio de Janeiro: Record, 2000.

_____. **Os olhos do deserto.** Rio de Janeiro: Record, 2000.

_____. **Saudades do Paraíso.** Rio de Janeiro: Lacerda Ed., 1997.

_____. **Clio.** São Paulo: Biblioteca Azul, 2014.

_____. **A memória de Ulisses.** Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2006.

_____. **Viagem a Florença: cartas de Nise da Silveira a Marco Lucchesi/organização de Marco Lucchesi.** Rio de Janeiro: Rocco, 2003.

_____. **O bibliotecário do Imperador.** São Paulo: Globo, 2013.

_____. **Carteiro Imaterial.** Rio de Janeiro: José Olympio, 2016.

_____. **Hinos Matemáticos.** Rio de Janeiro: Dragão, 2015.

_____. **Rudimentos da Língua Laputar.** Rio de Janeiro: Dragão, 2015.

_____. **O Dom do Crime.** Rio de Janeiro: Record, 2010.

MIRANDA, Ana. In: Lembrança de uma manhã. Revista Brasileira 88: Rio de Janeiro, 2016.

NANCY, Jean-Luc. **Demanda: Literatura e Filosofia.** Tradução de João Camillo Penna et.ali. Florianópolis: Ed. UFSC/Argos, 2016.

NIETZSCHE, Friedrich. **Volumen IV.** Tradução de Marco Parmeggiani. Madri: Editorial Trotta, 2010.

SARTRE, Jean-Paul. **Que é a literatura?** Tradução de Carlos Felipe Moisés. Petrópolis, RJ: Vozes, 2015.

Estética do labirinto-tempo-memória na literatura de Marco Lucchesi



68

Laberinto [69]

No habrá nunca una puerta. Estás adentro
y el alcázar abarca el universo
y no tiene ni anverso ni reverso
ni externo muro ni secreto centro.
No esperes que el rigor de tu camino
que tercamente se bifurca en otro,
que tercamente se bifurca en otro,
tendrá fin. Es de hierro tu destino
como tu juez. No aguardes la embestida
del toro que es un hombre y cuya extraña
forma plural da horror a la maraña
de interminable piedra entretejida.
No existe. Nada esperes. Ni siquiera
en el negro crepúsculo la fiera.

68 **Os olhos do deserto,** p. 70.
69 Jorge Luis Borges, **Poesía Completa,** p. 306.

A estética do labirinto-tempo-memória pode ser:

um poço
estranho
mudo
e longilíneo [70]

E ainda:
O segredo mais fundo
do que somos
e das coisas que nos cercam [71] porque somente o tempo e a memória podem dar a segurança de uma continuidade e identidade que nos revela, a cada instante (se pretende eterno, mas passa) dando a permissão necessária para que o homem se reconheça enquanto um eu. Arremessado em abismos? Ou nas incertezas que nos atiram para o nada?

A estética do labirinto-tempo-memória pode ser:

a* + *ib [72]

Ou [73]:

Uma teia de números vertiginosa

["Ouço por exemplo, à noite, sete badaladas e sei que, no círculo noturno das doze horas, meia-noite corresponde às 17 horas, subtraio então cinco de sete e obtenho assim 14 horas"[74].]

70 Marco Lucchesi, **Meridiano celeste & Bestiário**, p.36.
71 Marco Lucchesi, **Meridiano celeste & Bestiário,** p. 72.
72 Idem, **Hinos Matemáticos,** p. 33.
73 Idem, p. 32.
74 Goethe, **Viagem à Itália,** p. 63.

Insubmissa e que não cede
ao horizonte exacerbado do silêncio

{"Fico sozinha para encontrar a resposta. Agora os números são significam coisa alguma. O sentido se foi. O relógio tiquetaqueia. Os ponteiros são comboios marchando por um deserto. As listras negras na cara do relógio são oásis verdes. O ponteiro comprido marchou para encontrar água ["Um copo de água ("Alguém se afoga/ na solidão impérvia/ dessas águas" [75]) Morro-me de sede" [76]] O outro cambaleia penosamente entre pedras ardentes no deserto. A porta da cozinha bate. Cães selvagens latem ao longe. Vejam, a curva do algarismo começa a encher-se de tempo e contém em si o mundo. Começo a desenhar um algarismo e o mundo está contido na sua curvatura, e eu própria fora dela; agora, fecho essa curva — assim — e a cerro e torno-a inteiriça" [77].}

Centelha que esplandece
aos olhos do futuro

*E tudo o que **não diz***
é como se dissesse

E, também, [78]:

a máquina
do mundo

75 Marco Lucchesi, **Hinos Matemáticos,** p. 31.
76 Idem, p. 27.
77 Virginia Woolf, **As Ondas,** pp. 17-18.
78 Marco Lucchesi, **Poemas Reunidos,** p. 44-45.

Mas pode ser [79]:

Quatro e dez. Quatro e vinte.(...) Quatro e vinte. Quatro e meia. (...) a litania dos relógios, esses, que adquirem à noite nova epiderme. De cordeiros passam a monstros, ruidosos, como se anunciassem o fim do mundo.

Assim como:

Transfinito [80]

O conjunto de obras de Marco Lucchesi, sob nossa ótica, apenas pode ser entendido, em sua abrangência, se pensarmos numa Estética do Labirinto [81], cujo fio de Ariadne é tecido pelo sublime. Fio de ouro que cintila. Eterno fascínio. Nas palavras de Deleuze: "Dioniso é a afirmação do Ser, mas Ariadne é a afirmação da afirmação, a segunda afirmação ou o devir-ativo" [82]. A Estética do Labirinto da literatura de Marco Lucchesi balança (*linhas sísmicas, como se nada/ mais pudesse/ permanecer de pé* [83]) a arquitetura do próprio labirinto visto que a torna sonora e musical. Uma música que faz desmoronar os territórios e tremer a arquitetura (*flutua /em mil pedaços* [84]) do labirinto [85]. Sob tal ótica, nossas convicções abrem-se e dividem-se em intervalos. O fio de Ariadne, neste caso, lança, relança, dança e define uma flutuação... "o

79 Marco Lucchesi, **O Bibliotecário do Imperador**, p. 51.
80 Marco Lucchesi, **Hinos Matemáticos,** p. 28.
81 Estética do Labirinto é o conceito que estabelecemos como chave para a compreensão do conjunto de obras do autor. Parte do conceito que foi publicado em um ensaio da **Revista Filosofia** de no.130, 2017, Editora Escala/São Paulo.
82 **Crítica e Clínica,** p. 118.
83 Marco Lucchesi, **Poemas Reunidos,** p. 150.
84 Idem**,** p. 45.
85 'Inspiro-me' nas cintilações de Deleuze em sua leitura poética de Nietzche--Wagner.

momento musical: a passagem do tempo para fora do tempo, a composição dos presentes passados e por vir num presente que não é o da presença dada, mas o do lembrete e da espera, o presente composto de uma tensão em direção ao retorno infinito de uma presença nunca dada, sempre essencialmente — eternamente — escapada" [86].

Convolados, somos convidados aos silêncios e conceitos que se dissolvem ao *ressoar da ramagem* que *recorda a melodia dos tempos* [87]. Nesta escala... "el camino bajava y se bifurcava, entre las ya confusas praderas. Una música aguda ["Sou muitas vezes capturado pela melopeia, como um fio de Ariadne, quando meu labirinto, ou, *laborintus,* segundo alguém disse, torna-se mais incerto, escuro e tormentoso. A música é o fio de ouro, uma janela aberta, luminosa e alta, que me faz prosseguir às cegas. Tenho um piano dentro de mim e não sei até que ponto esqueceram de afiná-lo" [88].] y como silábica se aproximava y se alejaba en el vaivén del viento, empañada de hojas y de distancia" [89].

El Laberinto [90]

Zeus no podría desatar las redes
de piedra que me cercan. He olvidado
los hombres que antes fui; sigo el odiado
camino de monótonas paredes
que es mi destino. Rectas galerías
que se curvan em círculos secretos

86 Jean-Luc Nancy, **Demanda,** p. 80.
87 Marco Lucchesi, **Poemas Reunidos,** p. 196.
88 Entrevista concedida à **Revista Filosofia**, no. 128/ Editora Escala/São Paulo.
89 Jorge Luis Borges, **Ficciones,** [não paginado].
90 Jorge Luis Borges, **Poesía Completa,** p. 306.

al cabo de los años. Parapetos
que ha agrietado la usura de los días.
En el pálido polvo *he descifrado*
rastros que temo. El aire me ha traído
en las cóncavas tardes de un bramido
o el eco de un bramido desolado.
Sé que en la sombra hay Otro, cuya suerte
es fatigar las largas soledades
que tejen y destejen este Hades
y ansiar mi sangre y devorar mi muerte.
Nos buscamos los dos. Ojalá fuera
éste *el último día de la espera.*

Caminhar pela estética do labirinto-tempo-memória do conjunto de obras de Marco Lucchesi é ir ao encontro ("além da superfície e do rumor das coisas, aos claustros e aos jardins cultivados" [91]) misterioso (paradoxal?) do ***Pabellón de la*** Límpida ***Soledad*** do **Jardín de senderos que se bifurcan** de Borges [92]. Tempo e memória pendulares, caudalosos, sinuosos, indissociáveis. Memórias musicais. Silêncios! Intervalos! Instantes! Duração! Proliferam-se as variáveis. Inclusive, variáveis independentes. Sutis! Enganosas! Armadilhas ardilosas, ["*os fios de uma noite sem estrelas*" [93]], que somente um leitor atento poderá identificar *essa memória*

impenitente
(...) inefável luminoso labirinto [94]

91 Marco Lucchesi, **Saudades do Paraíso**, p.83.
92 Ficções, [sem paginação].
93 Marco Lucchesi, **Hinos Matemáticos,** p.15.
94 Marco Lucchesi, **Meridiano celeste & Bestiário,** p. 33.

M.L.[IV]. "laberinto de laberintos (...) sinuoso laberinto creciente que abarcara el passado y el porvenir y que implicara de algún modo los astros" [95]

Lembremos, com Deleuze[96], de que "a verdade tem uma relação essencial com o tempo". Como se apresenta isso no conjunto de obras de Marco Lucchesi? Em diversos momentos. Um a ser destacado é o seu diálogo com a história. Que ora se manifesta por meio de seus poemas, ora por meio de seus romances e, também, por meio de seus ensaios.

Em *O bibliotecário do Imperador*, diálogo com a história e a memória, há um entrelaçamento: ficção e realidade. Coloca-se em dúvida os limites entre o real e o ficcional. Mas um ponto essencial deste romance é o entrecruzamento dos diversos planos temporais em que o autor explica a gênese do livro: "Preciso voltar ao tempo zero do romance (...) Não me esqueço de quando encontraram um segundo exemplar do livro **Harmonias** de Kepler. Deu-se na mesma época em que me perdia nos armazéns da Biblioteca Nacional, na montagem da exposição dos duzentos anos, 'Uma defesa do infinito'. ["un laberinto que fuera estrictamente infinito" [97]] Dez milhões de itens representados por magros e preciosíssimos duzentos! A espessura do infinito devia abranger o volume do mundo (...) O **Harmonias** encerra essa beleza irresistível, na sublimada música das esferas. Eu visitava sem medo as profundezas do cosmos e da Biblioteca, na selva de mapas, códices antigos, iluminações" [98]. Prossegue Lucchesi: "Perdia-me com estrelas mortas que brilhavam no céu de antigos jornais. Temia incorrer num desfile de nomes, cair no espelho do nada, adstrito a um conjunto de

95 Borges, **Ficciones,** [sem paginação].
96 **Proust e os signos,** p.15.
97 Borges, **Ficciones,** [sem paginação].
98 **O bibliotecário do Imperador,** p. 13.

bibliotecas ou livrarias, frequentadas por falsários, bibliófilos e ladrões. Assim vagava eu incerto, quando me deparei com uma figura sufocada (*sei que o tempo/ é um mar/sem fundo* [99]) no silêncio de um século. Não me perguntem como cheguei (*a carta de achamento/ onde me perco* [100]) a Inácio Augusto Raposo, responsável pela biblioteca particular de dom Pedro II, em vista da qual perdeu a própria vida" [101].

Inácio Augusto Raposo é um bibliotecário cuja paixão são os livros. Livros e memória. Memória e livros. Ou: "Memória atemporal dos livros que dormem"[102]. A investigação da vida do bibliotecário. E a trama, num vai e vem, enlaça, nós, leitores, em busca do real e do ficcional. Quase impossível, ao término da leitura, não ir em busca de fontes que ultrapassam os limites do romance. Alteram-se nossas (pretensas) convicções ao tentarmos reconstruir o que realmente se passou na época de Dom Pedro.

Como não pensar em Paul Ricoeur? "A memória coletiva é o verdadeiro lugar da humilhação, da reivindicação, da culpabilidade, das celebrações, portanto, tanto da veneração como da execração" [103]. Em que medida a história oficial e a memória coletiva precisam ser, realmente, confrontadas? Tal dialética conduz os leitores a uma interminável trilha que se bifurca. Com isso: "A história, por seu turno, fornece algo diferente do sentimento de pertencer ao mesmo campo de consciência temporal, ["Fiz um desvio perigoso, entre curvas de tempo fechadas e abertas, na companhia de Unamuno" [104].] em virtude do recurso que faz a documentos conservados num suporte material; isto é que lhe permite contar de outro modo, contar a partir do ponto de vis-

99 Marco Lucchesi, **Clio**, p. 48.
100 Marco Lucchesi, **Clio,** p. 43.
101 **O bibliotecário do Imperador,** p. 14.
102 Marco Lucchesi, **O bibliotecário do Imperador,** p. 27.
103 **A Crítica e a Convicção,** p. 124.
104 Marco Lucchesi, **O Bibliotecário do Imperador,** p. 89.

ta dos outros"[105]. História, memória coletiva e memória individual são expostas a reflexões muito profundas ao trilharmos pela narrativa de Lucchesi.

Somos levados a pensar, ["Pensar é fazer abstração de certas experiências, é mergulhá-las voluntariamente na sombra do nada" [106].] inclusive, na historiografia. Há, no romance, uma crítica sutil aos historiadores que, na maioria das vezes, 'exercitam' a metodologia da história (perseguindo a tal da objetividade histórica) em vez de ir à busca de uma sintonia, de fato, entre memória e história. Inclusive, que meça a seriedade da ficcionalidade. Não podemos deixar de considerar que qualquer obra narrativa encerra, em si mesma, um universo temporal. Inclusive: "o tempo torna-se tempo humano na medida em que está articulado de modo narrativo" [107]. Justamente na ficção, conclui Ricoeur, o tempo humano se mostra em sua plenitude e abrangência. A experiência temporal na ficção, talvez, seja mais ampla. Há uma reconfiguração temporal, afirma o pensador francês.

O autor-narrador, do romance em referência, expõe sua posição: "- Permita-me dizer-lhe Inácio, claramente o que penso. Antes de tudo, não admito fronteira entre vida e imaginação. Aliás, a idade das coisas límpidas e claras já passou. Porque do ponto de vista literário ou mesmo teológico, do nada [ecos dos *seis passeios pelos bosques da ficção*?) não vem coisa alguma" [108].

Em síntese: há um jogo indagativo, em toda a leitura da obra, em que história, ficção, memória, tempo humano e cosmológico se entrelaçam, como por exemplo: "E me pergunto se a morte do passado não passa de mera ilusão, de um dogma vazio de um alucinógeno do tempo? Há quem defenda que nada morre, nem mesmo as vibrações do

105 Paul Ricoeur, **A Crítica e a Convicção, p. 123.**
106 Bachelard, **A dialética da duração,** p. 23.
107 Paul Ricoeur, **Tempo e Narrativa,** p. 15.
108 Marco Lucchesi, **O Bibliotecário do Imperador,** p. 97.

passado, para o qual se pode teoricamente viajar, segundo os estudiosos das curvas de tempo fechado. A tirania do futuro seria provocada, em última instância, pela força gravitacional do sistema planetário, que nos impede a volta ao passado" [109]. Intrigante: "Haverá dia em que já não seremos escravos do futuro?" [110].

Resposta possível: "A ideia de tempo é produzida por um acúmulo de sensações, de esforços musculares, de desejos penosamente organizados. As mesmas sensações repetidas, os esforços repetidos no mesmo sentido, com a mesma intenção, constituem uma série cujos primeiros termos são menos distintos e os últimos, mais; assim estabelece-se uma perspectiva interior que vai para a frente, em direção ao futuro" [111].

No romance *O Dom do Crime*, predomina uma atmosfera de temporalidade em que são interseccionados presente, passado e futuro. Mas novamente, posta à prova, a questão do real e do ficcional. Uma história de amores que se entrecruzam e vão ao encontro da literatura de Machado de Assis (*Dom Casmurro*). Ritmos que se insinuam na nebulosa eternidade dos ciúmes. Em uma leitura menos atenta pode-se afirmar que o livro é um tratado sobre os ciúmes. Mas a literatura de Lucchesi requer decifração engenhosa de signos e estes, sabe-se, são enganosos. Escondem-se sob camadas. Capuzes capazes de recobrir a verdadeira intencionalidade do que significam. Em outras palavras: o romance em questão trata do amor. Porque os signos amorosos, ["HERTZ, Amorosa. *A segunda revolução copernicana.* Atenas: Diotima, 1998" [112].], extensíveis a qualquer dimensão, são misteriosos. Em *O Dom do Crime*

109 Idem, p.p. 86-87.
110 Idem, p. 87.
111 Jean-Marie Guyau, **A gênese da ideia de tempo e outros escritos,** p. 75.
112 Lúcio Marchesi, **Catálogo da Biblioteca do Excelentíssimo Senhor Marquês Umbelino Frisão,** p.70.

se pensarmos com Deleuze [113], quando analisa Proust, temos um caso inverso. *Em busca do tempo perdido*, afirma o filósofo, a busca é a do ciúme e não a do amor. No *O Dom do Crime,* a busca do ciúme, diferentemente de Proust, é a busca do amor. Porque amor e ciúme andam de mãos dadas-atadas. Porque o amor foge a qualquer lógica ou esquema predefinido. Mas a perspectiva, muito mais profunda e talvez, a matriz de tais questões, ressoam (somente para ficarmos com duas) em outras obras de Lucchesi: *Nove Cartas sobre a Divina Comédia* e *A Flauta e a Lua.*

Não podemos omitir a perspectiva histórica, de fundo, que é anunciada em *O Dom do Crime.* A sobreposição de épocas. No caso o Rio de Janeiro. Tal qual Goethe em *Viagem à Itália,* quando descreve Roma, fascinado, e afirma que "é impossível conhecer o presente sem reconhecer o passado" [114] ou: "É difícil, para aquele que contempla, descobrir como Roma sucedeu a Roma, não apenas como a Roma moderna sucedeu a antiga, mas também como as diferentes épocas de ambas se sobrepuseram umas às outras" [115]. Marco Lucchesi: "Fugitivo. Misterioso. O morro do Castelo, início de nossa história, com suas raízes quinhentistas, em cujas alturas se confundem os passeios de Macedo e Machado (...) Há quatro formas de subir ao Castelo e outras muitas de amá-lo. Gosto de subir pela ladeira do sofisma, ou da dúvida, que parece ser a mais adequada (...) Indago quantos Castelos habitam o morro do Castelo, quantos fantasmas o atravessam, quantos rostos se multiplicam dentro daquelas casas — segundo a pena que os descreve —, quantas histórias não se desprendem, ["a memória murmurava a ferrugem da lembrança" [116]] quantos segredos não guarda sua memória

113 Gilles Deleuze, **Proust e os signos**, p. 16.
114 Goethe, **Viagem à Itália**, p. 193.
115 Idem, p.153.
116 George Popescu, **Caligrafia Silenciosa**, p.53 (tradução de Marco Lucchesi).

geológica?" [117].

Não há como escapar da necessidade de revisitarmos *Dom Casmurro,* assim como Machado de Assis. Lucchesi nos lança (densos e tensos) ensaios na obra *Ficções de um gabinete ocidental* a respeito do grande mestre. Encaminha-nos por uma "trama simultânea de melodias [quais memórias?] que não apenas se superpõem, mas se interferem" [118]. Deparamo-nos, então, com *Machadiana,* sob sua responsabilidade, como editor e um dos organizadores, obra disponível, via digital, na Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro. E no **"labirinto dos labirintos"** adentramos nos catálogos de uma biblioteca, que, naturalmente, vai indicar as centenas de obras que envolvem Machado de Assis:

> O material que o leitor tem em mãos é o resultado do projeto de pesquisa empreendido pela Biblioteca Nacional no âmbito das homenagens pelo centenário de morte de Machado de Assis. Seu objetivo foi o de inventariar todo o material documental com autoria principal ou secundária de Machado distribuído pelos acervos de nossos setores: monografias manuscritas e impressas, correspondência ativa, documentos de cunho pessoal, letras de música. A este conjunto foram acrescentados os documentos iconográficos relativos ao escritor. 119

Prossegue o poeta:

> A pesquisa teve como base a compilação de dados fornecidos por autores especializados na produção machadiana: a *Bibliografia de Machado de Assis*, de Galante de Sousa, os *Dispersos de Machado de Assis* e *A juventude de Machado de Assis*, ambos de Jean-Michel Massa, além das contribuições individuais de diversos estudiosos e das revistas da Sociedade de Amigos de Machado de Assis – SAMA. Avançamos ainda com o auxilio de trabalhos outros, tais como o *Catálogo da Exposição Machado de Assis*, de 1939, e o da *Exposição comemorativa do sexagésimo aniversário do falecimento de Joaquim Maria Machado de Assis: acervo da Coleção Plínio Doyle*, de 1968. **120**

Observe-se que Marco Lucchesi foi o curador de Machado de Assis: cem anos de uma cartografia inacabada:

---

117 Marco Lucchesi, **O Dom do Crime,** p. 118.
118 José Miguel Wisnik, **O som e o sentido,** p. 127.
119 **Machadianas,** p.06.
120 Idem.

Finalmente, assinalem-se as poucas e importantes redescobertas feitas em 2008 pela curadoria da exposição da Biblioteca Nacional, intitulada *Machado de Assis: cem anos de uma cartografia inacabada.* 121

Nessa medida: "Decidimos expor as peças mais visitadas às menos conhecidas, além daquelas redescobertas durante a montagem. Trata-se menos de uma semiologia de objetos e mais de uma sintaxe configuradora. Não a simples amostragem, mas o ruído da obra e da história, que formam um todo, longe do vácuo que se costuma interpor entre ambas, como se fossem esferas irredutíveis" [122].

Por aqui... o "labirinto das miscelâneas":

Todos os documentos foram cuidadosamente pesquisados no acervo e descritos segundo as normas vigentes. O levantamento criou um conjunto que inclui a maioria dos itens listados na bibliografia consultada. Poucos itens, felizmente, não foram localizados.

Apesar do rigor do levantamento, este não se pretende conclusivo e não descarta a possibilidade remota, mas não impossível, da existência no acervo de algum tesouro ainda não revelado. Ou de alguma obra perdida no labirinto das miscelâneas. Ou uma revisão, acurada e mais inclusiva, da selva de nomes de que Machado lançou mão. 123

[**Minotauro** [124]

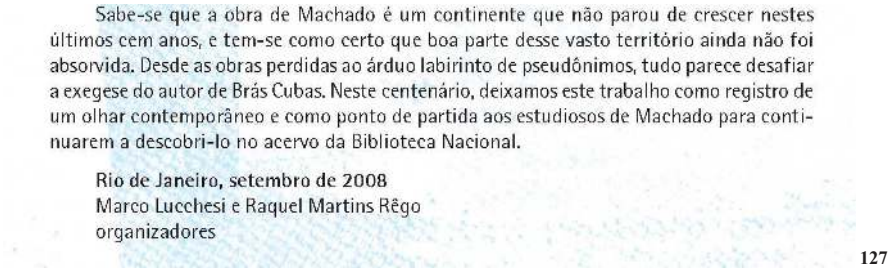
A curva elíptica e os pontos racionais
A viva solidão em que se encontra
E só de escaramuças se alimenta]

Prossegue:

Os itens são encimados por sua localização ou classificação indicada nos catálogos da Biblioteca Nacional e pelo nome do setor que guarda o documento, abaixo do número de ordem dentro do livro. Cada item contém todos os elementos de descrição essenciais preconizados pela NBR 6023, da Associação Brasileira de Normas Técnicas, ordenados conforme a mesma norma e apresentados nos formatos por ela estabelecidos. Os elementos de descrição complementares levantados na pesquisa – informações relativas à descrição física, à apresentação, à autenticidade e ao conteúdo – também estão aqui publicados, seja no corpo de cada item, seja nas notas que acompanham vários deles. 125

121 Idem.
122 Marco Lucchesi, **Ficções de um Gabinete Ocidental,** p. 101.
123 Idem.
124 Marco Lucchesi, **Hinos Matemáticos,** p. 29.
125 **Machadianas**, p. 07.

Trilhando os labirintos..."O labirinto de pseudônimos, declarados ou não, ainda espera pelo fio de Ariadne. E a edição da obra completa parece deixar a descoberto zonas de silêncio e vazios demográficos" [126].



Sabe-se que a obra de Machado é um continente que não parou de crescer nestes últimos cem anos, e tem-se como certo que boa parte desse vasto território ainda não foi absorvida. Desde as obras perdidas ao árduo labirinto de pseudônimos, tudo parece desafiar a exegese do autor de Brás Cubas. Neste centenário, deixamos este trabalho como registro de um olhar contemporâneo e como ponto de partida aos estudiosos de Machado para continuarem a descobri-lo no acervo da Biblioteca Nacional.

Rio de Janeiro, setembro de 2008
Marco Lucchesi e Raquel Martins Rêgo
organizadores

127

M.L.[II]. "el húmedo sendero [jardín] zigzagueaba como los de mi infancia" [128]

O jardim das memórias da infância ["A anamnese é um processo de reapropriação subjetiva" [129].] talvez seja um de nossos tesouros mais valiosos. Preciosos. Uma eterna dialética entre o presente e um passado (em que anjos silenciosos se interpõem) que se mostra, queiramos ou não, um labirinto de mistérios. ["O presente do passado é a memória" [130].] Bergson [131] nos lembra, (com argumentos, levemente, incontestáveis), que estamos condenados a reviver o passado sob a ótica do presente. Nessa medida, as recordações do passado são vagarosas, esfumaçadas pelo tempo, hierarquizadas (em grande parte) ao sabor de nossas emoções do presente. Coloca-nos (no que foi severamente refutado por muitos filósofos) que o passado ["Sou regido pelo passado,

126 Marco Lucchesi, **Ficções de um Gabinete Ocidental,** p. 99.
127 **Machadianas,** p. 06.
128 Borges, **Ficções,** [sem paginação].
129 Philippe Lacoue-Labarthe, **Musica Ficta (figuras de Wagner),** p. 75.
130 Santo Agostinho, **Confissões,** p. 349.
131 **Memória e Vida,** p.17

mas resisto" [132].] vem antes do presente. Condição (fundação?) ontológica do ser. Haveria uma indivisibilidade entre o passado, presente e futuro (teoria severamente criticada por Bachelard e em suspensão por Ricoeur). Mas Bergson, na leitura proposta por Deleuze [133], deixa uma espécie de abertura: se o passado não é um presente que passa e o passado se forma simultaneamente ao presente, quais seriam as possibilidades de acessarmos o passado em sua pureza? ["Como reter um ponto imaterial, a densidade específica dos tempos idos, para deixar a superfície do agora e aderir a uma realidade, transpassada por um alto coeficiente de solidão?" [134]] Em outras palavras: como acessar o tempo e a memória em sua natureza adâmica? Aquela memória que guarda o frescor único e irrepetível de um presente, muitas vezes, prolongado? Deleuze adverte: somente pelos signos artísticos. O poeta, então, nos diz:

Um acorde ao piano
e a leveza de tuas mãos
aveludadas

irredutível
o modo de pousá-las
como pássaros migrantes

["No jardim, onde as árvores se adensavam como canteiros de flores, poças de água e estufas, os pássaros cantavam, separadamente, ao cálido brilho do sol" [135].]

---

132 Marco Lucchesi, **O Dom do Crime,** p. 12.
133 **Bergsonismo,** p. 39.
134 Marco Lucchesi, **O Dom do Crime,** p. 21.
135 Virginia Wolf, **As ondas,** p.84.

no horizonte
claro-escuro
do teclado

melodias

["Ascendiam e planavam muito alto, emitindo notas breves e agudas (...) Vez por outra seus cantos se entrechocavam em rápidas escalas como os entrelaçamentos de uma torrente de montanhas, cujas águas, encontrando-se, espumam, depois se misturam" [136].]
que me visitavam
na infância

e que seguiram

["A música vivida enquanto hábitat, tenda que queremos armar ou redoma em que precisamos ficar, canta em surdina ou com estridência a voz da mãe, envelope sonoro ("carteiro imaterial" [137]?) que foi uma vez (por todas) imprescindível para a criança que se constitui como algo para si, como *self*" [138].]

pelas noites
tantas em que
voltei ao piano [139]

Temos aqui, nas recordações de infância do poeta, uma abertura para a apreensão direta do tempo. Lembremos que, neste caso, o

136 Idem, p. 85.
137 Título de um livro de ensaios de Marco Lucchesi (lançado em 2016).
138 José Miguel Winisk, **O som e o sentido,** p. 30.
139 Marco Lucchesi, **Meridiano celeste & Bestiário,** p. 47.

presente do poeta se apodera diretamente do passado. [Não existiria (quando a apreensão do tempo é indireta) uma recomposição de temporalidade que envolveria o presente]. Ou seja, um pouco de tempo em estado puro. Os signos imateriais que somente possuem sentido à medida das recordações ressignificadas do poeta. Ao mesmo tempo, as melodias estendem o presente recordado. Consideremos, na perspectiva de Jean-Luc Nancy, os ecos da melodia. "A música não mobiliza somente a ressonância atual dos sons que ela amplifica, intensifica, trabalha e modula" [140]. Há uma mobilização do anterior e do posterior que convergem, conceitualmente, para o inacabado e o "incomeço". Ambas essências da ressonância: *melodias/que me visitavam/ na infância.*

Aos nossos ouvidos os ecos de sons pluripostos apreensíveis simultaneamente (da música: a linguagem mais 'completa'... subtrai os débitos sígnicos da representação linear-sucessiva). Nessa medida, distensão do presente que dilata a presença e expande o eco de nós mesmos. "Num eco, eu me encontro e me perco. Ressoo no espaço que deve ser aberto para permitir a ressonância" [141].

Lembra Bachelard: "A memória é um campo de ruínas psicológicas, um amontoado de recordações. Toda a nossa infância está por ser reimaginada" [142]. De acordo com ele, há um núcleo de infância que permanece na alma humana. Um tempo imóvel, no entanto, vivo. Ressalta que as recordações da infância somente podem conter "um ser real nos seus instantes de iluminação — ou seja, nos instantes de sua existência poética" [143]. Com isso o poeta ao recordar sua infância abre, para nós leitores, o núcleo da infância, antes imóvel, que nos habita. Abertura profunda do ser. "Aquilo que nos FALOU nos há de falar sempre, assim não cessamos de ouvir (será isso a eternidade?) o acorde

140 Jean-Luc Nancy, **Demanda Literatura e Filosofia,** p.80.
141 Idem, p.81.
142 **A poética do devaneio**, p. 94.
143 Idem.

final que se extingue” [144].

M.L.[I]. “tiempo indeterminado, percibidor abstracto del mundo” [145]

A poética de Marco Lucchesi, em diversos momentos, faz com que possamos questionar os limites da determinação: “Madrugada. E acima de nossas forças, a noite do destino, o brilho terso das estrelas, frutas perfumadas, prestes a se desprender da árvore da vida” [146]. Assim como as aberturas da indeterminação, como expressa o poema Espessura [147]:

a selva

espessa
do indeterminado
tangida
de secretas
harmonias

O indeterminado, expresso, inclusive, em muitos outros poemas do autor, de forma implícita ou não. Enquanto “a selva espessa” revela, para nós leitores, a abertura cosmológica na qual Deleuze, via Bergson, nos coloca. Isto é, na cosmologia bergsoniana haveria um Todo [148]. Mas ele não está dado. O Todo de Bergson é aberto. Daí, certamente, as brechas da indeterminação “tangida de secretas harmonias”. Advertência

144 Blanchot, **Uma voz vinda de outro lugar**, p. 19.
145 Borges, **Ficções,** [sem paginação].
146 Marco Lucchesi, **Os olhos do deserto**, p.38.
147 Marco Lucchesi, **Clio**, p. 66.
148 Gilles Deleuze, **Bergsonismo,** p. 38.

de Ugo Foscolo: "Engano-me? A prudência humana pode quebrar esta corrente invisível de casos e de infinitos acidentes mínimos a que nós chamamos destino? Que seja, mas pode ela, por isso garantir o olhar entre as sombras do futuro?" [149]. Indeterminação significa os possíveis da liberdade! Não estamos condenados, totalmente, aos sabores (amargos ou não) da determinação. Isso é expresso em Lucchesi de diversas formas. Uma delas, em se tratando dos caminhos aos quais a liberdade nos aponta, seria a forma, mais geral, de como o poeta se revela e nos revela. Sem julgamentos. Tal qual os grandes escritores que possuem, realmente, um caráter de universalidade. Sua literatura nos seduz e nos convida a um doloroso exercício de liberdade (não esqueçamos, jamais de Sartre [150], quando afirma que o escritor, de verdade, sabe que vai se dirigir a liberdades [a dos leitores] atoladas. Fossilizadas. Enterradas. Ainda com Sartre: o próprio escritor tem consciência de que sua liberdade está comprometida.

'Memórias do futuro'... diz a literatura de Lucchesi, de certa forma, estão em suas mãos!

E temo a cada
passo
o encontro que
não sei [151]

Também: "Hesse me deu uma sede interminável de horizontes. O mundo, em *Sidarta,* é um grande rio, e o curso das águas seguia o seu destino. [«Não se descobre o que se esperava ver, mas uma extensão sem sombras, sem nada que a divida (como o mar quando nenhum so-

149 Últimas cartas de **Jacopo Ortis,** p.54.
150 Jean-Paul Sartre, **Que é a literatura?,** p.60.
151 Marco Lucchesi, **REBIS**, [sem paginação].

pro o ergue e quando repousa não cintilante, mas imóvel fulgurante — a não o ver), mas num rumor quase dilacerante" [152].] Era-me essencial descobrir onde. Era-me essencial descobrir quando. Os livros de Hesse não diziam onde nem quando. Mas a duração e o espaço podiam emergir tão-somente de minhas próprias águas. ["Mirar el río hecho de tiempo y agua/ y recordar que el tiempo es otro río,/ saber que nos perdermos como el río/ y que los rostros pasan como el agua" [153]] Tal como hoje me acerco da nascente do Orontes" [154]. Seferis adverte: "Los ríos siguen su curso y te dejan siempre atrás con lo tú que arrastras, amarguras, tormentos, desesperanza" [155]. Assim... "Todos levados pelo fluxo do rio do Nada" [156]. Desta forma: "Pressentir o caos que me organiza, tal o meu objetivo. Desconheço minhas direções (tenho-as?). Sete horas. Sol posto. Latidos distantes" [157].

M.L.[IV]. "biblioteca de libros orientales y occidentales" [158]

Incomparáveis as palavras de Marco Lucchesi: "Quantos Orientes demoram e se agasalham na palavra 'Oriente'? Quantos equívocos e enganos turvam-lhe a superfície e escondem riquezas infinitas e contradições?" [159]. Seguindo à risca tais indagações, seus ensaios e traduções não se limitam a uma separação (impensável para o poeta) entre Ocidente-Oriente/Oriente-Ocidente. Note-se que o diálogo entre os dois hemisférios se dá em diversas dimensões. Em outras palavras:

152 Jean-Luc Nancy, **Demanda Literatura e Filosofia,** p. 84.
153 Jorge Luis Borges, **Poesía Completa,** p.150.
154 Marco Lucchesi, **Os olhos do deserto,** p. 79.
155 **Días**, p. 157.
156 Marco Lucchesi, **Bizâncio**, p. 42.
157 Idem, **Saudades do Paraíso,** p. 25.
158 Borges, **Ficções,** [sem paginação].
159 Marco Lucchesi, **A memória de Ulisses,** p. 165.

nas considerações que tece a respeito de dezenas de literaturas (com os ressoares, diversas vezes, conceituais de Goethe) em se tratando da literatura universal, assim como nas traduções. Nessa perspectiva, os tempos e memórias se multiplicam! "Cultivo o diálogo, laços que aproximam, como o *Livro do esplendor,* o *Peregrino*, de Silesius, e o *Masnavi,* de Rumî" [160].

As traduções de Marco Lucchesi expressam um diferencial poético no que tange a suas notas em relação a elas. Tessituras temporais. Em especial na obra *A Flauta e a Lua: poemas de Rûmî*. Notas que dão uma espécie de continuidade aos poemas traduzidos. Ritmadas. Tonalizadas por delicadezas. Melodias das poesias apresentadas pela obra. A tessitura temporal, inclusive, se estabelece por meio das comparações das diversas literaturas universais, das mais variadas épocas e dos mais variados países do Oriente-Ocidente. Vozes em pauta para o tão sonhado diálogo do poeta. Harmonia de temporalidades e memórias, (explícitas ou implícitas), de Dante, Khlébnikov e tantos outros. (Nunca é demais lembrar que Lucchesi transita por Babel com a sabedoria, tranquilidade e a humildade dos sábios.) Não ignora (raridade) a grande advertência de Foucault: "Há uma função simbólica na linguagem: mas, desde o desastre de Babel, não devemos mais buscá-la — senão em raras exceções — nas próprias palavras, mas antes na existência mesma da linguagem, na sua relação total com a totalidade do mundo, no entrecruzamento de seu espaço com os lugares e as figuras do cosmos" [161].

E como não bastasse há, no caso da obra em questão, um diário de tradução, (apresentaremos somente um fragmento), que como se observará dialoga com diferentes temporalidades (continuidades? descontinuidades? rupturas? intervalos?) do autor:

160 Marco Lucchesi, **Os olhos do deserto,** [sem paginação].
161 Michel Foucault, **As palavras e as coisas,** p.p.53-54.

02.01.2007
Sou o Majnûn do Texto-Layla, que persigo, cheio de espanto e saudade.

03.01.2007
Fui ao Irã levado pelos olhos de Rûmî.

(17.01.2001)
A neve torna mais humano o coração nervoso de Teerã. A poluição impede o desenho límpido do Alburz.

(18.01.2001)
Trago outras montanhas em meu horizonte: o Popocatépetl, na Cidade do México, e o Illimani, em La Paz. E assim confundo essas montanhas do Oriente e do Ocidente.

(19.01.2001)
Um postal de Isfahân: o sentimento que levo desta cidade é azul. Assim a compreendo, na medida exata em que mergulho na mesquita. Seus dias. Suas noites. Não há como não responder a essa demanda de azul.

(20.01.2001)
Arrebatado pela sombra do Simurgh, pelos versos do Mawlânâ e pelas águas do poço de Zam-Zam, busco em Šîrâz o espelho das palavras.

162

M.L.[VII]. "un invisible laberinto de tiempo" [163]

O invisível labirinto de tempo nas obras de Marco Lucchesi são expressos, inclusive, pelos silêncios. Espacialidade. Ritmo. Conceitos. Lembremos de Octavio Paz. A linguagem verbal nasce da poesia. Diz o poeta mexicano que existem povos sem prosa [164]. No entanto não existem povos sem poesia. A prosa veio muito tempo depois quando o pensamento lógico e racional, de certa forma, tende a disputar o seu lugar com a linguagem poética. O pensamento humano nasceu naturalmente

162 **A Flauta e a Lua,** p.151.
163 Borges, **Ficções,** [sem paginação].
164 Octavio Paz, **El Arco Y La Lira,** p. 68.

dos ritmos da poesia. Analogias. Semelhanças. Correspondências. Som. Sentido. Sonoridades. Musicalidade. Eis a essência do pensamento em seus primórdios:



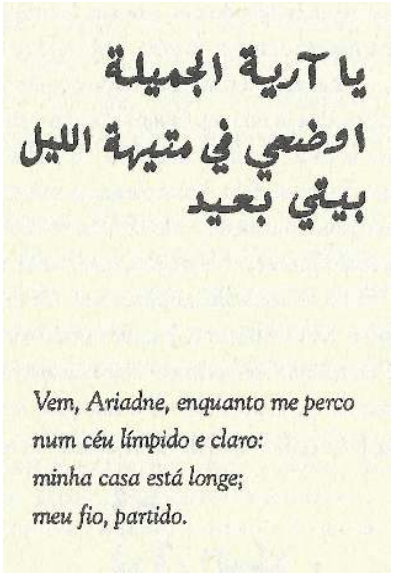
165

Muito já se falou dos silêncios! No entanto "A ideia do silêncio (é o inacessível) é desarmante! Não posso falar de uma ausência de sentido senão dando-lhe um sentido que ela não tem. O silêncio é rompido, já que falei..." [166]. O que é o silêncio? O desespero que nos leva aos labirintos de nossa profundidade. O eu com o eu. "Vazio, vazio, vazio; silencioso, silencioso, silencioso" [167].

Leve (sutilíssima) advertência: "Há duas formas de se classificar, grosso modo, a espessura do silêncio. Uma delas reside no silêncio da consonância — que firma um acordo entre as partes, de janelas aber-

165 **Clio,** p. 50.
166 Bataille, **A experiência interior,** p. 131.
167 Virginia Woolf, **Entre os atos,** p. 33.

tas e ensolaradas para a alteridade. Já no silêncio dissonante, perde-se aquele timbre aderente e solidário. Resta apenas uma paisagem estéril, pouco luminosa, um deserto de mágoa e ressentimento, por onde se apaga o rosto da Diferença" [168].



169

Silêncio! ["Ariadne está entre Teseu e Dioniso" [170].] A consciência mais total e aguda do *meu fio, partido.* Justamente revela o abismo da impossibilidade de capturarmos nossa "substância intemporal" [171]. Silêncio: "As frágeis paredes de teu isolamento" [172]. Beethoven: "Ademais, eu amo o silêncio" [173].

M.L. [V] "el tiempo se bifurca perpetuamente hacia innumerables

168 Marco Lucchesi, **Carteiro Imaterial,** p. 159.
169 Marco Lucchesi, **Os olhos do deserto**, p. 136.
170 Gilles Deleuze, **Crítica e Clínica,** p. 114.
171 Bataille, **A experiência interior,** p. 131.
172 Idem.
173 **Cartas, diários, cadernos de conversação, reminiscências de contemporâneos,** p. 158.

futuros” [174]

“9/12/90

O sagitário, seu símbolo, diletíssimo Marco, exprime o nexo entre a terra e a poesia-céu. A violenta tensão do impulso do arco é um movimento intenso e perigoso. Dividir a tensão entre os extremos seria talvez salutar. Mas se o fascínio da poesia-céu é irresistível, a distensão será inevitável. Aceite seu belo destino” [175] .

.....

a + ib [176]

O vento esfuma os rumos da distância

Flores reversas nuas invisíveis
No sono das antigas profundezas

um maço de infrangíveis temporais

.....

Transfinito [177]

A solfa dos passarinhos madrugadores
e o canto equipotente dos conjuntos
(quase corsários números sem alma)

---

174 Jorge Luis Borges, **Ficciones,** [sem paginação].
175 Carta de Nise Silveira a Marco Lucchesi. **Viagem a Florença,** p. 29.
176 Marco Lucchesi, **Hinos Matemáticos,** p.33.
177 Marco Lucchesi, **Hinos Matemáticos,** p. 28.

Um canto de raízes fundas minerais
que os anjos da cabala tornam

mais límpido
l m p d

e sereno
s r n

.....

Aurelius, Marescu. *O scurta storie ilustrata a laputorilor*. Bucareste: Editura Niciunde, 2070.

Dati, Murqus. *Le laputar: de la mystification de Gulliver à une recherche nouvelle, d'après les voyageurs qui ne l'ont jamais connue*. Paris: Éditions de la Folie, 2067.

Λυκέις, Αμερίκος: *Ä εστραγαδα λινγυα λαπυταρ*. Atenas: Faburalium, 2045.

Marchesi, Lucio. *Das Geheimnis der Laputar Sprache*. Berlim: Drache Verlag.

Marchesi, Lucio. *Ist die Laputar Sprache eine echte indogermanische Sprache?* Anais do Congresso Internacional de Laputologia. Düsseldorf: Pataphysik, 2027.

Marchesi, Lucio. *Die unvergleichbare Wissenschaft der Laputar Sprache*. Berna: Verrückt Verlag, 2046.

Marchesi, Lucio. *La lingua laputar non è um fantasma: vera e magnifica scoperta per la prima volta more geometrico dimostrata della lingua adamica*. Lucca: Edizioni della Menzogna, 2050.

Лукэс, Маркой: Лапутар Язык.Москва: Издательство Дерьмо, 2022.

178

178 Marco Lucchesi, **Rudimentos da Língua Laputar,** p. 77.

“Uma estética do futuro. Uma chave do mistério. Volte-se para a Cabala. Boa parte de Freud ilumina-se. De Benjamin. De Scholem. Para começar, leia o romance de Richard Zimmler” [179].

Do inacabamento das conclusões:

M.L. [VI] “infinitas series de tiempos, en una red creciente y vertiginosa de tiempos divergentes, convergentes y paralelos” [180]

“O presente eterno, um hoje sem princípio e fim” [181]. Eis uma das variáveis (independentes?) da perspectiva mais geral do conjunto de obras de Marco Lucchesi. Como já foi exposto na Estética do Labirinto [“Ya nos resulta familiar la forma del labirinto por los dibujos paleolíticos y neolíticos del meandro, que simboliza las aguas del subsuelo, imaginada también como la serpiente, y refiriéndose a la dimensión del otro mundo” [182].] do poeta... não há invariável. (Matematicamente um labirinto não possui invariável). O fio de Ariadne se perde a todo momento. Somos regidos, obrigatoriamente, pelos ressoares. Ecos. Dissonâncias. Ressonâncias. (Beethoven: “Já há tanto tempo desconheço a ressonância do verdadeiro júbilo!” [183].) Sopreposições. Deslocamentos. Intervalos. Silêncios. Intercalações de tempos e memórias.

Há diversas maneiras de se perceber o tempo-memória em uma obra literária. Proust, sabe-se, não somente fala sobre o tempo e a memória, mas, inclusive, vai em busca de um tempo perdido e redesco-

179 Marco Lucchesi, **Os olhos do deserto**, p.84.
180 Borges, **Ficções,** [sem paginação].
181 Marco Lucchesi, **A Flauta e a Lua**, p. 142.
182 **El mito de la diosa,** p. 165.
183 **Cartas, diários, cadernos de conversação, reminiscências de contemporâneos,** p. 32.

berto. Graciliano Ramos, tanto em suas obras ficcionais como em suas memórias, tenta apagar o passado. Esquecê-lo. Drummond: "Quase privado de memória, o que me resta do passado são fragmentos obscuros e incoerentes, que eu desejaria recompor e de que, ao mesmo tempo, procuro afastar-me" [184].

O conjunto de obras de Marco Lucchesi possui melodias que se multiplicam em "infinitas series de tiempos". Em outras palavras: amplificam e intensificam o anterior e posterior. Há deslocamentos de temporalidades ora nos espaços destinados aos diários de tradução, ora nos diários de viagens, que se resumem, talvez, na necessidade de uma obra completar a outra. Muitas vezes um ensaio vai em busca de outro para um acabamento que jamais se completa. O inacabado? Uma espécie de relançamento que não tem lugar e não terá. Uma continuidade rumo ao infinito. Os romances, os ensaios, os poemas e a prosa poética buscam a distensão do presente que, por sua vez, estão expressos numa interioridade que se perfaz a uma "antecedência infinita, ["O infinito só pode se apresentar para nós sob o aspecto do *indefinido"* [185] .] sempre mais retirada, na emissão da exterioridade (...) anterioridade da voz sobre ela mesma" [186].

"Una red creciente y vertiginosa de tiempos divergentes, convergentes y paralelos" que se traduzem, também, em ritmos dissolvidos em temporalidades. Mas um tempo de relação consigo mesmo. Como traduzir isso? Uma das possibilidades: "Sem dúvida não há silêncio sem ritmo. Não há silêncio. Não precisamos pensar nas introduções em *pianissimo*: quando o primeiro compasso da *Grande fuga* de Beethoven (mais uma de suas referências) faz irrupção no silêncio, cortante ou dilacerante, exigente, imperioso, o único ataque do som e do impulso

184 Carlos Drummond de Andrade, **Uma forma de saudade,** p. 46.
185 Louis-Auguste Blanqui, **A eternidade pelos astros,** p. 14.
186 Jean-Luc Nancy, **Demanda Literatura e Filosofia,** p. 59.

de seu movimento revelam uma anterioridade que se poderia dizer tonal e rítmica (a melodia só viria depois)" [187]. Em outras palavras... já podíamos ouvir algo que nos parecia ["Bebo haustos de silêncio" [188].] inaudível. "Arquissonoridade" [189]. Os tempos dos sons em si mesmos. E, finalmente, a possibilidade do eco!

Os ritmos de tempo-memória da poesia da literatura de Marco Lucchesi nos devolvem a nós mesmos. Reencontro com o nosso tempo além da superfície. Conduzem ao famoso **Pabellón de la** Límpida **Soledad** onde somos entregues, juntamente com o poeta, a uma espécie de eternidade. Ausência de tempo passado e futuro. Avistamos e sentimos a solidão do poeta que se reúne à nossa sob o ritmo dos signos da arte. Estes que nos devolvem os sons e a melodia de nossas próprias contradições, resistências e angústias. {ABISMO: ["O Cônsul cai no vale do vulcão e 'seu grito foi lançado de uma árvore a outra, no retorno de seus ecos; depois, foi como se as próprias árvores se aproximassem, se apertassem, se fechassem acima dele, plenas de piedade...'. A essa ressonância ("...inefável beleza da Árvore da Vida, mundo impregnado de sentidos ocultos, onde toda palavra gera ressonâncias infinitas" [190]) (...) expressamente musical, retoma e amplifica (...) a tonalidade do grito" [191].]}.

Há na literatura do poeta uma busca incansável ["O tempo corre" [192].] de reunir, sob um mesmo prisma, por uma bifurcação quase imponderável e, naturalmente, labiríntica, ao encontro ["Tempo vivido e espaço vivido. O tempo vivido pode se tornar às vezes mais importante que o tempo real" [193].] de todos os tempos. Ou: "o retorno à liberdade do

187 Idem, p. 82.
188 Marco Lucchesi, **Ficções de um gabinete ocidental,** p. 16.
189 Idem.
190 Marco Lucchesi, **Teatro Alquímico,** p. 105.
191 Jean-Luc Nancy, **Demanda Literatura e Filosofia,** p.79.
192 Marco Lucchesi, **Nove Cartas sobre a Divina Comédia,** p. 40.
193 Nise da Silveira, entrevista a Marco Lucchesi, **O sorriso do caos,** p. 132.

possível, àquelas ressonâncias múltiplas nascidas da solidão do ser" [194]. Compreendemos" o princípio de uma simultaneidade ["polifonia das simultaneidades" [195]] essencial em que o ser mais disperso, mais desunido, conquista sua unidade" [196]. Leveza imponderável. Mas: "O tempo ["como se fora o dilúvio das palavras [197]"] já não corre. Ele jorra" [198].

Referências Bibliográficas

AGOSTINHO, Santo. **Confissões.** Tradução de Maria Luiza Jardim Amarante. São Paulo, 2002.

ANDRADE, Carlos Drummond de. **Uma forma de saudade:** Páginas de Diário. São Paulo: Cia das Letras, 2017.

BAPTISTA, Ana Maria Haddad. "*A poética interdisciplinar de Marco Lucchesi ou a Estética do Labirinto"* in Revista Filosofia, Editora Escala, no. 130, 2017.

BACHELARD, Gaston. **A dialética da duração.** [não consta o nome do tradutor]. São Paulo: Ática, 1988.

_____. **A poética do devaneio.** Tradução de Antonio Padua Danesi. São Paulo: Martins Fontes, 1988.

_____. **A intuição do instante.** Tradução de Antonio de Padua Danesi. Campinas: Verus Editora, 2007.

BARING, Anne, CASHFORD Jules. **El mito de la diosa.** México: Fondo de Cultura Económica, 2005.

BERGSON, Henri. **Memória e vida:** textos escolhidos por Gilles Deleuze. Tradução Claudia Berliner. São Paulo: Martins Fontes, 2006.

194 Gaston Bachelard, **A intuição do instante,** p. 69.
195 José Miguel Wisnik, **O som e o sentido,** p.53.
196 Idem, p. 99.
197 Marco Lucchesi, **Os olhos do deserto,** p. 29.
198 Gaston Bachelard, **A intuição do instante,** p. 102.

BORGES, Jorge Luis. **Poesía Completa.** Nueva York: Random House Mondadori, S.A., 2011.

_____. **Ficciones.** Buenos Aires, [s.d.].

DELEUZE, Gilles. **Crítica e Clínica.** Tradução de Peter Pál Pelbart. São Paulo: Ed. 34, 1997.

_____. **Proust e os signos.** Tradução de Antonio Carlos Piquet e Roberto Machado. Rio de Janeiro: Forense-Universitária, 1987.

_____. **Bergsonismo.** Tradução de Luiz B.L. Orlandi. São Paulo: Editora 34, 1999.

FOUCAULT, Michel. **As palavras e as coisas:** uma arqueologia das ciências humanas. Tradução de Salma Tannus Muchail. São Paulo: Martins Fontes, 1990.

GOETHE, Johann Wolfgang von. **Viagem à Itália.** Tradução de Wilma Patricia Maas. São Paulo: Unesp, 2017.

GUYAU, Jean-Marie. **A gênese da ideia de tempo e outros escritos.** Tradução de Regina Schopke e Mauro Baladi. São Paulo: Martins Fontes, 2010.

LACOUE-LABARTHE. **Musica Ficta (figuras de Wagner).** Tradução de Eduardo Jorge de Oliveira e Marcelo Jacques de Moraes. Belo Horizonte: Relicário Edições, 2016.

LUCCHESI, Marco (org.). **As últimas cartas de Jacopo Ortis.** Tradução de Andréia Guerini e Karine Simoni. Rio de Janeiro: Rocco Jovens Leitores, 2015.

_____. **A eternidade pelos astros.** Tradução de Luciana Persice. Rio de Janeiro: Rocco Jovens Leitores, 2016.

_____. **Caligrafia silenciosa:** George Popescu. Tradução de Marco Lucchesi. Rio de Janeiro: Rocco Jovens Leitores, 2015.

LUCCHESI, Marco. **A Flauta e a Lua: poemas de Rûmî.** Rio de Ja-

neiro: Bazar do Tempo, 2016.

_____. **Poemas Reunidos.** Rio de Janeiro: Record, 2000.

_____. **Os olhos do deserto.** Rio de Janeiro: Record, 2000.

_____. **Saudades do Paraíso.** Rio de Janeiro: Lacerda Ed., 1997.

_____. **Clio.** São Paulo: Biblioteca Azul, 2014.

_____. **A memória de Ulisses.** Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2006.

_____. **Viagem a Florença: cartas de Nise da Silveira a Marco Lucchesi/organização de Marco Lucchesi.** Rio de Janeiro: Rocco, 2003.

_____. **O bibliotecário do Imperador.** São Paulo: Globo, 2013.

_____. **Meridiano celeste & Bestiário.** Rio de Janeiro: Record, 2016.

_____. **O Dom do Crime.** Rio de Janeiro: Record, 2010.

_____. **Bizâncio.** Rio de Janeiro: Record, 1997.

_____. **Ficções de um gabinete ocidental.** Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2009.

_____. **Rudimentos da Língua Laputar:** proposta patafísica. Rio de Janeiro: Dragão, 2015.

_____. **Hinos Matemáticos.** Rio de Janeiro: Dragão, 2015.

_____. **O sorriso do caos.** Rio de Janeiro: Record, 1997.

_____. **Carteiro Imaterial.** Rio de Janeiro: José Olympio, 2016.

_____. **Machadiana da Biblioteca Nacional.** [compilado por Marco Lucchesi, Raquel Martins Rêgo] Rio de Janeiro: Fundação Biblioteca Nacional, 2008.

_____. **Nove Cartas sobre a Divina Comédia.** Rio de Janeiro: Casa da Palavra: Fundação da Biblioteca Nacional, 2013.

_____. **REBIS.** Brasília: Poexílio [edição limitada/no. 13/20], 2017.

MARCHESI, Lúcio [pseudônimo de Marco Lucchesi]. **Catálogo da Biblioteca do Excelentíssimo Senhor Marquês Umbelino Frisão.** Rio de Janeiro: Balur, 2017.

NANCY, Jean-Luc. **Demanda: Literatura e Filosofia.** Tradução de João Camillo Penna et.ali. Florianópolis: Ed. UFSC/Argos, 2016.

PAZ, Octavio. **El Arco y La Lira.** México: Fondo de Cultura Económica, 1986.

RICOEUR, Paul. **Tempo e Narrativa (tomo 1).** Tradução de Constança Marcondes Cesar. Campinas, SP: Papirus, 1994.

_____. **A crítica e a convicção.** Tradução de António Hall. Lisboa: Edições 70, Ltda, [s.d.].

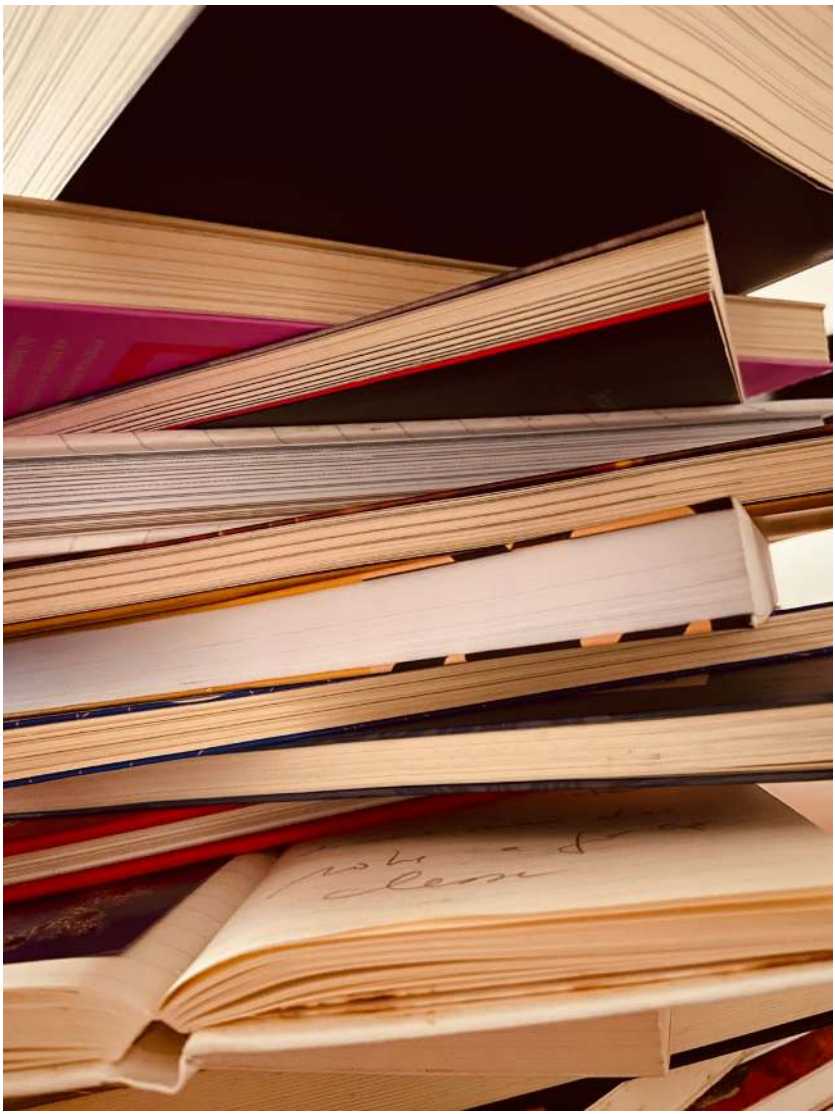
SARTRE, Jean-Paul. **Que é a literatura?** Tradução de Carlos Felipe Moisés. Petrópolis: Vozes, 2015.

SEFERIS, Yorgos. **Días.** Tradução de Vicente Fernández González. Madrid: Alianza Editorial, 1997.

WISNIK, José Miguel. **O som e o sentido.** São Paulo: Cia das Letras, 1989.

WOOLF, Virginia. **As ondas.** Tradução de Lya Luft. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2014.

_____. **Entre os atos.** Tradução de Lya Luft. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2014.



Educação e Leituras: um passeio pela solidão das estrelas de Marco Lucchesi

Advertências preliminares

Lineu que me perdoe! Desculpem-me, por favor, os autores de todas as tabelas classificatórias que surgiram ao longo da vasta história da humanidade. Gostaria de propor uma pretensiosa classificação em relação a leitores. Creio que poderia auxiliar, mesmo que de longe, os famosos "retratos de leitura" (sutis, ardilosos, mentirosos, complexos) que surgem no contexto das estatísticas em relação ao assunto. Não somente no Brasil. Mas no mundo.

Diante do exposto sugiro a seguinte tabela: (inegavelmente, com ecos de Charles Sanders Peirce).

A. Leitores de ocasião

Leitores de ocasião são aqueles que adoram comprar os livros que estão na moda. Os mais vendidos. Em especial se os livros são importados de países imperialistas ou com recomendações expressas do *New York Times.* Tais livros são expostos, para alegria das livrarias, em prateleiras 'atraentes' e 'sedutoras'. Os leitores de ocasião observam as obras pelo número de vendas. Não manuseiam o livro. Compram. Admiram a capa e os comentários na contracapa. Chegam em casa e folheiam o livro. No geral, leem até a quarta ou décima primeira página e abandonam o livro. Nas redes sociais, exibem-no e fazem de conta que o leram. Afinal, o livro está na moda e é um dos mais vendidos. Como ficar fora da onda estonteante do ritmo das redes sociais? Nem pensar.

Depois de alguns anos (ou meses), os livros serão vendidos ou doados para sebos e bibliotecas carentes. Quase intactos. Diga-se, de passagem, que tais tipos de leitores são fãs incondicionais de lançamentos. Principalmente se os pseudoautores (para ser mais clara-ácida-exata aqueles que têm 'intenções literárias e poéticas') forem artistas de televisão, celebridades, políticos, aventureiros ou algo da mesma estirpe. Afinal, quem não pode escrever um livro? As facilidades contemporâneas de publicação, aliadas fiéis do capitalismo, expõem descaradamente projetos de publicação que atingem, de forma fulcral, os inumeráveis discípulos de Narciso. Desde os mais visíveis até os denominados 'invisíveis'. Cabe ressaltar que leitores de ocasião, em outros tempos, tinham bibliotecas amplas em que acumulavam livros, intocados, para exibi-los aos amigos e visitantes de sua casa. No entanto, conforme é de conhecimento geral, a redução e redefinição dos espaços de moradia os obrigam a subtrair as bibliotecas. Livros! Por quê?

B. Leitores escolares

Leitores escolares são aqueles que leem por obrigação. Os professores, de todos os graus de ensino, via de regra, pedem a leitura de livros que vão cair na prova (geralmente tais professores possuem um receituário fixo de obras indicadas como clássicas) e visam, em especial, os vestibulares, assim como os denominados processos seletivos em função de instituições escolares mais concorridas (públicas ou privadas).

Tais leitores chegam ávidos nas livrarias. Leem os livros 'decorando' nomes de personagens, perfil psicológico, espaço onde se passa a narrativa, índices que marcam versos de poemas, elementos contex-

tuais, datas. Antes das provas, de forma fria e racional, possivelmente leem os resumos do que anotaram para passar nas provas. O livro (conteúdo) é tratado como uma peça que será arquivada a um repertório meramente informativo. Meses ou semanas, após os exames seletivos, os livros 'lidos' caem em poços profundos de esquecimento voluntário. Quem sabe um dia a memória involuntária, por algum mistério, traga de volta alguns trechos do que foi estocado. Quem sabe? Nada é impossível neste universo povoado de acasos, chá com *madeleines* e a tão em moda (no que se refere a guloseimas) memória afetiva.

C. Leitores capturados

Leitores capturados são aqueles que veem a leitura de um livro como uma abertura ou linha de fuga, (por lembrar Deleuze), irreversível. Sabem, mesmo intuitivamente, que leitura não é hábito. Leitura é necessidade. Leitura é busca. Profunda. Inesgotável. Vital. Houve um momento em suas vidas, não importa a idade, em que a leitura de um livro (não importa a tipologia textual) os capturou para a eternidade. Tais tipos de leitores não estão preocupados se os livros que leem foram premiados ou ganharam algum tipo de concurso. Não se importam se o livro possui dez ou mil páginas. O que lhes interessa é o mergulho infinito que somente a literatura de verdade pode oferecer. Leitores capturados já perceberam que um bom livro oferece horizontes inexplorados que cativam a imaginação. Os sonhos. O futuro. Sabem que signos literários são compostos por uma parte imaterial, de quem o cria, que comporta um grande grau de subjetividade. Sabem que uma boa literatura é a melhor companheira para os momentos inescapáveis de solidão individual e cósmica aos quais a condição humana está condenada. Sabem que a liberdade humana pode ser exercida juntamente com

as tramas de uma linguagem bem construída.

Diante do exposto, seguramente, apresento alguns livros pelos quais fui capturada:

1. Marco Lucchesi: Domínios da Insônia [199]

Heráclito, Goethe, Bergson, Deleuze, Marguerite Yourcenar e tantos outros já pensaram, profundamente, a respeito dos mistérios que envolvem o tempo. Como nos relacionamos com o tempo? Em que medida o presente dá continuidade ao que fomos no passado? Como viver um presente absoluto sem a circularidade e os movimentos de um tempo que já se foi? Perguntas quase irrespondíveis. A verdade é que em se tratando de literatura cada escritor expõe suas relações, sob diversas perspectivas, por assim dizer, com temporalidades. A obra em si mesma, intrinsecamente, e sua abrangência, assim como sua postura no tempo da vida. Em suas próprias existências. Explicando melhor: sabe-se, amplamente, que Octavio Paz, por exemplo, sempre em vias de continuidade, revia suas poesias, assim como seus ensaios ou livros em prosa poética. Ampliou certas poesias. Subtraiu outras. Borges, como é sabido, não foi diferente. Marguerite Yourcenar refez a maioria de suas obras (talvez Memórias de Adriano seja uma exceção). Uma intolerância terrível com o já publicado. A reescritura de muitas obras da autora por pouco não atingiu patamares além do razoável.

Domínios da insônia: novos poemas reunidos, de Marco Lucchesi, [*A insônia e seus resquícios:/ soníferos, migalhas/ Desabam os fenícios/ os sonhos e muralhas*], é a reunião de todos (talvez... quase) os poemas, em diferentes livros, revistos pelo autor. Alguns reescritos.

199 Marco Lucchesi. **Domínios da Insônia:** novos poemas reunidos**,** São Paulo: Patuá, 2019.

Outros inéditos. Alguns subtraídos de seu percurso poético.

Marco Lucchesi poderia ser comparado, num primeiro momento, mesmo considerando o grave risco das comparações, com Giacometti pelos olhos de Sartre. Isto é: a busca indomável pela perfeição. Pela expressão mais pura. A perfeição desdobrada pelos abismos do estético ou a compreensão de que a incompletude, dentro de si mesmo que a todo momento grita, deve e tem que ser atenuada. Marco Lucchesi, por seu percurso, se debate com as imperfeições que nos afogam e das quais jamais temos escapatória. [*O segredo mais fundo/ do que somos/ e das coisas que nos cercam*]. E com isso busca linhas de fuga (por lembrar uma vez mais de Deleuze) tentando sincronizar obra, vida. Presente, passado e futuro:

Corre na superfície
das águas
a impermanência

e volta solitária
ao coração
dos deuses

Corre na superfície
e no abismo das coisas
a semear as formas
de um tempo inacabado

Corre nos céus
nos vales e montanhas
a vasculhar ruínas

de tardes abrasadas onde queimam
arroios e correntes que não seguem

para o mar

Lucchesi quer as estrelas, a todo custo, mais próximas de si (e consequentemente para seus leitores). Dialoga com elas, mas isso não o satisfaz de maneira plena:

A noite é fria
e as estrelas
brilham ao longe

É preciso sofrer
a vastidão
como quem se entrega
ao sacrifício de um deus

Passei da insônia
escura
ao candor
da Via-Láctea.

São tantas e tão diversas
as formas
de sondar a beleza

o Cão Maior
        e a estrela Sirius
a mais brilhante de todo
firmamento

Antares
rival
  de Marte   sendo outro
seu vermelho quase
      tão forte e vivaz

Busca, também, a perfeição dos conceitos (por lembrar de Bachelard em seus célebres cadernos de estudos), como por exemplo: "Uma noite sem lua um deserto de trevas, a vida, e vem depois o cintilar do nada". Ou: "Inseparáveis caminham o bem e o mal. Também o mel é salpicado de amargor". E também: "Remédio para a vida é desnascer". Tudo indica, pela travessia que fazemos do livro como um todo, que Marco Lucchesi desnasce, em seus silêncios insondáveis, para renascer. O leitor atento e sensível percebe, nitidamente, uma certa busca por si mesmo que se transfere como uma espécie de alerta perfeito para a humanidade em sua habitual inércia por temor às responsabilidades e covardia ao se deparar com as indeterminações, habitualmente labirínticas, que as escolhas possibilitam. Percebe, inclusive, que a solidão cósmica ora subjacente, ora explícita, requer liberdade. Sabe-se ou deveríamos saber: eterna construção (lembremos novamente de Sartre: a liberdade, tanto a do autor quanto do leitor, jamais é dada, o escritor se encontra atolado).

Domínios da Insônia é um livro de quase 700 páginas. Nele se

manifestam, como se pode esperar, muitas fases cronológicas de Marco Lucchesi. Mas seguramente a unidade entre todos os poemas reside na erudição precoce e raríssima do poeta. Fato indiscutível. Objetivamente, para quem conhece as obras, ainda não reunidas, do autor, todos os prefácios, posfácios e orelhas (de críticos, artistas, pesquisadores, professores, poetas) nunca deixaram de lado o repertório do escritor, inclusive, não somente no diálogo com obras clássicas e não clássicas dos grandes que marcam a literatura universal como se pode constatar, somente para ficarmos com um exemplo, no poema a seguir:

Sonhei
patamares de amor
    tanto mais

altos
quantos mais
versos
    reclamava de mim para mim
Em Dante
        o puro manancial
de meus conflitos

a telemaquia com a qual
        me debati
  vida afora à procura de Ulisses.
        Marco Lucchesi nasceu, por assim dizer, interdisciplinar. Dia-

loga com a filosofia, música, astronomia, física, química, alquimia, matemática. Circula por Babel com a tranquilidade dos grandes sábios (domina mais de vinte línguas). Nem por isso deixou de inventar uma língua própria, ou seja, Laputar (*Rudimentos da Língua Laputar* / Editora Dragão).

Se considerarmos o discurso quase utópico, quer pela pobreza de argumentos, quer pela ausência de vontade política, quer pela inércia intencional dos sistemas de relações de poder, ao se pensar um projeto de educação interdisciplinar, *Domínios da Insônia* seria a obra ideal, em todos os sentidos, para dar suporte ao sonhado (e pouco colocado em prática) interdisciplinar. Vamos lembrar com seriedade e honestidade: por que os projetos de educação que rascunham projetos interdisciplinares mal se sustentam? Via de regra porque os profissionais envolvidos não possuem a preparação mínima, repertorial para isso. E o argumento fundamental: raras são as literaturas que podem sustentar tal projeto. Convém não esquecer que a literatura é um dos únicos caminhos para um projeto realmente interdisciplinar.

Domínios da Insônia dialoga com a matemática:

Perdem-se os primos {venerandos números}
quando um bosque em plena madrugada
sob a lira cintilante de Orfeu
põem-se a bailar mais bravos e dispersos

O imaginário
{nuvem bosque pensamento}:
atalho cristalino da matemática

Merleau-Ponty afirmava que as coisas, em seu sentido mais ge-

ral, não eram neutras e muito menos simples objetos que contemplamos ao nosso redor. Nessa medida, podemos conhecer alguém, em grande parte, pelos objetos evocados ao seu redor. Em outras palavras: de acordo com os objetos evocados de alguém sabemos muito de seu caráter e, sobretudo, de suas intenções.

Atravessam Domínios da Insônia:

Procuro o centro da circunferência
e as fundas dimensões de sua aurora,
de cujos raios brilha iridescência
do álgido mistério que devora
o círculo da própria ambivalência:
não movido motor, ocaso e aurora,
causa sem causa — pura defluência
da altura solitária em que demora.
E as pontas invisíveis do compasso
circundam nossa rude compreensão,
marcando o soberano descompasso
de tanta e prodigiosa elevação:
o não poder jamais ver este lasso
abismo de amargura e da aflição.

O que dizer, minimamente, dos 'objetos convocados' pelo poeta?

A insondável escritora síria Marie-Joulie Chamie afirmava, (em suas memórias e diários), que os desvãos causados por nossas insatisfações com as perpétuas inconclusões jamais poderiam ser totalmente preenchidas e que toda expressão poética autêntica seria o único caminho para uma certa conformidade na relação autor e obra. Porque o pre-

sente passa e não pode se eternizar. Porque a eternização do presente é um delírio. Marco Lucchesi compreende, acima de qualquer coisa, que a contemporaneidade exige, para o bem e para o mal, a consciência do inacabado e a complexidade da ambiguidade. Novamente, na leitura de Merleau-Ponty, é preciso lembrar que temos que viver em conformidade com o inacabamento. Em que medida podemos nos reconhecer?

Perpassam, seguramente, na maioria das sínteses poéticas propostas pelo livro, verdadeiros convites para se pensar: em que medida destino ou fatalidade ou o determinado (cultural e biológico) podem impedir nossas opções? Em que medida temos as chaves decisivas para presidir nossa liberdade quase nunca conquistada? Qual seria a natureza da dialética liberdade e destino? Naturalmente não há respostas. Mas uma coisa é certeira: ao lermos *Domínios da Insônia* que também prima, de maneira inconfundível, pela espacialidade, somos atravessados por silêncios e ritmos de profundezas à escala do infinito. Concluímos que o poeta faz com que cada leitor se sinta único, amado, insubstituível na longa escalada deste nosso universo que embora seja dado (isso compreende as fissuras do indeterminado) está aberto para a solidariedade, para o amor. Alerta-nos, sobretudo, que a poesia é uma via segura para que possamos contemplar e pensar nas diversas manifestações de temporalidades cuja função, entre outras, é a síntese de movimentos, musicalidades e inquietudes.

2. Marco Lucchesi: A Flauta e a Lua [200]

Enquanto, para infelicidade geral, diversos meios instigam, (aqueles que se alimentam de almas despedaçadas), a nefasta oposição

200 Marco Lucchesi. **A Flauta e a Lua:** poemas de Rûmî. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2016.

entre Ocidente-Oriente e vice-versa, há os poetas vigorosos e conscientes dos poderes da linguagem poética. Porque o verdadeiro escritor, antes de qualquer coisa, possui a rara capacidade de abstrair a potência de uma linguagem. Tais poetas, da maneira mais natural e gratuita possível, vão em busca de pontes. Das travessias ousadas. Dos desafios. De afetos. Da justiça. Da paz entre os homens. Compassiva e apaixonadamente. Marco Lucchesi é amplamente conhecido pela construção de tessituras envolventes a favor da Paz. Pelo diálogo entre os povos. Pela possível comunhão de valores autenticamente humanos.

A Flauta e a Lua: poemas de Rûmî é o exemplo, entre tantos que poderíamos mencionar do autor, não somente de uma ponte entre povos e culturas, mas, também, de uma espécie, singularíssima, de hipertexto, por lembrarmos de Pierre Lévy. Este livro permite a liberdade conceitual (a não linearidade e o não sequencial) que tanto caracterizam os novos e modernos suportes de leitura. Isso não pode passar despercebido: os mestres da literatura já tinham adiantado, inclusive, o hipertexto. Marco Lucchesi entre eles. Portanto, podemos começar a leitura da *Flauta e a Lua* por onde quisermos. Liberdade estrutural e de conteúdo.

Podemos, por exemplo, optar pela leitura dos belos ensaios, uma espécie de posfácio, de Faustino Teixeira ou o de Leonardo Boff. Ou pela leitura do não-verbal. As imagens que agudizam o poético. Mas se quisermos podemos iniciar a leitura por *Rûmî: diário de um tradutor*. Nesta parte, digamos assim, o autor registra seu combate para abstrair a alma de uma língua, como por exemplo: "12.11.2006/ Persigo etimologias. E procuro *desarabizar* minha pronúncia do persa. Há momentos de desespero nos primeiros estágios de aprendizado de uma língua. Um sentimento de solidão e incomunicabilidade. As consonâncias demoram a chegar. Cada palavra sendo uma ilha irredutível". Marco Lucchesi prossegue: "16.12.2006/ Quando estudo uma língua — mesmo que

de modo instrumental, como é o caso do persa — avanço por longas jornadas, que me tiram o sono, como se vagasse no limbo de indecifrados silêncios". Por meio de um diário, nada sequencial, o autor comunga as suas aflições interiores em relação ao aprendizado de uma nova língua: "18.01.2001/ Trago outras montanhas em meu horizonte: o Popocatépetl, na cidade do México, e o Illimani, em La Paz. E assim confundo essas montanhas do Oriente e do Ocidente". Assim como confunde o leitor. Desestabiliza-nos. E ainda: "20.03.2007/ Observo a passagem sutil do conceito para a metáfora. A circulação do pensamento-poético, desde os adjetivos mais voláteis aos abismos do pensamento. A franja do intraduzível. Tangenciar conceito e imagem...".

O diário vai de 2006, a 2007, 2001 e perfaz diferentes temporalidades. 'Camadas' de temporalidade que se encontram. (Dizem os grandes sábios que a inquietude do tempo deve ser observada com os olhos nas coisas nomeadas. Porque os nomes, acima de tudo, são temporais e isso possui uma profunda relação com o conhecer. A distinção é irmã-aliada da lucidez. Distinga-se: ser e conhecer.) Ao mesmo tempo uma forma, inusitada, de nos aproximar das trilhas tortuosas do tradutor. Aqui fica uma advertência importante daqueles (raríssimos) que entendem a tradução como uma operação intensa e séria para se compreender: o que é traduzir?

A resposta está, objetivamente, nas traduções que o autor faz das poesias do afegão Jalâl ad-Dîn Rûmî (1207-1273). O prefácio explica, com detalhes, parcerias, cotejos e trânsitos. Agradavelmente.

Dignas de fascinação são as notas, sobre os poemas, elaboradas por Marco Lucchesi. Se fosse um livro comum teríamos as famosas notas de rodapé enjoativas. Na maioria das vezes enfadonhas. Sem atrativos. No geral, notas que buscam enaltecer, de forma pseudo-erudita, os mecanismos da tradução + uma boa porção de doses linguísticas

desinteressantes. Neste caso não! As notas são extensões-continuidades dos poemas. De uma beleza e densidade fora de qualquer esfera: "Presa no corpo, a alma. E a morte, portadora de vida. A essência dos homens demora além do cárcere. A luz, aprisionada na matéria. É preciso libertá-la, como o Sol e a Lua". E tantas outras notas que criam sobreposições de leituras inesgotáveis. Um diálogo celestial.

Há uma certa ilusão, quase à beira da ingenuidade conceitual, de se crer que outrora a humanidade era feliz. Sem restrições. Sempre houve, os diversos registros confirmam, espaços para o desamor e ares desérticos. *A Flauta e a Lua* concede ao leitor atento, sensível e exigente o necessário intervalo libertador da violência, em todos os níveis, que nos permeia. Acima de tudo, nos leva a um exercício existencial. Ou seja, o amor é e deve ser uma constelação que comporta diversas dimensões. Um convite aos pessimistas que insistem, em suas leituras equivocadas, ao afirmarem que não há mais caminhos para o futuro. Os bons poetas, eternos mestres da verdade, apontam, sabiamente, que a poesia é uma trilha possível de subtração das angústias. *A Flauta e a Lua:* mergulho na doçura envolvente de uma poética-travessia rumo ao insondável. Rûmî: um jardim sob a luz da lua.

3. Rudimentos da Língua Laputar [201]

Grandes e confiáveis pensadores, de uma forma ou de outra, perceberam que determinadas épocas possuem vazios. Silêncios. Hiatos. Uma das explicações possíveis: nada haveria a ser dito. Mas eis que chega *Rudimentos da Língua Laputar.* Na real: 'O livro por vir'

201 Marco Lucchesi. **Rudimentos da Língua Laputar**, Rio de Janeiro: Dragão, 2015.

anunciado por Blanchot. Ou seja: uma obra extraordinariamente inclassificável. Insubordinada a qualquer tipologia. Pode, aparentemente, ser uma gramática. Poema. Romance. Ensaio. Documento. Ouso dizer: *Rudimentos da Língua Laputar* é uma armadilha. Preparam-se leitores!

O título altamente provocativo. Que língua seria a laputar? E não há outro caminho se não o de buscar em outras fontes a origem da palavra. Para quem não leu e, também, para quem leu, somos levados às fascinantes *Viagens de Gulliver*. Laputa foi uma das ilhas imaginárias visitadas por Swift. Uma ilha flutuante e voadora. Apenas o início de uma viagem desafiadora pela obra de Lucchesi. Na ilha voadora, os habitantes estavam preocupados com a linguagem matemática, musical. Tudo tinha formas geométricas e se reportava a cálculos. No entanto nada era uniforme. Os cálculos da matemática de nada adiantavam na prática. E mais: os habitantes de Laputa viviam distraídos e para dentro deles mesmos. Sempre fora do tempo presente. Esqueciam-se de si. Seres semi-desmemoriados.

Lucchesi adverte: "Foi árduo o trabalho de recuperar os documentos antigos, que abordavam, embora de modo fragmentado, a estranha língua praticada pelos míticos habitantes da ilha de Laputa [...] Sou o primeiro a reconhecer-lhe a insuficiência, baseado num forte conjunto de lacunas [leitor, não se iluda..."cada língua guarda em si uma verdade que não pode ser traduzida", disse Guimarães Rosa]. E, no entanto, orgulho-me de haver fixado certos pontos da sintaxe e da morfologia laputar. A que se soma um breve glossário extraído de documentos incertos e disparatados." A partir da advertência do autor o início de uma aparente gramática (condensada) da língua laputar. Apresenta-nos as vogais e as consoantes. Os gêneros. Não há, segundo o autor, o artigo definido. E aqui penso: uma língua em que as indefinições prevalecem? Lembremos que a ilha é flutuante!

As interjeições são poderosos índices, nesta obra, para sabermos a respeito de alguns sentimentos que os habitantes da ilha sentiam. Os estabelecidos por Lucchesi são: Deç: espanto; Kusa: admiração; Heum: dor; Alas: descrença; Fu: nojo; Susp: coragem. O trabalho arqueológico do autor se traduz, entre outras coisas, na busca de elementos linguísticos das mais variadas línguas do mundo. Em uso ou desuso.

Dentre tantas outras coisas que a leitura desta obra possibilita, um dos pontos essenciais: as dimensões de memória. Pelo glossário podemos ter parte da história do que sentiam e faziam os habitantes. Notável a expressão: Deniz: mar interno. Que coerência espetacular! Os habitantes da ilha eram ausentes, imersos em pensamentos, mergulhados, de fato, em mares internos. Memórias, temporalidades, subjetividades. Uma outra dimensão: os jogos temporais do autor. No glossário chamam a atenção substantivos que não são da época da ilha, tais como: transmissor de rádio, relógio de pulso, filme, computador. Há muitas outras que remetem ao futuro.

O leitor atento não tem como escapar da rede ardilosa de Lucchesi: como viviam as pessoas da ilha voadora? O que faziam? E a partir disso, (condição inelutável), constrói as suas histórias. O glossário instiga a imaginar romances, contos, crônicas, poemas. Desafia todos os graus de imaginação. Poeticidade pura. Disposto em colunas, possibilita o cruzamento (tudo por conta da imaginação do leitor) das palavras e construções indefinidas de poesias.

Mas o exercício de pensamento-linguagem-tempo-memória proposto pelo autor não concede: a bibliografia imaginária remete ao futuro. Os livros supostamente usados para a confecção da língua laputar são de 2070, 2067, 2045 e outras datas futuras. A genialidade sutilíssima desta obra: o autor confessa que a escreveu há trinta anos. Reviu em julho de 2015 e depois publicou. Nessa medida, traz um

estrato de sua memória para compor uma simultaneidade absoluta de temporalidades-memórias. Possibilita pensar o eterno e o intemporal, como diria Borges. (Lembremos... condenação existencial seriamente postulada por Bergson e Deleuze: o passado nos é concedido sob a perspectiva do presente).

Somente a grandiosidade de uma obra artística possui simultaneidades cintilantes de temporalidades. O projeto gráfico da obra completa a intenção do autor: tudo que está em laputar é grafado em azul. Um azul indefinido, esvoaçante e flutuante. Os mares azuis que separam os continentes ao mesmo tempo que os une pelos *Rudimentos da Língua Laputar*. Parafraseando Stefan Zweig: de todos os mistérios do universo nenhum é mais profundo que o da criação-artística-literária. Alec, Alétheia .

4. Nove Cartas sobre a Divina comédia: *navegações pela obra clássica de Dante* [202]

De acordo com os mais prestigiados estudiosos da cultura grega o Olimpo tem suas leis. Dizem que por lá existe uma rotina, aliás, nada fácil. Zeus e outros habitantes possuem obrigações. Inadiáveis. Numa atmosfera de *leveza insustentável* houve, (fato inabitual), uma verdadeira briga entre as **nove** filhas de *Mnemosyne*. As Musas disputavam, entre si, quem, realmente, teria transportado para as veredas discretas--secretas à Fonte do Esquecimento e às famosas águas congeladas da Memória, um certo poeta. Lembramos que o universo divino de Zeus é contraditório, ambíguo, enigmático. Por vezes paradoxal.

Várias deusas, (deuses em silêncio), intervieram na discussão

202 Marco Lucchesi. **Cartas sobre a Divina comédia:** *navegações pela obra clássica de Dante,* Rio de Janeiro: Casa da Palavra: Fundação Biblioteca Nacional, 2013.

das **nove** prolongadoras da Memória. Assim imaginamos, de longe, o que ocorreu quando Marco Lucchesi finalizou *Nove cartas sobre a Divina comédia: navegações pela obra clássica de Dante.* Obra que exala perceptos. Fascinante. Arrebatadora. Contradiz todas as pretensas classificações textuais. Ezra Pound redesenharia 'sua tipologia'. Blanchot não estranharia. Thomas Bernhard atenuaria o habitual pessimismo. Goethe sorriria em suas conversas com Eckermann. Dalí subtrairia arrogâncias. César Leal, saudoso, repetiria às *constelações*: "sutilíssimo eterno interior".

Mas voltemos à briga do Olimpo: quem teria 'guiado' o poeta? De acordo com Hesíodo, Homero e outros poetas, as **nove** Musas, sabe-se, presidem funções. Clio: história, Calíope: a eloquência, Euterpe: poesia. Cada uma teria uma função primordial. Na briga Euterpe reivindica sua posição. Mas as outras Musas não se calam. Athena, sabiamente, busca uma base conciliatória. Faz com que as **nove** Musas acreditem que, unidas-reunidas, conduziram o poeta aos portais da Memória (fontes do passado-futuro e da verdade).

Nove cartas sobre a Divina comédia é um presente-plural (plenitude amorosa) que Marco Lucchesi dá para a humanidade. Explodem, ao abrirmos o livro, imagens, ritmos sinuosos, cores, planos, profundidades, musicalidades. O sublime de Kant e Goethe permeiam o todo. Impossível, de saída, iniciarmos a leitura das cartas. O projeto editorial convoca os sentidos do leitor a, primeiramente, folhear o livro em suas diversas dimensões. Após a tomada do fôlego inicial, aquele que eterniza instantes, pressurosos-temerosos com o que se anuncia, ouvimos, intimamente, vozes (*vozes, veludosas, vozes*) que apresentam, suavemente, a estrutura da obra de Dante. Ondas convidativas de águas ora calmas, ora quase inavegáveis: "Caro Leitor, gostaria que aceitasse estas cartas, como um gesto de amizade, atraídos como somos pela

Divina comédia. Preferi não fazer uma introdução, com princípio meio e fim. Trata-se de uma declaração de amor e, portanto, exige a forma epistolar." E o autor, sutil e amorosamente, leva, os leitores, a uma viagem-vertigem pela *Divina Comédia*.

Cada carta é um primor. Ricamente espelhadas! Visto que as ilustrações se interpõem entre as cartas. Majestosamente. Há uma carta que se apresenta com a "filosofia do amor". E aí o diálogo perfeito com Platão e outras fontes não somente filosóficas, mas, também, históricas. O ponto máximo desta carta: "o que é o amor?" Lucchesi nos leva para Santo Agostinho e: "Caro amigo: gosto de lembrar o filósofo Marsilio Ficino, quando indaga o que buscam os amantes. Ele responde que os que amam não sabem ao certo o que procuram. Sentem saudades um do outro, quando separados. E, mesmo juntos, não cessa uma falta indefinida, que os aproxima quando distantes e os afasta quando próximos. O mistério da beleza convoca os amantes a uma dimensão que os ultrapassa." E aqui, explica o autor, um dos grandes enigmas do amor, ou seja, ama-se com mais intensidade quando os amantes estão separados. Mas a presença não satisfaz a incompletude. A ausência tortura. Carta após carta são convites para visitarmos ou, obrigatoriamente, revisitarmos a obra de Dante: "...é preciso que você não perca de vista que o Paraíso de Dante celebra a altitude, física e metafísica, do Empíreo, de Deus e da Amada. Que a sua numinosidade depende, sobretudo, da altitude e da transcendência, cuja poesia promove uma abertura sem termo, emprestando a cada verso o sentimento do infinito, a paixão das alturas e uma difusa nostalgia do mais." Lucchesi instiga leituras não somente de Dante! Existem outras vozes (de autores e obras) que fizeram e fazem parte de seu percurso intelectual.

No entanto, mesmo assim, a leveza e intensidade poética, sempre perseguida pela amplitude dos silêncios da boa literatura, permi-

tem, a quem nunca teve acesso à *Divina Comédia*, envolver-se com ela. Com mediações suaves e sussurrantes a espaços desconhecidos, em princípio, cheio de brumas. Entretanto, dissolvidas, de forma gradual, à medida que a poeticidade do autor, misturadas aos autores que cita, nos conduz, sob seu olhar cristalino e puro, ao universo do próprio autor: "Todos buscam um porto no mar infinito do ser". Além de tudo, Lucchesi presenteia os leitores com os cinco capítulos da *Teologia mística* e uma iconografia (imagens divinas) da *Divina Comédia***.** Esta obra é a prova literal de que a palavra poética conduz o homem a uma reconciliação consigo mesmo e de que a poesia tem o poder do distanciamento. Devolve-nos a capacidade-liberdade de ser o que realmente somos, como afirmou Octavio Paz. Se pensarmos na espessura vertical-plural que rege o conceito deleuziano de devir, *Nove Cartas sobre a Divina comédia* é: Devir-humanidade. Devir-sublime. Devir-arqueologia dos sentidos. Devir-atemporalidade. Eis por que se justifica a briga entre as **nove** Musas.

5. Carteiro Imaterial [203]

Se pensarmos nas famosas questões que envolvem a recepção das leituras, ou seja, em que medida as pessoas estão lendo? Antigamente se lia mais do que hoje? Por que as pessoas leem tão pouco? Veremos que praticamente todas as épocas se 'equivalem'. Basta um estudo sério e uma pesquisa mais aguçada para que saibamos que a leitura sempre disputou com outras atividades. E mais: a concorrência sempre foi desleal. Os saudosistas de um passado idealizado e, muitas vezes, sem a menor base histórica, decretam, com um prazer imbecil, que ninguém mais lê. As fundamentações são risíveis-ridículas. Entre

203 Marco Lucchesi. **Carteiro Imaterial,** Rio de Janeiro: José Olympio, 2016.

elas, por exemplo, de que a televisão e a internet acabaram com a leitura. Facilmente dedutível que nunca se leu tanto como hoje. Na verdade, a questão sempre foi, é e será: como se medir o qualitativo? (Bachelard que o diga!). Mais vale um belo conto de reconhecida qualidade poética do que uma 'literatice' de trezentas páginas!

Carteiro Imaterial de Marco Lucchesi é um livro de ensaios. Uma das provas materiais de que a boa literatura se mantém mais viva do que nunca. Erudição que não humilha. Traduz-se em convites pelos percursos do autor dialogando com pensadores, escritores. Lucchesi sabe que os caminhos da literatura, (nas mais diversas dimensões), jamais foram gratuitos.

Carteiro Imaterial é, como todos os livros de Lucchesi, um livro de ensaios que se particulariza e desestabiliza o leitor. Quer pela pluralidade, quer pela sua habitual poeticidade. Vamos ao título! Carteiro lembra, docemente, mensageiro. A espera de uma carta. De um livro. Ou o inesperado. Que delícia quando um livro enviado por um amigo surpreende! Imaterial? Entre outras leituras possíveis a imaterialidade da obra em questão reside, justamente, na emissão dos signos poéticos que integram um dos fios de unidade do *Carteiro Imaterial.* Sabe-se: os signos poéticos são aqueles desmaterializados porque nasceram de uma sensibilidade. São os famosos signos espirituais. Os verdadeiros mensageiros da comunicação efetiva. Signos poéticos. Os responsáveis pelas reais intersubjetividades. Nessa medida, o *Carteiro* desdobra-se em cartas e ensaios no sentido mais estrito. Antecedidos por um sumário composto por verdadeiros ícones (no sentido de Peirce), em que apontam, para cada parte, o que irão oferecer aos leitores. Destacamos da 'primeira parte', intitulada por Lucchesi de *Carteiro Imaterial, Tragédia na Síria***,** um texto de denúncia. Comovente. O texto é a prova cabal de que o escritor jamais se desliga da vida. Literatura-Vida. O

entrelaçamento necessário. “É preciso rever a ideia inicial que se configurou acerca do EI, para enfrentá-lo com parâmetros claros, num terreno ambíguo, no qual já não se pode mais tergiversar, no enfretamento de duas guerras simultâneas: a física e a virtual. Só o tempo será capaz de dizer qual das duas guerras causou maior número de vítimas”. E ao longo deste ensaio um diálogo comovente com seu amigo jesuíta Paolo Dall’Oglio. Desaparecido em meio a tentativas corajosas de restabelecer a paz no Oriente.

O lúdico inteligente, dissolução de tristezas, também está presente numa carta sensacional que Lucchesi endereça ao gramático Evanildo Bechara.

As armadilhas que cercam a tradução são pensadas no livro. “A tradução é para sempre um gesto incompleto, um horizonte que se afasta, quanto mais próximo se mostra ao observador. Não possui um centro absoluto, capaz de legislar sobre o que se afasta e distância, e não dispõe tampouco de um código que decida sobre os limites entre contrafação e original”. E sobre o assunto Lucchesi possui experiência de sobra. Transita, inclusive na obra em questão, com tranquilidade, pela Torre de Babel. Árabe, persa, romeno, italiano, grego e mais uma dezena de línguas. Para fazer jus ao *Carteiro Imaterial* somente lendo-o.

Qualquer apresentação de uma obra rica é lacunar, injusta e inconclusa. Os signos poéticos emanados por esta obra denunciam a essência do autor: originalidade-generosidade-humanidade. E, também, a atitude corajosa dos verdadeiros poetas que acreditam no fluxo e refluxo de influências responsáveis por transformações. O *Carteiro* responde, de forma subjacente, uma questão antiga e muito cara a leitores, pensadores, poetas. Isto é, em que medida a poesia pode ser reflexiva e dar respostas a questões intelectivas? Ou: em que medida um poeta precisa do ensaio para questionamentos? Quais seriam as fronteiras entre um

ensaio literário e poesia? Nessa medida, temos no *Carteiro* uma poesia que pensa por si só. A real dimensão do quanto a poesia pode dizer mais verdades do que a filosofia, assim como o ensaio não possui uma linguagem de evidências, como muitos poetas já afirmaram, e a poesia, entre outras coisas, é a linguagem da evidência. Enfim, os limites entre o ensaio e a poesia são nebulosos e movediços. A prosa literária sem poesia é um mero documento ou uma narrativa fossilizada. Nada mais.

6. Literatura e Matemática [204]

O que é um autor? Como definir ou mapear um conjunto de obras de um determinado autor? Eis uma das inquietações, até hoje atuais e intrigantes, propostas por Michel Foucault, em uma famosa conferência realizada em Paris. A provocação de Foucault remete, entre outras, à questão: "O que é uma obra? Em que consiste essa curiosa unidade que designamos por obra? Que elementos a compõem? Uma obra não é o que escreveu aquele que se designa por autor? Vemos surgir as dificuldades. Se um indivíduo não fosse um autor, o que ele escreveu ou disse, o que ele deixou em seus papéis, o que dele se herdou, poderia se chamar uma obra?" [205]. Em que medida, prossegue o filósofo francês, rascunhos, projetos em andamento e outros registros deixados por um autor devem ser considerados?

Marco Lucchesi possui um vasto conjunto de registros e tipologias que definem, por um certo ângulo, o seu legado. Um conjunto plural. Composto por poesias, romances, ensaios, traduções, aforismos

204 Marco Lucchesi. **Literatura e Matemática** [obra organizada por Ricardo de Souza]. Belo Horizonte: Tesseractum, 2021.

205 Michel Foucault. **O que é uma obra?** Tradução de António Fernando Cascais. Lisboa: Nova Vega, 2006. p.p 37-38.

e, sobretudo, livros experimentais, (aqueles cuja transgressão abalam as classificações impostas por tipologias, via de regra, reducionistas). Além disso, textos publicados em jornais e revistas, não somente do Brasil, mas em dezenas de países estrangeiros (Ocidente-Oriente). Sua poesia e seus ensaios, em especial, já foram traduzidos para mais de dez idiomas. Possui gravados e publicados discursos nos mais variados registros (formais e menos formais), além de inumeráveis entrevistas. Que ora se encontram publicadas, ora, por enquanto, gravadas pelos mais variados suportes. Ou seja, digitais e outros. Prefácios, posfácios, cartas, apresentações de obras, nacionais ou estrangeiras devem ser incluídas em seu conjunto de registros.

Observe-se, desta forma, um aspecto de suas obras. Em outras palavras: o quantitativo. O que impressiona, quando se depara com a literatura de Marco Lucchesi é, sobretudo, o aspecto qualitativo. Portanto, não são obras atiradas ao vento e ocasionais. Em qualquer que seja o registro. A qualidade de seu conjunto plural se traduz, em grande parte, pelo seu compromisso com a literatura e, consequentemente, com a humanidade. Facilmente se nota, quando se depara com suas obras, um acentuado grau de perfeccionismo e sempre em busca de uma apreensão (do real? da verdade?), quase impossível, daquilo que o inquieta mais profundamente. Desde sempre. Em suas palavras: "Não saberia de que lado começar a reunião dos pedaços capazes de compor uma pequena parte da antologia que me constitui. Confesso de imediato que me dissipo nas coisas que congrego. (...) Não sou guarda de museu e tampouco adicto do futuro: eu me reinvento, a dialogar com o ontem e o amanhã, preso no intangível agora, a cuja fonte acorrem sedentos os meus lábios. Sou filho do ainda não, amo a soledade e seus primeiros raios: o silêncio e a distância. (...) Amo as formas breves, mas não desprezo a lógica do excesso. Guardo o rebanho de livros, que alcanço

nos idiomas dos quatro continentes. Hoje são mais de vinte. Sonho com a Torre de Babel e suas escadas intermináveis. Subo e desço aqueles degraus com assombro e destemor. (...) Nasci bilíngue e traduzo poesia desde a adolescência. (...) Viajo pelo mundo. O meu erário é farto de nomes e rostos. Não gosto de atrasos e aparo as arestas de meu furor com as árias de Bellini e as sonatas de Scarlatti. (...) Sofri nas garras da matemática, que então me parecia um tigre feroz. Vencido o medo, hoje dou aulas sobre poesia e matemática" [206].

Observe-se que a busca de um escritor como Marco Lucchesi é, sem hierarquias de preferências ou "travessias", traduzida por uma incansável e constante luta com a linguagem. Comparável com as obras de Blanchot, Bataille, Octavio Paz e tantos outros expoentes da literatura. Há um processo de criação e inventividade interior, subterrâneo, que o singulariza. Como diria Peter Handke: "Algo nele o qualificava, aliás, para descobrir ou avistar quase todas as aparições fora de série (...) na uniformidade geral, tornada assim talvez pelo hábito diário, desde cedo ele tivera um olhar para a forma contraditória, diferente, estranha, e também o atacava subitamente a outra cor, a acentuada, a excêntrica, o matiz deslocado, a geometria oposta, o claramente emplumado em meio a confusão uniforme, o nitidamente malhado, a estampa na ausência de estampas" [207].

Nessa medida, as suas obras são singulares, entre outros motivos que poderiam ser mencionados, porque propõem verdadeiras imersões nas mais variadas áreas do conhecimento. A literatura de Marco Lucchesi vai a fundo em questões conceituais da Filosofia, da História, da própria Literatura, da Música, da Linguística, da Astronomia, da Fí-

206 Marco Lucchesi. **Carteiro Imaterial.** Rio de Janeiro: José Olympio, 2016. p.p. 175-176.

207 Peter Handke. **Ensaio sobre o louco por cogumelos.** Tradução de Augusto Rodrigues. São Paulo: Estação Liberdade, 2019. p. 73.

sica, da Matemática. Por essa e outras razões é considerado pela crítica, em geral, por mais que se possa e se deva desconfiar dos críticos, (por lembrar de Macedonio Fernández), como um grande pensador. Atravessar vários terrenos do conhecimento, com propriedade, requer coragem e, sobretudo, não ter medo de desafios dos mais intensos. E mais: a compreensão de que se deve perseguir a verdade, mas, sem jamais deixar de lado a condição humana irrevogável do eterno compromisso da contínua construção da liberdade que, no fundo, perderia seu sentido caso não fosse presidida pela paz e solidariedade. Âncoras, ambas, dos sonhos mais cobiçados por aqueles que desejam, na prática, uma nova humanidade.

Mas um ponto fundamental que deve ser destacado é estabelecer a diferença entre um simples diálogo com outras áreas do conhecimento com imersão profunda. O que se deve entender com imersão profunda? Ter ciência das estruturas invariantes e constantes que delimitam e circunscrevem as áreas de conhecimento em suas respectivas e possíveis metodologias. E isso é explícito nas diversas tipologias que circunscrevem os registros de Marco Lucchesi.

No entanto, a unidade do conjunto de obras do autor está em sua estética [208]. Entenda-se aqui por estética, para além das contribuições muito bem-vindas de Kant, Peirce e outros, um conceito, que como tal, comporta multiplicidades, se pensarmos com Deleuze. Sob tal ótica a estética de Lucchesi é rara e labiríntica – imagine-se um labirinto (inexistem invariáveis e constantes) – sem uma forma definida. Oscilante, visto que induz, conduz e seduz a transportes conceituais, vertiginosos, ao belo, às paixões intensas, às delicadezas, à generosidade e, sobretudo, às variáveis que serpenteiam em movimentos ora lentos, ora mais velozes. Tais variáveis podem ser comparadas a uma espécie de "linha

208 Referências mais detalhadas, a respeito do conceito, na obra **Estética do Labirinto:** a poética de Marco Lucchesi. São Paulo: Editora Patuá, 2018.

sintática, pois a sintaxe é constituída pelas curvaturas, os anéis, as viradas, os desvios dessa linha dinâmica, na medida em que passa por algumas posições, do duplo ponto de vista das disjunções e das conexões" [209].

O ponto extremo do estético de Lucchesi se perfaz em blocos de intensidades: "As palavras pintam e cantam, mas no limite do caminho que traçam dividem-se e se compõem. As palavras fazem silêncio. (...) Quando a língua está assim tensionada, a linguagem sofre uma pressão que a devolve ao silêncio" [210]. Blocos de intensidades atemporais-desmemoriados. Autônomos. Fragmentos cuja 'autoria' se reveste de um anônimo ao infinito. E a um devir destinado ao contemporâneo.

7. Os olhos do deserto [211]

Há diversas modalidades de viagem. Pode-se pegar um carro e, sem rumo, andarmos de forma indefinida. Os espaços são ocupados por nossos olhos. Fixam-se naquilo que selecionamos. Pode-se viajar de avião. Perto das nuvens, muitas vezes, olhamos para baixo e tudo passa lentamente. Aos nossos sentidos subtrai-se a velocidade, real, do avião. Rios, vales, superfícies esverdeadas ou queimadas, lá embaixo, acenam ao longe. Pode-se viajar de trem. As paisagens, escorregadias, passam na horizontal. Pessoas, estações, bois, plantas, cidades, aldeias. E as flores. Enfim. Há muitas formas de viagem e o mundo jamais foi tão nômade. Nunca houve tantos deslocamentos. Pode-se viajar em pequenas embarcações por rios. As águas doces dos tempos líquidos (querido Bauman) espirrando em nossos corpos. Árvores e plantas. Espreitam-

209 Gilles Deleuze. **Crítica e Clínica.** Tradução de Peter Pál Pelbart. Sã Paulo: Editora 34, 1997. p. 127.

210 Idem, p. 128.

211 Marco Lucchesi. **Os olhos do deserto.** Rio de Janeiro: Record, 2000.

-nos desconfiadas. Desesperadas.

Mas, talvez, a melhor viagem seja aquela proporcionada por um belo livro. Novamente: o eterno fascínio das palavras. O eterno encanto de tramas traçadas por uma literatura sedutora. Finos tecidos de uma sensibilidade projetada por estratos de temporalidades.

Com muita segurança é o caso do livro *Os olhos do deserto* de Marco Lucchesi. A viagem perfeita. Viagens dentro de viagens! Imaginem! O autor viaja, de fato, pelo Oriente. Mas sua escritura também é uma viagem pelas tramas de suas imagens! Lembro nosso bom e velho Deleuze que odiava as viagens em si mesmas. Dizia que não era um nômade. Mas que as leituras lhe possibilitavam as verdadeiras viagens. Mas, insisto, a viagem deste livro possui uma mão dupla!

Nas palavras do autor: "Tempestades de areia. Inquietação. O espaço que não cessa; o tempo que não passa. Movem-se as dunas, estáticas. Poderosas vermelhidões. Areias que geram calma e desespero. Os berberes são harpas tocadas pelo vento. Desejo de morte-vida. Pesam os rins. Pesam os pulmões. Pesam de areia. Essas paragens não conhecem meio-termo. Matam ou redimem." Eis uma das melhores imagens que Marco Lucchesi oferece ao leitor pela imensidão do deserto. A imobilidade carregada pelos ventos que levantam areias preguiçosas e, talvez, solitárias, à proporção da solidão do autor.

Mas a obra inteira nos leva a paisagens desérticas. Líbano. Síria. Lugarejos habitados por paisagens sob a observação (olhar primeiro)+-sentidos (despertos)+repertório (domínio perfeito de mecanismos da língua) de um verdadeiro poeta que capta o que há de mais sedutor nas assombrosas profundidades de um espaço, muito diferente, daquele ao qual estamos mais habituados. Habitam o autor, inclusive, as estrelas: "Estrelas insistem na noite clara. Insiste meu coração. E o deserto. Sempre o deserto. O deserto como refúgio e promessa. Prefácios de sombra.

Que me assistem, que me salvam."

O autor, personagem desta viagem aos desertos de almas e espaços por ele visitados, ainda oferece ao leitor conceitos de linguagem. Ele domina o árabe. E com isso se aproxima da cultura (fatalismo) como no seguinte fragmento: "O árabe é uma das línguas mais belas. Uma das portas do sagrado. Fogo primordial. Tempo Forte. Tempo Mítico. Para Massignon, o árabe não sofre a anemia das línguas modernas. Sua estratégia é outra. Não se utiliza de períodos amplos e hierarquizados. Subordinadas de Subordinadas. Conjunções gradativas. O árabe coagula e condensa, com a força do ferro e o brilho do cristal, a ideia que emerge do Sagrado." Uma verdadeira lição, por meio dos caminhos tortuosos da sensibilidade, de mecanismos linguísticos. Isso é literatura. A língua, nesta obra, se desdobra nas formas mais inusitadas e originais possíveis. Ora trechos em prosa-poema, ora trechos de poema-prosa. O que não falta neste livro fascinante é a poesia eternizada por recursos de literariedade expressivos, como por exemplo: "e as letras são vassalos da revelação"; "o deserto tem suas vertigens"; "a insônia desta noite é mortal. Com a força de mil serpentes que se agitam dentro de mim". E, finalmente, há uma viagem histórica, ao passado, que jamais será trilhada por alguém. O Oriente visitado por Marco Lucchesi não existe mais. Damasco e outros lugares da Síria visitados pelo escritor foram subtraídos. Escombros. Destruição. Refúgio dos desalmados. As cidades da Síria caminham para se integrarem, de forma monstruosa, aos desertos que as permeiam em nome de guerras. Principalmente em nome dos imperialistas oportunistas que, olímpica e hipocritamente, aplaudem a destruição daquele que foi um dos maiores tesouros de memórias (em todos os sentidos) da humanidade. E, uma vez mais, o nosso poeta nos lega uma memória que pode ser contemplada por nossos olhos, pela nossa alma. Octavio Paz costumava dizer que havia povos sem prosa.

Mas nunca houve povos sem poesia. Pode-se afirmar que há espaços que, em si mesmos, por mais desérticos que sejam, jamais serão despercebidos desde que haja o olhar prospectivo e sensível de quem saiba fazer literatura. O melhor argumento, em todos os sentidos, novamente: Deleuze: devir-deserto. Ou seja: sentir-se alma de um deserto. Eternizar o deserto. Ser *os olhos do deserto*.

8. Caligrafia Silenciosa [212]

A contemporaneidade, ninguém duvida, tão informatizada, globalizada... fala, cada vez mais, línguas que, praticamente, não são entendidas? Por quê? Porque não bastam os meios de comunicação. Não basta ter o tal do 'acesso à informação' (que horror... chavão mais desgastado). É preciso que a humanidade, de uma vez por todas, se entenda. Minimamente. Babel já deveria ter sido minimizada. E, paradoxalmente, não foi! O bom e velho Deleuze já havia avisado: "só há intersubjetividade artística". De acordo com um dos filósofos mais ternurosos que tivemos, somente os signos artísticos (e entre eles os verbais) visto que imateriais e sensíveis, poderiam atenuar a famosa incompletude (hiatos sempre insondáveis) entre as subjetividades.

Mas. De repente a palavra poética teimosamente se ergue. *Caligrafia Silenciosa,* George Popescu, graças à tradução de Marco Lucchesi, vem para o público brasileiro. E pasmem! O tradutor não esconde o texto original. A obra é bilíngue. Lucchesi não é daqueles tradutores que gastam quase metade da obra para justificar seus 'métodos de tradução'. O grande método e mérito de Lucchesi é a sensibilidade+re-

212 George Popescu. **Caligrafia Silenciosa.** Organização e tradução de Marco Lucchesi. Rio de Janeiro: Rocco Jovens Leitores, 2015.

pertório. A capacidade de transpor seus limites de objetividade e atingir subjetividades. Temporalidades humanas. Eis o melhor método de tradução. Isto é admirável. Afinal...conforme se sabe Lucchesi é poeta. Alma de poeta. Olhar de poeta. E isso muda tudo.

A introdução da obra é simplesmente fascinante. Nas palavras de Popescu: "A poesia não deve mudar o mundo nem sequer melhorar a condição humana, tampouco ser uma alternativa, mas simplesmente uma *medicina naturans,* uma saída do círculo impossível do destino. A poesia destrói a ilusória escala de valores ditados pela moda, inverte o avesso mediante o retorno da tradição, recusa o perigoso jogo de dados e assume apenas um único risco: um halo por meio do qual a luz da Palavra é filtrada, quando esta se encarna dentro de um verso que tangencia o divino."

A poesia e a literatura jamais mudaram o mundo. Saramago, em momentos de grande amargura diante das miserabilidades humanas (lembremos *Os Miseráveis* de Victor Hugo), declarava que se ele ou outros escritores jamais tivessem existido o mundo estaria do mesmo jeito. Cá entre nós: o homem é uma invenção que nunca deu certo. (Mal posso me lembrar que se os poucos detentores de uma fortuna sem limites abrissem mão de apenas quatro ou cinco por cento de seus bens não haveria, na prática, mais nenhum miserável neste planeta. Que amargor!) E, aqui, Popescu:

Na densa e silenciosa escuridão como a noite
de um amor desperdiçado
sequer uma palavra
só o nariz erguido na direção de um céu invisível
zigoma apertado nesta imagem
que cai no teu ventre como um cão

magoado na soleira de sua última vontade
de tornar-se homem.

Contudo, a poesia aponta a probabilidade de um outro mundo. Possibilidades de outros caminhos com os quais podemos, ao menos, sonhar. Delirar! E os delírios poéticos afagam-afogam nossas mágoas mais profundas.

Novamente Popescu nos responde:

mas não é assim – respondo –
com o olhar profundo da memória
se cavares nessa arqueologia
que a transparência também faz tua
irás descobrir – basta que o desejes –
basta que possas ainda querer
irás redescobrir todas as pobres existências
que me serviram de escudo e muro de defesa
no tempo mágico de uma só piedade.

Caligrafia Silenciosa! Nas palavras do tradutor: "é uma janela do presente, aberta para a criação a poética dos quatro cantos do globo, no diálogo entre os povos e na cultura da paz. Não o mundo, mas sua representação. Não a imagem, mas o espelho incerto, no qual brilham a diferença, a beleza do rosto, nas vozes de um mundo novo, em construção." Estas palavras, de forma sublime, traduzem (inclusive) o melhor da literatura: a luta, desesperadora, de apaziguar as diferenças. A luta para dar sentidos a existências anônimas. E o sentido e as grandes mudanças somente podem ser concretizadas pelo pensamento. E o pensamento somente pode ser traduzido pela linguagem. Ezra Pound,

habitualmente, irado, bravo, indignado, inconformado, dizia que quando a humanidade estava quase 'falindo'...a literatura era convocada. Na derrocada do pensamento o escritor sempre é lembrado e a poética, finalmente, triunfa!

9. Cultura da paz [213]

Do silêncio das estrelas às reflexões de uma possível consciência histórica

Nulla res singularis in rerum natura datur, qua potentior et fortior non detur alia. Sed quacumque data datur alia potentior, a qua illa data potest destrui.

Benedictus de Spinoza [214]

O sagitário, seu símbolo, diletíssimo Marco, exprime o nexo entre a terra e a poesia-céu. A violenta tensão do impulso do arco é um movimento intenso e perigoso. Dividir a tensão entre os extremos seria talvez salutar. Mas se o fascínio da poesia-céu é irresistível, a distensão será inevitável. Aceite seu belo destino.

Nise da Silveira [215]

Ao percorremos as páginas de *Cultura da paz,* nós leitores,

213 Marco Lucchesi. **Cultura da paz.** Rio de Janeiro: Oficina Raquel: 2020.
214 Benedictus Spinoza. ***ETHICA***. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2013. p. 269.
215 Marco Lucchesi. **Viagem a Florença**: Cartas de Nise da Silveira a Marco Lucchesi. Rio de Janeiro, 2003. p. 29.

como sempre, somos surpreendidos com mais uma obra de Marco Lucchesi. Este que, acima de tudo, prima não somente pela erudição, mas, inclusive, pela solidariedade profunda, própria daqueles que possuem brilho silencioso, irradiante. Em outras palavras: sente dores autênticas diante dos inúmeros dramas humanos que subtraem o direito da existência plena. Um poeta que exala satisfação, generosíssima, ao ressaltar valores de escritores, pensadores, artistas, refugiados, presidiários. Sem fronteiras geográficas, históricas, hierárquicas e temporais. Marco Lucchesi tem diante de si a humanidade. Entrega-se, ama e se deixar amar por cada ser que tem o privilégio de encontrá-lo ou conhecê-lo. De perto ou a distância.

A obra em questão foi arquitetada pela distribuição dos títulos que encaminham os ensaios. Independentes entre si, mas regidos por fios delicados. Estes que teimam pela invisibilidade. Contudo, solicitam nossa atenção em todas as esferas. Diga-se de passagem, que cada ensaio possui a 'exatidão', (naturalmente não estamos desconsiderando as teorias de Bergson no que dizem respeito à memória), de fatos, encontros, datas, somente cabíveis e compatíveis com a memória de *Funnes, o memorioso*!

Cultura da paz pode e deveria ser lido como uma verdadeira Educação Estética. Os textos de Marco Lucchesi, (como sempre), são exigentes. Exigentíssimos. Reforçam, inclusive, uma posição importante de nosso mestre Deleuze, ou seja, de que a verdadeira literatura não se faz apenas com intenções literárias. Solicitam do leitor um repertório não somente voltado para a literatura. Mas para a pintura, história, geografia, ciências em geral, filosofia, música, política, teologia. Lembremos de Goethe: "Faz-se mister o advento de um gênio que se aproprie logo do que há na atualidade, assim excedendo a tudo mais. Os meios aí estão todos, os caminhos indicados e aplainados (...)

Falta agora, como disse, um grande talento, e esse está por vir, assim o espero" [216]. Sem exageros. Um dos gênios sonhados pelo autor de *Afinidades Eletivas* é o autor de *Nove Cartas sobre a Divina Comédia.* Advertência: estejamos, sempre, à espreita dos ecos de Narciso e seus costumazes seguidores (como esquecer *Diário de um gênio* de Dalí?). Decididamente não é o caso!

Marco Lucchesi desafia, uma vez mais, a capacidade de confronto das habituais insuficiências que sempre inquietaram os que realmente pensam. Ao terminar a leitura dos ensaios, contidos neste livro, de imediato, a necessidade de retomá-los. Talvez de forma descontínua. Cada ensaio é uma síntese em alto grau de excelência. Sínteses que captam e materializam, se quisermos pensar na perspectiva de Peirce, o inanalisável, os ícones, quali-signos em seus desdobramentos infinitos. Novamente Goethe: "Há criaturas excelentes que nada podem fazer sem reflexão e de improviso, e cuja natureza exige que todos os assuntos sejam profundamente meditados em sossego. Em geral esses talentos deixam-nos impacientes porque raramente alcançamos deles o que de momento desejamos. Contudo é por essa forma que se atinge as culminâncias" [217] .

Imagine-se Dante, Goethe, Borges, Einstein, (somente para ficarmos com alguns), lá no Olimpo, em diálogo, saboreando os famosos néctares, sob o olhar de *Clio,* e, ao mesmo tempo, felizes (atentos) aos desafios que Lucchesi possibilita. O maior deles remonta, sem dúvida, ao ideal dos grandes pensadores! Como construir um livro, único, que contenha todos os outros? O que realmente significa pensar? Como abarcar todas as línguas, todos os tempos, passado, presente, futuro, numa só obra? Como reter o infinito? Como reunir todas as vozes e ex-

216 Eckermann. **Conversações com Goethe**. Tradução de Marina Leivas Bastian Pinto. Belo Horizonte: Itatiaia, [s.d]. p.67.
217 Idem, p. 129.

pressões artísticas, científicas, filosóficas, históricas? Desafio este que o autor coloca, em parte, no texto, deste livro, *Grafite Luminoso.* Lembremos de Einstein: "Não me canso de contemplar o mistério da eternidade da vida. Tenho uma intuição da extraordinária construção do ser" [218]. E ainda: "O que, exatamente, é o pensamento? Quando, na percepção das impressões sensoriais, emergem figuras da memória, isto ainda não é 'pensar'. E quando esses quadros formam sequências, cada membro criando o outro, isto também ainda não é 'pensar'. Porém, quando uma certa figura aparece em várias sequências, nesse caso – precisamente devido a essa recorrência – torna-se um elemento de organização para tais sequências, no sentido de unir sequências por si mesmas que não se relacionam entre si. Esse elemento vem a ser um instrumento, um conceito. Creio que a transição da livre associação ou 'sonho' para o pensamento caracteriza-se pelo papel mais ou menos importante representado pelo conceito. Não é de modo algum necessário que o conceito esteja ligado a um signo que possa ser reconhecido e reproduzido pelos sentidos (palavra), mas, quando isto se dá, o pensamento torna-se capaz de ser comunicado" [219].

Cultura e Paz movimentam-se, em grande parte, na perspectiva do conceito de pensamento de Einstein. Lucchesi não dá trégua. Uma espécie de "secreta complexidade", como diria Borges. Veja-se, por exemplo, no ensaio *Dante 750* regido, seguramente, por uma síntese visual-conceitual-temporal-espacial, sem precedentes. Observe-se a fúria que transborda sob os signos da elegância, erudição, provocação, ironia. O autor materializa, com a intranquilidade dos que ainda conservam a capacidade da indignação, uma denúncia somente comparável ao inesquecível *J'accuse* (publicada em 13/01/1898). Denúncia dolorosa

218 Albert Einstein. **Como vejo o mundo**. Tradução de H.P. de Almeida. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2016. p. 12.

219 Albert Einstein. **Notas autobiográficas**. Tradução de Aulyde Soares Rodrigues. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1982. p. 17.

feita por nosso amado e corajoso Émile Zola quando, sabiamente, compreende a injustiça da prisão de Dreyfus e desafia os pilares das autoridades francesas.

Mas é exatamente no ensaio *Livros Fantasmas* que Lucchesi, acima de tudo, nos convoca, enquanto exercício de pensamento, conceitualmente, a estranheza. Por quê? Porque nos deparamos, em alto grau, com o inesperado. E também nos chama para o 'não datado' (por lembrarmos de Derrida). Algo novo se processa em nosso próprio pensamento que não permite atravessar nossas velhas capas de significação. Lembrando, uma vez mais com Derrida, que se reconhecemos algo, em se tratando, também de literatura, o reconhecido não pode ser novo. No novo tudo escapa como cavalos-desmemoriados-indomáveis.

O que novamente vai ao encontro de mais uma afirmação de Einstein: "Não tenho dúvidas de que o nosso pensamento se processa, na maior parte das vezes, sem o uso dos signos (palavras) e, além disso, em grande parte inconscientemente. Se assim não fosse, como seria possível 'lembrarmos com estranheza' e de forma espontânea uma determinada experiência? Essa 'lembrança inquisitiva' pode ocorrer quando a experiência está em conflito com conceitos bem estabelecidos em nossa mente" [220].

Cultura da paz transita, pensando a obra como um todo, por uma arquitetura que provoca, mesmo que tacitamente, uma retomada de nossos conceitos, muitas vezes, amontoados e empoeirados. Dialoga, implicitamente, com *as dimensões da consciência histórica,* por lembrar de Aron. Ao mesmo tempo, na maior parte dos ensaios, há um convite subjacente de Lucchesi para a contemplação do belo e vivê-lo na prática. Tal como ele vive. A linguagem poética do autor é extraordinariamente insubmissa a determinismos. Sem falar das vozes sussurrantes de memórias que emergem em recortes distintos de sua vida. E,

220 Idem, p. 18.

nessa medida, estimulam a encontros com as nossas. *Cultura da paz* é simplesmente prova real de lições solidárias. O único caminho possível, por lembrar, inclusive, de Bauman e Negri, para que a existência humana consiga sobreviver de maneira menos miserável.

Cultura da paz... um verdadeiro labirinto estético de tempos suspensos. Tal a qualidade de envolvimento textual a que somos gentil e amorosamente seduzidos.

10. Mal de amor [221]

O amor, em sua ilimitada complexidade, atenua fronteiras. Desconhece as leis da razão. Suspende a moral. Intensifica os sentidos e, ironicamente, nos coloca em abismos colossais. Jamais imaginados.

Mal de amor de Marco Lucchesi desmorona. Dissolve. Envolve. Seduz. Reduz qualquer conceito pré-fabricado sobre o amor. Lucchesi é ardiloso. Desnuda, com delicadeza e a mesma leveza das carícias sutis, a possibilidade de uma pretensa leitura linear que se desmancha à proporção da densidade de suas metáforas altamente sofisticadas, assim como põe à prova nossas insuficiências de captação dos devires, sempre presentes, em se tratando da literatura dos grandes mestres da verdade, como no seguinte fragmento: "Teu sonho, abismo líquido, uma constelação insone, em busca de não sei que estranhas órbitas. (...) Deixai a dissonância, ó vós que entrais. No oitavo céu do náufrago edifício, já não percebo drásticos rumores."

O livro deve ser lido em sua totalidade. Desde a capa que busca, não sem desespero, a cadência dos silêncios contidos na poética da obra, até os contornos insinuantes das ilustrações. Estas, agentes das suspensões necessárias para que os leitores recuperem o fôlego de uma

221 Marco Lucchesi. **Mal de Amor.** São Paulo: Patuá, 2018.

travessia intensa. Sínteses que arrebatam nossas percepções e quase nos afogam em mares das dissoluções do equilíbrio, visto que desestabilizam sentidos que supostamente tínhamos como âncora. Espaços de alternância. Tonalidades. Brumas. Espumas. Memórias marítimas, azuis em diversas gradações, perpassam sob os mares azulíssimos de Seferis e de Lúcio Cardoso (tragado-embriagado por sua solidão).

Para quem leu o conjunto de obras do autor reconhece, uma vez mais, que Marco Lucchesi surpreende. Por quê? Porque jamais se repete. Cada obra do poeta é distinta. Singular. Os *olhos do deserto* não se submetem a *saudades do paraíso* e à correspondência imaterial das ficções (de um gabinete?) atribuídas a *Memórias de Ulisses.*

A atmosfera mais geral da obra é recoberta de silêncios em que o ritmo e o murmúrio das ondas do mar, muitas vezes, são nítidos. Pode-se capturar a eternização de instantes. (Digressão: Aos poetas, os relógios. Eis o que as Musas, em especial Clio, deveriam delegar aos mestres da verdade). A tentativa imponderável de parar o tempo porque da ausência resta apenas (e sempre) o que se pode afirmar de toda presença que se foi. Em outras palavras: não se pode mais tocá-la, olhar para ela e muito menos lhe dar um presente. A presença escapa e com isso, acima de tudo, *a insustentável leveza do ser* (por lembrar de Kundera) 'materializa-se' em se tratando de amor: "Mal reconheço o mar que amanhece. Um barco de pescadores (mudo e imóvel) não se despega do cais em ruínas. Sereno mar, como um leão deitado numa jaula, a denunciar a tempestade. A loura bicicleta apoia-se à parede. O relógio parou às cinco da manhã. As árvores lascivas se desnudam. Um gato de olhos vesgos sabe (mas não diz). (...) Caminho sobre formas circulares, nas zonas refratárias do silêncio. Rumo ao prenúncio inabordável dos gerânios. Eu guardo um destemido canto de beleza".

As descontinuidades da obra são altamente icônicas. Dá-nos

uma perspectiva, bastante aproximada, não sem amargura e dor, do quanto o amor plenamente correspondido é uma impossibilidade humana. Em outras palavras: a plenitude de nosso amor jamais se realiza. O amor, quaisquer que sejam as dimensões, é exigente. Impaciente. Pontuado por agulhadas, penetrantes, de insatisfações que se desnudam pelos sons, agudos, de nossos gritos mais profundos. A supressão das diferenças é um sonho irrealizável. Sejamos lúcidos: jamais conseguiremos transpor o abismo, ironicamente sorridente, angustiante, que nos separa do outro. Mas, justamente, não seria isso o verdadeiro *Mal de amor*? Por natureza, de grau e sentido, jamais alcançamos a comunhão, com o outro, que aspiramos. O desejo, mesmo satisfeito, não passa de uma sombra úmida que se desfaz sob urgências mais sedutoras. Desejo é o pontual. Efêmero. Transita, perigosamente, por lembrarmos de Bataille, entre os desvãos da entrega. Desejo*: Sorriso do caos* que se reveste em dentes-ardentes-sedentos: "Águas esquivas na superfície da pele. Pálpebras lunares, como um incêndio às margens do Ocidente. Um pássaro fugaz, em abandono de trevas e adeuses".

Aprendemos e reaprendemos com Bataille que nada é mais contrário ao amor do que interrogar, tremer e pretender a exclusão daquilo que o desfavorece. Nada pode ser mais esgotante e em vão. Somente conseguimos (será?) alcançar o amor quando numa indiferença meio que enfeitiçada: "Sinto-me preso a uma esfera dissolvente. Como se não houvesse mais distância, além do escasso domínio da pele. Névoa densa dentro da qual me decomponho. Como cobrar de ti as partes que me ferem e atravessam?" Na verdade, o amor, horizonte possível de satisfação das nossas incompletudes, carrega em si, conceitualmente, o sofrimento das incertezas, das inseguranças, da posse e dos ciúmes (camuflados ou não).

Ao lermos e relermos, (obrigatoriamente), *Mal de amor* somos

exercitados a rever nossos princípios de cumplicidade. A mesma que existe entre *a flauta e a lua*.

11. Hinos Matemáticos [222]

É possível, na prática, um diálogo entre a literatura e matemática?

Literatura (não existe literatura sem poesia) e matemática (lembrando que a geometria é um dos tentáculos da matemática) jamais foram antagônicas. As especializações, cada vez mais redutoras, principalmente a partir do século XIX, são, em grande parte, culpadas por um dos piores danos que se poderia causar à humanidade. Ou seja, cada campo do saber isolado de seu contexto e desligado de outros campos do conhecimento. Saberes fragmentados. Nada mais pobre. Nada mais danoso, inclusive, para a educação como um todo. A ausência de diálogos efetivos entre as disciplinas, em todos os níveis, causa estranheza aliada a uma aridez, sem precedentes, a estudantes e professores. Em que sentido? Em diversos. Grande parte dos professores ficam desanimados quando percebem que os conteúdos impostos, na maioria das vezes, por bases superiores, esvaziam-se na constatação do pouco significado que produzem na vida dos estudantes. Por sua vez, os estudantes (quantos!) não conseguem perceber a utilidade, em vários graus, daquilo que supostamente estariam "aprendendo". Eis um dos maiores dramas da educação e desafio não somente da educação brasileira. Mas um dos maiores desafios educacionais é o possível diálogo entre as denominadas ciências exatas e as humanidades. Mais precisamente: matemática e literatura.

222 Marco Lucchesi. **Hinos Matemáticos.** Rio de Janeiro: Dragão, 2015.

Nas palavras do grande escritor brasileiro Marco Lucchesi: "Vencer o medo da matemática, de seus tentáculos vorazes, perigosos: eis uma preocupação constante dentro e fora das escolas, que se desdobra nos ramos da didática, da música, da narrativa e da poesia, para enfrentar o monstro, para torná-lo palatável. E pouco a pouco o demônio cede lugar ao sortilégio. Há uma grande biblioteca atraente e divertida, em todas as línguas e quadrantes, em quantidade que supera as expectativas de pais e professores, de humanizar a matemática, como se fosse amiga de jogos de criança" [223].

O possível diálogo entre a literatura e a matemática pode ser estabelecido quando nos deparamos com determinadas obras, que ampliam os conceitos de uma matemática abstrata e vazia, como por exemplo o seguinte poema:



Quadrado [224]

Cada qual de teus lados
Nos outros se contempla.

E qual dos lados prefere?
O lado do contato
Ou aquele fronteiro?

223 Guillevic. **Euclidianas.** Tradução, introdução e notas de Marco Lucchesi. São Paulo: Berlendis &Vertecchia, 2013.
224 **Euclidianas,** p. 23.

Eu me esqueci dos ângulos
Onde o exterior se irrita

A ponto de roubar-te
As dúvidas que voltam.

Diferentemente do que se supõe, existem várias aberturas que podem favorecer o diálogo efetivo e plural entre matemática e poesia. O primeiro passo seria, sem dúvida, a formação sólida dos professores. O que podemos entender por isso? Que devemos deixar de lado as especializações cegas e que visam somente uma área. Em outras palavras: a formação de um professor deve estar preocupada, desde o início, com diversas áreas do conhecimento. É preciso, de uma vez por todas, deixar de lado certas inverdades. Supor-se literatura e matemática de lados opostos. Os grandes pensadores e professores da humanidade conseguiram transitar com profundidade por diversos campos do saber. Gaston Bachelard (1884-1962) foi um excelente professor e transitava com tranquilidade pela matemática, química, filosofia, psicologia e, sobretudo, pela poesia. Foi um defensor, quando atuava no magistério, do diálogo intensivo entre todas as disciplinas.

Os professores de todas as áreas deveriam ter uma formação plural para que pudessem, de fato, perceber o diálogo possível, no caso, entre matemática e poesia. A matemática carrega em si mesma uma poeticidade. O que é um diferencial? Representa a parte principal da variação de uma função. Mas pode ser:

Diferencial [225]
Uma teia de números vertiginosa
insubmissa e que não cede

225 **Hinos matemáticos,** p. 32.

ao horizonte exacerbado de silêncio

Centelha que esplandece
aos olhos do futuro

E tudo que não diz
é como se dissesse

O que é uma elipse? Pode ser um recurso de estilo em literatura que omite alguma expressão, mas deve ser entendida no contexto. Pode ser uma figura geométrica plana ou conjunto de pontos. Nas palavras de Lucchesi: "Da família das curvas planas, consanguínea da hipérbole e da parábola. Possui dois focos distintos, que se ignoram ou que se odeiam, ao contrário do círculo, no qual ambos se confundem – harmoniosos – num mesmo ponto" [226]. O que é uma tangente? Afirma Lucchesi: "Toca sem cortar. Com a delicadeza de um evento único. Podendo ser evocado mais de uma vez no palácio da memória. Diferença e Repetição. Uma vida solitária, amansada apenas pela trajetória da secante" [227]. Para Lucchesi o que seria uma pirâmide? "Figura geométrica sólida, com estabilidade na base e retas afiadas, que se ligam ao vértice. Paralelos com o mundo egípcio, a partir dos elementos naturais, as cheias do Nilo e os ventos do Saara, sob a paciência dos milênios. Um sonho vivo e a vocação primordial das figuras, simplificam o mundo" [228].

A linguagem da matemática, em si mesma, é profundamente poética. No entanto, é preciso saber percebê-la. E para tal é necessário repertório para que se possa tecer um diálogo. Importante lembrar que não é qualquer literatura que pode dialogar com a matemática. Um

226 **Euclidianas,** p. 121.
227 Idem, p. 129.
228 Idem, p. 128.

escritor quando dialoga com outras áreas, obrigatoriamente, deve ter compromisso com os conceitos que apresenta literariamente. Inúmeros escritores revelam isso: Ernesto Sabato, Primo Levi, Jorge Luis Borges, Fernando Pessoa, Goethe, e, seguramente, Marco Lucchesi.

Os 9 círculos concêntricos que estruturam a *Divina Comédia* constituem a prova real de que Dante calculou (+ - : x) os labirintos {infinitos} derivados da poesia e da matemática. *O resto é silêncio...* por lembrar de Érico Veríssimo!



Por uma estética da solidão

*...vertigem e altitude. O sentir-se abandonado, a **estética da solidão**, a qual, combinada com a da altura, cria uma síntese prodigiosa.*
Marco Lucchesi

Grinaldas de estrelas pendem do teto. O chão tremula
como asas, os elementos são colmeias de sonhos. A
solidão é a tinta da viagem.
Adonis

Cavalos-camelos desmemoriados, incomunicáveis, determinados pela solidão ancestral e espessa tristeza no olhar.
Marie-Joulie Chamie

Eu não era de agradar ninguém, preferia a secura da sinceridade e a solidão do silêncio.
Ana Miranda

A vida dura o tempo de umas marcas de garra de areia.
Meus sonhos - nem eles são como deveriam, habitados.
Neles há mais solidão do que multidões e alarido.
Wislawa Szymborska

O que é solidão?

Solidão é vertigem-abismo. Sentir-se "...habitado por uma paisagem de pedra e areia" [229]. Sentir "...arder a força de mil vórtices, o ímpeto de mil naufrágios" [230]. Solidão... uma travessia que equivaleria ao infinito, afirma Guimarães Rosa. Solidão são como portas que se "... abrirão e fecharão, continuarão abrindo e fechando, e através delas tenho visões que me fazem chorar. Pois não podem ser comunicadas. Daí nossa solidão; nossa desolação. Volto aquele ponto em minha mente, e o encontro vazio. Minhas próprias fraquezas me oprimem. Ele já não existe, para contrastar com elas" [231].

Façamos um breve esclarecimento na esteira de Nietzsche: "Uma coisa é o abandono, outra é a solidão" [232]. Ou: "A solidão é a tinta da viagem" [233].

A solidão..."desesperada zona de enormes abandonos" [234]. Traz consigo a certeza, inabalável, de que somos profundeza, no entanto, que "cintila de enigmas e risadas que flutuam" [235]. Solidão... cujo "perfume secreto" [236] pode ser o de uma árvore. Solidão ou a espessura da tristeza indefinível no olhar de um cavalo desmemoriado. A chegada da solidão..."Pressentia uma dolorosa presença, sem rosto, a emergir das profundezas. Quisera fugir das garras desse abismo negro e selvagem, que tinha fome de mim. Mas como fugir do abismo por quem somos habitados?" [237]. Responde Blanchot: "Vir para onde? Vir, ainda que para lugar

229 Marco Lucchesi, **Olhos do Deserto,** p. 17.
230 Idem.
231 Virgínia Woolf, **As Ondas**, p. 120.
232 **Assim falou Zaratustra,** p. 175.
233 Adonis, **Poemas,** p. 34.
234 Lúcio Cardoso, **Poesia Completa,** 752.
235 Nietzsche, **Assim falou Zaratustra,** p. 111.
236 Gabriela Mistral, **50 prosas em El Mercurio 1920-1956,** p.85.
237 Marco Lucchesi, **Saudades do Paraíso,** p. 73.

nenhum, apenas lá onde — nas fendas do morrer — a luz incessante (que não ilumina) fascina. Não uma única brecha ou fissura, mas uma sucessão indefinida — a série — de fendas, algo que se abre e não se abre ou que se abre, sempre fechado novamente, e não o escancarar-se do abismo onde bastaria deslizar para dentro do vazio imenso e insondável, e sim as fendas ou fissuras das quais o limitado contorno, a contratura do desfalecimento, nos prende, por uma impossível submersão, sem nos permitir cair pelo movimento de uma queda livre, ["Ressoo no espaço que deve ser aberto para permitir a ressonância" [238].] ainda que eterna: eis talvez o morrer, a dilatação dura no coração do morrer" [239].

Drummond: "A solidão é niilista. Penso numa solidão total e secreta, de que a vida moderna parece guardar a fórmula, pois para senti-la não é preciso fugir para Goiás ou às cavernas. No formigamento das grandes cidades, entre os roncos dos motores e o barulho dos pés e das vozes, o homem pode ser invadido bruscamente por uma terrível solidão, que o paralisa e o priva de qualquer sentimento de fraternidade ou temor. Um desligamento absoluto de todo compromisso liberta e ao mesmo tempo oprime a personalidade. Desta solidão está cheia a vida de hoje, e a instabilidade nervosa de nosso tempo poderá explicar o fenômeno de um ponto de vista científico; mas, poeticamente, qualquer explicação é desnecessária, tão sensível e paradoxalmente contagiosa é esta espécie de soledade" [240] .

Lembremos da *Sociedade do Cansaço* em que Byung-Chul Han adverte sobre o cansaço solitário [241]. Aquele oriundo do que denomina sociedade do desempenho. "...a solidão é tão certa como as forças da natureza, como a lei fractalizada que rege o movimento de todas as ondas" [242].

238 Jean-Luc Nancy, **Demanda Literatura e Filosofia,** p. 81.
239 **Uma voz vinda de outro lugar,** pp. 101-103.
240 **Confissões de Minas,** p.28.
241 **Sociedade do Cansaço,** p.69.
242 Marco Lucchesi, **A Memória de Ulisses,** p. 47.

A solidão se materializa, seguramente, na profundidade do olhar de um cavalo. Abandonado e perdido em sua ancestralidade que viu guerras, mortes, sangue. Foi contemplador (por força de sua condição animal) de solidões? Ouviu mães em lágrimas. Chorou por esposas sem marido em meio a guerras infindáveis. ("A imagem do cavalo permanece viva até hoje na poesia persa e árabe, tal como Abbas Kiarostami e Mahmûd Darwîs" [243].) Dizem (mas não há provas materiais) que um cavalo muito ferido foi alvo da última expressão 'consciente' de Nietzsche que teria abraçado, em lágrimas, um cavalo em sangue. Depois disso, o grande pensador das liberdades e da solidão partiu para seu mundo secreto. Inatingível. Teria se exilado de si? A solidão é um cavalo que pranteia diante do abismo do nada. "Solidão, não és tanto como a pedra" [244]. A solidão das instâncias exigentíssimas da insônia: "A insônia desta noite é mortal. Com a força de mil serpentes que se agitam dentro de mim. ["Há as horas medonhas da noite. Já disse que a insônia me persegue. Isto é, às vezes durmo. O mais, é um desaver, pausa pós pausa" [245].] Com o poder de mil flechas que me atingem. Duas horas da manhã e o peso da vigília" [246].

A solidão é o encontro com a face transparente que aponta para a impossibilidade (necessária?) de abarcarmos, em sua totalidade, nossos sonhos ambiciosos e pretensiosos. "Em teus olhos olhei há pouco, ó vida! E parecia que eu afundava no insondável" [247]. Lucchesi: "O Amado, insondável" [248]. As rosas do deserto, esculturais, não possuem horizontes. Seu verdadeiro lugar é o deserto. Áridas e cinzentas em sua imobilidade. Mesmo deslocadas para outros espaços, a marca da soli-

243 Marco Lucchesi**, A Flauta e a Lua**, p. 143.
244 Lúcio Cardoso, **Poesia Completa,** p.757.
245 Guimarães Rosa, **Ficção Completa,** p. 874.
246 Marco Lucchesi, **Os olhos do deserto,** p. 81.
247 Nietzsche, **Assim falou Zaratustra,** p. 103.
248 Marco Lucchesi, **A Flauta e a Lua,** p.126.

dão permanece. Uma espécie de determinação que as condena.

Quando crianças a nossa consciência vive, praticamente, de um 'aqui-agora'. Presentidade. O inanalisável. O que mais interessa é o momento. Quase como os animais que vivem mergulhados num tempo sem tempo. Destempo? Reinam em nós um ontem muito próximo, a ação no presente e a projeção de um amanhã que deverá satisfazer algumas necessidades mais imediatas de ganhar um brinquedo, um bolo de aniversário ou uma quinquilharia qualquer. "A conduta dos adultos só me parecia suspeita à medida que refletia o equívoco de minha condição de criança; contra esta é que me insurgia, mas aceitava, sem a menor hesitação, os dogmas e o valores que me eram propostos" [249]. E mais: "Nem sempre emitiremos sons como os de um gongo que percute quando as sensações o golpeiam sucessivamente. Crianças, nossas vidas foram gongos golpeados; clamor e orgulho; gritos de desespero; toques na nuca em meio aos jardins" [250] .

Enquanto crianças, as pequenas alegrias se prolongam em meio a nossas expectativas, dificilmente, malogradas. As tristezas são breves porque esquecidas após um carinho, uma brincadeira, um doce, o afago de um cachorro, o roçar de um gato solitário. A aceitação do mundo imposto pelos adultos soa como um imperativo do qual sabemos, intuitivamente, de que não teremos como escapar. "Quando os adultos conversavam, minha mãe e uma amiga, por exemplo, eu não conseguia entender as palavras soltas em meio a frases apressadas. Frases intermináveis e sem sentido, como se fosse uma língua estrangeira (recordação muito antiga, dois a três anos)." [251] Quando crianças, muitas vezes, sob ilusões de uma sonhada liberdade em diversos âmbitos, persegue a vontade de nos tornarmos adultos. Buscamos nos livrar das ordens

249 Simone de Beauvoir, **Memórias de uma moça bem - comportada,** p. 19.
250 Virgínia Woolf, **As Ondas,** p. 31.
251 Paul Klee, **Diários,** p. 13.

superiores. Na verdade, imaginamos um universo sem os grilhões impostos pelos adultos. Lou Andreas-Salomé afirmou que a primeira infância "é também o de toda a primitiva humanidade, pois nela continua a manifestar-se um sentimento de dependência do universo, ao lado das experiências da crescente conscientização: como uma poderosa lenda de participação inalienável à onipotência" [252].

A solidão afoga porque quanto mais descemos em busca do fundo, do vazio, há o temível encontro com o mundo da "perpétua solidão"[253]. Escuro. Marcado pela imobilidade intrínseca do medo e da angústia. Solidão, novamente, uma necessidade e satisfação. Como para Einstein: "Minha condição humana me fascina. Conheço o limite de minha existência e ignoro porque estou nesta terra, mas às vezes o pressinto (...) E cada dia, milhares de vezes, sinto minha vida — corpo e alma — integralmente tributária do trabalho dos vivos e dos mortos. Gostaria de dar tanto quanto recebo e não paro de receber. Mas depois experimento o sentimento satisfeito de minha solidão" [254].

Quando crianças... os relógios tiranos, prevalecentes, soberbos, senhores, ditadores, estraga-prazeres, infames, infalíveis-quase, impiedosos, soberanos, carrascos, não contam. Sempre é meio-dia. Eternidade. Estamos incrivelmente livres de estruturas linguísticas. Somos subtraídos de tempos demarcados. E imaginem! Livres do peso do pretérito (perfeito ou imperfeito). Livres do condicional. Do subjuntivo e da hipótese (ora, ora, abstração que corrói). Para nós, enquanto crianças, os tempos verbais existem numa gramática distante e autoritária. São apenas categorias imóveis, fossilizadas, implacáveis. Categorias desnutridas. Declara o poeta: "Quando menino, eu imaginava a África pouco além do horizonte de Copacabana. Um passeio de lancha seria

252 **Biografia,** p. 08.
253 T. S. Eliot, **Poesia, Volume I,** p. 339.
254 **Como vejo o mundo,** p.10.

suficiente para alcançá-la. Dava como certo que não era longe. Somente agora vejo que não errava. O rio Atlântico avança, Brasil adentro, com todas as áfricas dispersas e plurais" [255]. A imaginação infinita de uma criança.

"A solidão da criança é mais secreta que a solidão do adulto"[256] afirma Bachelard e, sobretudo,"...temia meus próprios pensamentos e intenções ocultas. Então escutei, subitamente, um cão uivar na vizinhança. Alguma vez escutei um cão uivar assim? Meu pensamento correu para trás. Sim! Quando era criança, na mais longínqua infância" [257]. Diversas vezes descobrimos, após muito tempo, já adultos, as 'reais' dimensões das solidões de nossa infância. "Como todas as crianças eu gostava de contar. Sentia em menino um inexplicável fascínio pelos números. E jurei chegar ao último da série. Como o último se mostrasse inabordável, tive meu primeiro sobressalto diante do infinito" [258]. A criança sonhadora, continua Bachelard, é muito só. Na verdade, vive à medida de seus devaneios.

Somente o poeta pode nos restituir nossa infância já modificada: "Sinto a vida repousando no azul da infância, nas manhãs infindáveis e reveladoras, solidárias e remanescentes. Manhãs dolorosamente ensolaradas. Manhãs perfumadas de hortelã e alfazema. Terra molhada de chuva. Margaridas. Manhãs que me confundem. Manhãs que me governam. ["Volto a me encontrar solitário: no fim, o jardim se estende à minha frente, construído em profundidade, como a arquitetura de um vasto monumento funerário, aberto sob meus pés; tão sombrio, tão profundo, que parece um abismo" [259].] Sinto-me condenado a uma permanente nostalgia do azul. E a memória servindo como ponte entre

255 Marco Lucchesi, **Carteiro Imaterial,** p. 14.
256 **A Poética do Devaneio,** p.102.
257 Nietzsche, **Assim falou Zaratustra,** p.151.
258 Marco Lucchesi, **Hinos Matemáticos,** p.41.
259 Bataille, **O culpado,** p.40.

as manhãs que me afagavam e os céus impressentidos do futuro, que ameaçam despenhar-se, inabaláveis, sobre mim. Será outro o meu azul. (...) Hei de perder-me no azul. Tudo se perderá no azul" [260]. O que pode um azul na solidão de um poeta? ("Um postal de Isfahân: o sentimento que levo desta cidade é azul. Assim a compreendo, na medida exata em que mergulho na mesquita. Seus dias. Suas noites. Não há como não responder a essa demanda azul." [261]) E, uma vez mais, recorremos a Bachelard [262]. O azul não se refere apenas ao aéreo. O azul do poeta precisa encontrar uma imagem literária. E, neste caso, a infância vista como o azul. "A palavra azul designa, mas não mostra" [263]. Nessa medida, para a solidão do poeta, diferentemente do pintor, não há a necessidade da tradução ou da representação da cor e, sim, nos fazer sonhar a cor azul. Desmaterializa-se o azul. Há um azul que mergulha na solidão de uma infância que se foi. "Diante de um céu de onde estão banidos os objetos nascerá um sujeito imaginário de onde estão banidas as recordações. O distante e o imediato se entrelaçam"[264]. Lucchesi medita sua infância e se perde no azul. Nessa ótica afirma Bachelard: "Extrema solidão em que a matéria se dissolve, se perde" [265]. Com isso, o que pode ocorrer, inclusive, com outras cores, o azul é arrancado de sua aparente imobilidade. O céu seria azul? Os mares são azuis? Goethe [266] esclarece: "Se a escuridão do espaço infinito é vista através de vapores atmosféricos iluminados pela luz do dia, surge a cor azul. Durante o dia, o céu, visto do alto das montanhas, é azul-real, pois apenas vapores esparsos pairam diante do escuro espaço infinito. [Lucchesi lembra: "Há no céu de Goethe um futuro latente, uma possibilidade de abertura, uma tensão que, a

260 Marco Lucchesi, **Saudades do Paraíso,** p. 124-125.
261 Idem, **A Flauta e a Lua,** p. 151.
262 **O Ar e os Sonhos,** p. 164.
263 Idem.
264 Ibidem.
265 **O Ar e os Sonhos,** p. 171.
266 **Doutrina das Cores,** p. 89.

qualquer momento, céu acima, pode apontar para outros e novos cimos (***Gipfeln***), ainda não descortinados, onde as formas do ser implicam a esfera dos fenômenos, da aparência, do invólucro (***Schale***) [267]]. Ao se descer em direção ao vale, o azul se torna mais claro, até que finalmente, em certas regiões e devido a vapores crescentes, ele se converte num azul tirante a branco". No entanto a solidão infantil e a do próprio poeta poderá ser azul. Deslocamento. Há precisamente diante do azul ao qual remete o poeta a uma ânsia, quase incontida. Um universo que aspira a lucidez. A dissolução, quase absoluta, entre a distância de si e a do leitor. Em outras palavras... um azul intersubjetivo.

Certo dia, no entanto, acordamos e percebemos algumas insatisfações que antes não teríamos sentido. Parece-nos que o mundo se torna gradativamente diferente. Sentimos uma espécie de descontinuidade temporal. Hiatos de tempo. Olhamos para tudo como se um mundo novo estivesse nascendo. Há o nascimento de alguma coisa desconcertante. E a adolescência chega. Com ela, de fato, a consciência. Na verdade, uma nova consciência de nós. Do mundo. E, desta forma, tudo gira, gira, gira. E muda. Perdemos a âncora, aparentemente, tão segura do que éramos. Aquela que nos indicava os aromas, brincadeiras, sabores, corridas ao vento e com o vento. "– Agora, relva e árvores, o ar que passa soprando espaços vazios no céu azul que depois se recobrem, sacudindo folhas que depois retornaram a seus lugares, e nosso círculo aqui, sentados, braços segurando nossos joelhos, tudo isso sugere uma outra ordem de coisas, superior, cuja razão de ser é eterna. Percebo isso por um segundo" [268]. Um descontentamento meio que sem explicações começa a nos dominar.

E o sol! Ora se torna mais brilhante, ora ofuscante. Achamos que as estrelas são mais estrelas. Nuas. E até conseguem desmaiar.

267 **Nove Cartas sobre a Divina Comédia,** p. 79.
268 Virgínia Woolf, **As Ondas,** p. 46.

"Não percebia nenhum vestígio de minha subjetividade. Eu me quisera sem limites: era informe como o infinito. O paradoxo está em que só percebi essa deficiência no momento exato em que descobri minha individualidade; minha pretensão ao universal parecera-me até então natural e eis que tornara um traço de meu caráter [269]." Mais: "Com uma pequena luneta e um atlas celeste eu tentava, aos treze anos, decifrar, desengonçado e boquiaberto, os complicados arabescos com que os homens mapearam o céu. Dezembro terminava, e a história de minha solidão adquiria um estranho componente noturno. (...) E tremia com Pascal diante do Silêncio. E mergulhava com Leopardi no Infinito. De um lado, o firmamento pontilhado de estrelas. De outro, minhas divagações trespassadas de incerteza. Que mais poderia esperar ver senão o zodíaco da vida? Espelhos que me refletissem e demarcassem o rosto de minha transitoriedade. O resto de uma estrela contemplando a própria origem. Sonhando o retorno" [270]. E também... "Tinha quinze anos. E uma vontade de viver e uma paixão arraigada de perscrutar o mundo e as coisas" [271] .

A solidão é condição humana. Existencial. Pode ser "... espessa cobertura de cascas de cipreste (...) como uma sombra pesada, escura e volumosa" [272]. A incompletude jamais preenchida. Vácuo. O vazio cheio de assombros que não param de acenar e se debater na interioridade de uma existência. Sentir-se como exilados de nós mesmos. Apartados de um tempo em si, como diria Kant. Condenados, de forma implacável, pelo instante e intervalo que jamais se fixam. Afinal, não custa lembrar com Deleuze: nada é mais misterioso do que a incomunicabilidade do presente. E esta incomunicabilidade atravessa as almas. "Nascer e morrer são experiências de solidão. Nós nascemos sozinhos e morremos so-

269 Simone de Beauvoir, **Memórias de uma moça bem-comportada,** p. 105.
270 Marco Lucchesi, **Saudades do Paraíso,** p. 129-130.
271 Idem, p. 53.
272 Yasunari Kawabata, **Kyoto,** p. 34.

zinhos. Nada é tão grave quanto esse primeiro mergulho na solidão que é nascer, com exceção dessa outra queda no desconhecido que é morrer [273]". A solidão é subterrânea. Pode aflorar a qualquer momento. Instantes de solidão. Intervalos em forma de casulos inexplicáveis. "Ainda não desapareci totalmente de mim. Persisto. Perlustro. Persigo minha solidão e suporto minha escassa permanência" [274]. A solidão pode ser "...uma flor noturna iluminada pelos raios negros de um astro" [275]. Novamente: nascemos sozinhos. Morremos sozinhos. Assim a solidão se revela, sempre, como condição existencial humana inescapável.

Mas o que é a solidão? Poetizada, romanceada, pensada... a solidão é o estado do ser em que ele se encontra frente a frente com sua mais absoluta incompletude. Nessa medida, ficam mais nítidas as dimensões da própria solidão, ou seja, um esvaziamento interior que não para de escavar a subjetividade. Corroê-la asperamente. Talvez a solidão seja um dos piores exercícios experimentados pela humanidade, visto que em algum momento torna-se audaciosa e invade, sem permissão, as mais agudas fissuras das insuficiências do existencial. Solidão é um estado de enfrentamento face aos limites de nossa liberdade.

Apesar de estarmos condenados a viver sozinhos, também estamos condenados a atravessar nossa solidão. Ou seja, refazer as tramas que em nosso passado nos uniam à vida, afirma Octavio Paz, e: "Assim, sentir-nos sós tem um duplo significado: consiste por um lado, em ter consciência de si mesmo; por um outro, em desejo de sair de si" [276].

Tentáculos da solidão

Em princípio a solidão é uma condição humana que não distin-

273 Octavio Paz, **O labirinto da solidão,** p.190.
274 Marco Lucchesi, **Saudades do Paraíso,** p. 69.
275 Idem, p.73.
276 Octavio Paz, **O Labirinto da Solidão,** p.189.

gue gêneros. Talvez uma pergunta poderia ser formulada da seguinte maneira: a solidão feminina é mais aguda? Mais profunda? Mais cruel? Sutil? Ao mesmo tempo que a solidão integra a condição humana, há aqui uma dialética, como afirma Paz, que consiste na busca. A busca de algo. E nessa busca, a mais essencial: a busca do outro. A busca do amor. Mas os poderes (visíveis e invisíveis)"... revogam a solidão por decreto. E com ela o amor, forma clandestina e heroica de comunhão (...) A situação do amor no nosso tempo revela a dialética da solidão, em sua manifestação mais profunda, tende a frustrar por obra da própria sociedade" [277]. E nessa medida, tanto o homem como a mulher são prejudicados. Por um lado, afirma Paz, porque a mulher seria uma presa por meio da perspectiva masculina que lhe impõe um comportamento, um padrão. E ela, fatalmente, quase nunca consegue ser ela mesma.

Na verdade, a autenticidade feminina é negada porque refém de modelos e convenções impostas. Uma mulher para ser ela mesma tem que transgredir, atrever a fazer uso de sua liberdade, como tão bem fizeram, Safo, Zenóbia, Marie Curi, Lou Andreas-Salomé, Marguerite Yourcenar, Chiquinha Gonzaga, Anna Akhmátova, Simone de Beauvoir, somente para ficarmos com alguns exemplos femininos. E a transgressão supõe riscos imprevisíveis. Mas o homem também é vítima do que a sociedade espera dele. O homem ainda é visto como o provedor. As mensagens populares, fortes imagens, expressam..."homem que é homem não chora"; "homem tem que ser cabra macho" e outras dezenas de expressões alimentam, infelizmente, o que se espera de "um homem que é homem". Esquece-se, (como tantos lúcidos já colocaram), que gênero é uma construção cultural, ideológica, intencional, histórica. Sobretudo, perversa. Imposta. Reiteramos: "O amor é um dos exemplos mais claros desse duplo instinto que nos leva a escavar e aprofundar-nos em nós mesmos e, simultaneamente, sair de nós e realizar-nos em

277 Idem, p. 195.

outro: morte e recriação, solidão e comunhão. Mas não é só. Na vida de todo homem há uma série de momentos que também são rupturas e reuniões, separações e reconciliações. Cada uma dessas etapas é uma tentativa de transcender a nossa solidão, seguida de imersões em ambientes alheios"[278].

Entretanto, existe mais uma dificuldade para aplacarmos a nossa solidão quando na busca do outro. Lawrence indaga: em que medida o amor poderia ultrapassar um eu impessoal e qualquer dimensão de ordem emotiva? "Mas desejamos sempre ter a ilusão de que o amor está na raiz. Puro engano! O amor reside apenas nos ramos. A raiz está além, no perfeito isolamento, um eu isolado, que não encontra ninguém com quem se misture e que seria mesmo incapaz de o fazer"[279]. E a pergunta poderia ser: em que medida conseguimos atingir o outro? A comunhão com o outro é possível? Estamos permanentemente encapsulados em nós mesmos. Sufocados. Afogados. Os encontros são constantemente grifados pela incomunicabilidade. Estamos condenados aos desvios. Os outros fora de nós são sempre inalcançáveis. Inatingíveis.

Sartre [280] narra com uma bela imagem a questão: lembra de um grande amor do passado que se chamava Any. Durante o relacionamento, houve um tempo em que eles moraram em cidades diferentes e distantes. E havia os encontros esporádicos. Any, durante as únicas 24 horas em que eles passavam juntos, fazia de tudo para multiplicar os mal-entendidos. Somente quando faltavam sessenta minutos para se separarem é que Any, realmente, se aproximava, (demonstrando amor), de Sartre e os dois sentiam os segundos escoando. Por quê? Any entendia que os possíveis momentos de sintonia profunda entre os dois deveriam ser transitórios. Breves. No entanto, os reais instantes que aplacariam a so-

278 Octavio Paz, **O Labirinto da Solidão,** p. 195-196.
279 D.H. Lawrence, **Mulheres Apaixonadas,** p.140.
280 Sartre, **A Náusea,** p. 70.

lidão. De perfeita comunhão. Any sabia que seriam instantes que não se fixariam, mas que se eternizariam na memória de ambos.

A travessia

Se caminharmos, uma vez mais pela literatura, podemos inferir que existem travessias-plurais rumo ao enfretamento da solidão. "Fui então para o tanque de banho, lavei a boca, as mãos, meti os pés na água morna, limpinha, um fundo de areia se via em dourados de sol, caminhei pelo regato, turvando a água, pisei em pedras frias, pedras quentes, a vida dava tantas novidades, de qualquer miudeza se podia tirar notícia, ouvi risadas, avistei as pessoas de longe, todas entre si, a rir, falar, fazer gestos, e eu me metia a ficar só [281]. Ainda: "A hora em que mais eu percebia o tempo era quando fazia labirintos, o tempo ia se desenrolando nas linhas, nos bailados uniformes das mãos, repetidos, fixados como se os fios fossem as próprias mãos pensando, os fios iam prendendo os momentos, recontando os instantes, amarrando a juventude e tudo ficava perdido ali, enterrado no algodão, naquela vigília em que eu ia dando nós no pensamento e nos sonhos e nas lembranças, nos pontos"[282].

Uma das estratégias femininas, para atravessar a solidão, é voltar-se para os tecidos. Costurar, remendar, tecer. E, nessa medida, como afirma Ana Miranda, sentir o tempo escoando e, simultaneamente, as mulheres enterram-se em suas lembranças. Recontar instantes é re-contar pontos que tecem. Entrelaçam-se. Como uma espécie de *caligrafia silenciosa.* O crochê, por exemplo, possui determinadas particularidades que são atraentes, entre elas, a liberdade. Com qualquer fio, não importa a composição ou a espessura, e apenas uma agulha trama-se o que

281 Ana Miranda, **Semíramis,** p. 66.
282 Idem, p. 138.

a imaginação, o pensamento e a sensibilidade cintilarem! E ao mesmo tempo, enquanto se tece, os instantes desfilam-se ante aos nossos olhos em quase total sintonia com os pensamentos. O crochê pode ser um adoçante da travessia (profundamente feminina) para a solidão.

Há uma solidão, por ela mesma, ...espacial...” Toda a estrutura parecia ocupar um âmbito próprio, um espaço de solidão e de esquecimento, vedado aos vícios do tempo e aos costumes dos pássaros” [283]. Há lugares e paisagens que estimulam e espreitam a solidão. Lugares em que o silêncio se prolonga. Perdura sem apontar para uma finalidade. E, visto por tal ângulo, uma outra dimensão do sentimento de solidão se traduz, também, pela nostalgia do espaço. “Não fomos somente expulsos do centro do mundo e condenados a procurá-lo entre relvas e desertos ou pelos meandros e subterrâneos do Labirinto” [284]. E assim: “Estou só. Completamente só. Esperei tanto, mas tenho medo. Como se minha vida fosse uma longa sucessão de erros. Como se todas as decisões não passassem de um cálculo impreciso, de um entusiasmo exacerbado, em que guardo apenas a certeza de estar na iminência de outro erro. Temo que algo de mau sobrepaire. E me desespero. Planejo desertos para me perder nas lonjuras de mim. Jamais evitei os labirintos, porque talvez, ao percorrê-los, compreenda minha desordem, e deles espero uma força de vida, que não me falta, mas que, às vezes, parece abandonar-me, frente ao desconhecido” [285].

Exercitar a solidão é exercitar um silêncio que se prolonga e rege, impiedosamente, os nossos limites de confronto com a liberdade. Exercício pesado. Tumultuado? Se utilizarmos os postulados de Bergson, seria como fazer prospecções nos diversos estratos-níveis de nossa subjetividade. O confronto com a solidão é conseguir existir por si e

283 Gabriel García Márquez, **Cien Años de Soledad,** p. 21
284 Octavio Paz, **O Labirinto da Solidão,** p.201.
285 Marco Lucchesi, **Os Olhos do Deserto,** p.127.

com si. Por isso Sartre, em diversos momentos de suas obras, adverte, ironicamente, que existem pessoas, que para existirem, precisam estar reunidas com outras. Jamais se bastam. Mas somente com outras. Jamais conseguem ser elas mesmas na busca de uma unidade.

O exercício da solidão (a travessia) leva à angústia no sentido mais agudo: "a angústia é angústia diante de mim mesmo. A vertigem é angústia na medida em que tenho medo, não de cair no precipício, mas de me jogar nele" [286]. Precipício. Sedução.

Quando Paz declara que não fomos expulsos somente do centro do mundo, lembra que, também, fomos banidos do tempo. Outrora, sabemos, o tempo não tinha horas. Não havia um passado, presente e futuro. Havia um tempo único. As dimensões do tempo estavam contidas no fluir que fixava o presente. A eternidade. Mas fomos separados da eternidade. Separados da comunhão absoluta de um tempo único. A humanidade adentra para a sucessão dos instantes. E como tal, o instante jamais se fixa. Sempre igual, uniforme e ignorante das dores e angústias humanas. Ignorante da solidão em todas as suas dimensões e manifestações. Na China, (notícia de jornal), há alguns anos, uma mulher entrou em coma por doze anos. Doze anos de exílio de si mesma. Ela já estava com seu marido há quarenta. O marido, por meio de uma flautinha, soprava musicalidade para ela. Incansavelmente. E de repente, sem aviso, a chinesa acordou e pronunciou melodicamente o nome do marido. Eis a poesia do instante! O retorno! A eternidade! Lembremos da advertência de Paz [287] : a palavra poética, a poesia, coloca o homem, acima de tudo, fora de si. Ao mesmo tempo que o faz retornar a si mesmo. Um perpétuo exercício de ser o que realmente é. Poesia, acima de tudo, é entrar no ser. A 'consagração do instante'.

O poeta, declara Octavio Paz, quer, na verdade, estabelecer um

286 Sartre, **O Ser e o Nada,** p.73.
287 Octavio Paz, **Signos em Rotação,** p. 50.

diálogo com o mundo. Nesse diálogo existem duas situações que podem ser consideradas extremas, ou seja, a alma do poeta se move na solidão e, também, na comunhão. "O poeta parte da solidão, movido pelo desejo, na direção da comunhão. Sempre busca comungar, unir-se"[288]. Ora unir-se com a natureza, ora com a pessoa amada, ora com um amigo... O poeta não tem medo do desconhecido porque desmascara sua solidão e aceita o desafio de confrontá-la. Uma espécie de nudez. Desnuda a solidão amparado, apesar da desolação, pela poesia.

O encontro autêntico com a solidão pode ser um desvio. Rompimento irredutível a fenômenos (lineares) de causa e efeito (que negam os fluxos cambiantes). "Mas existe algo, em mim, que chamo de coragem: até agora, sempre matou em mim todo desânimo" [289]. ***Estética da solidão*** é substancialmente solidão em seu estado mais puro. Por ser uma imagem poética é o próprio poeta, (no caso Marco Lucchesi), quem a revela e a descobre "em toda a sua aterradora e violenta nudez ao resto dos homens, pulsando na sua palavra, viva nesse estranho mecanismo de encantamento que é o poema"[290].

Deleuze alerta, em diversos momentos de suas reflexões, que os conceitos não são abstratos. Em outras palavras... haveria nos conceitos uma nova forma de percepção. No entanto, e isso nos parece o mais importante: os conceitos são inseparáveis dos afetos, "de novas formas de sentir, todo um *páthos,* alegria e cólera, que constitui os sentimentos do pensamento como tal" [291]. ***Estética da solidão*** é um conceito poderoso porque afeta, radicalmente, conceitos (de solidão) anteriores. Como todo novo conceito conclama-reclama o surgimento de outros afetos. Aqueles, talvez, jamais experimentados. Uma autêntica apreensão de alma (como diria Deleuze). Conduz a ritmos de pensamento imprevi-

288 **A Busca do Presente,** p. 18.
289 Nietzsche, **Assim falou Zaratustra,** p.149.
290 Octavio Paz, **A Busca do Presente,** p. 23.
291 **Dois Regimes de Loucos, p.** 293.

síveis. Faz repensar as velocidades de nosso interior e a espessura de nossa tão almejada verticalidade... nossos estratos mais profundos. Escondidos. Subterrâneos. Adormecidos.

A flauta e a lua melodiosamente sorriem sob a ***estética da solidão*** que se traduz, singularmente, nas possibilidades da poesia, do poético, (labiríntico, silencioso), nas mais diversas linguagens, expressar ***os olhos do deserto*** que espreitam a famosa dialética do esvair de si e a busca, eterna, enraizada, profundamente humana, de atenuar nossas ancestrais ***saudades do paraíso. Estética da solidão*** é espessura de grãos da areia que ofuscam a leveza na busca de uma interioridade que espreita nossa temporalidade, muitas vezes, regidos pelos ***domínios da insônia.***

Bibliografia

ADONIS. **Poemas.** Tradução de Michel Sleiman. São Paulo: Cia das Letras, 2012.

ANTUNES, António Lobo. **Que cavalos são aqueles que fazem sombra no mar?** Rio de Janeiro: Objetiva, 2009.

ASTOR, Dorian. **Lou Andreas-Salomé.** Tradução de Julia da Rosa Simões. Porto Alegre: L&PM, 2015.

BACHELARD, Gaston. **O Ar e os Sonhos: ensaio sobre a imaginação e o movimento.** Tradução de Antonio de Pádua Danesi. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

_____. **A Poética do Devaneio.** Tradução de Antonio de Pádua Danesi. São Paulo: Martins Fontes, 1988.

BATAILLE, Georges. **O culpado.** Tradução de Fernando Scheibe. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2017.

_____. **A experiência interior.** Tradução de Fernando Scheibe. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2016.

BLANCHOT, Maurice. **Uma voz vinda de outro lugar.** Tradução de Adriana Lisboa. Rio de Janeiro: Rocco, 2011.

_____. **O livro por vir.** Tradução de Leyla Perrone-Moisés. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

BAPTISTA, Ana Maria Haddad. **Cavalos sem memória.** Lisboa: Apenas Editora, 2012.

_____. **Cavalos desmemoriados.** São Paulo: Arte-Livros Editora, 2012.

BASHO, Matsuo. **Trilha estreita ao confim.** Tradução de Kimi Takenaka e Alberto Marsicano. São Paulo: Iluminuras, 2008.

BEAUVOIR, Simone. **Memórias de uma moça bem-comportada.** Tradução de Sérgio Milliet. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2015.

BISHOP, Elisabeth. **Uma Arte: as cartas de Elisabeth Bishop.** São Paulo: Cia das Letras, 1995.

BLANQUI, Louis-Auguste. **A Eternidade pelos Astros.** Organização de Marco Lucchesi. Tradução de Luciana Persice. Rio de Janeiro: Rocco Jovens Leitores, 2016.

BUZZATTI, Dino. **O Deserto dos tártaros.** 4a. ed. Tradução de Aurora Fornoni Bernardini e Homero Freitas de Andrade. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, [s.d].

CALVINO, Ítalo. **Correspondencia (1940-1985).** Tradução de Antonio Colinas. Madri: Ediciones Siruela S.A., 2010.

CARDOSO, Lúcio. **Diários.** Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2012.

_____. **Poesia Completa.** São Paulo: EDUSP, 2011.

COCTEAU, Jean. **A dificuldade de ser.** Tradução de Wellington Júnio Costa. Belo Horizonte: Autêntica, 2015.

CARVALHO, Gil de. **Uma antologia de poesia chinesa: do Shijing a Lu Xun (segundo milênio antes da era comum - século XX.** Lisboa: Assírio & Alvim, 2010.

COUTO, Mia. **Terra Sonâmbula.** São Paulo: Cia das Letras, 2007.

DARWICH, Mahmud. **A terra nos é estreita e outros poemas.** Tradução de Paulo Daniel Farah. 3a. ed. São Paulo: Edições Bibliaspa, 2012.

DELEUZE, Gilles. **Cartas y Otros Textos.** Tradução de Pablo Ires y Sebastián Puente. Buenos Aires: Cactus, 2013.

_____. **Dois Regimes de Loucos: textos e entrevistas (1975-1995).** Tradução de Guilherme Ivo. São Paulo: Editora 34, 2016.

ELIOT, T.S. **Poesia: obra completa Volume I.** Tradução de Ivan Junqueira. São Paulo: Arx, 2004.

EINSTEIN, Albert. **Como vejo o mundo.** Tradução de H.P. de Almeida. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2016.

FENG, Yao; BONVICINO, Régis (orgs.). **Um Barco Remenda o Mar.** Tradução de Yao Feng, Régis Bonvicino, Maria do Carmo Zanini, Iona Man-Cheong, Eliot Weinberger e Michael Day.

GUERINE, Andréia; SIMONI, Karine; COSTA, Walter Costa (orgs.). **Palavra de escritor-tradutor.** Florianópolis: Escritório do Livro, 2017.

GONZÁLEZ, Montserrat Villar. **Bitácora de Ausencias.** Madri: Amargord Ediciones, 2015.

HAN, Byung-Chul. **Sociedade do Cansaço.** Tradução de Enio Paulo Giachini. Petrópolis, RJ: Vozes, 2015.

HUGO, Victor. **Os Miseráveis.** Tradução de Frederico Ozanam Pessoa de Barros. São Paulo: CosacNaify, 2002.

KLEE, Paul. **Diários.** Tradução de João Azenha Jr. São Paulo: Martins Fontes, 1990.

KAVÁFIS, Konstantinos. **Reflexões sobre poesia e ética.** Tradução de José Paulo Paes. São Paulo: Ática, 1998.

KAWABATA, Yasunari. **Kyoto.** Tradução de Meiko Shimon. São Paulo: Estação Liberdade, 2006.

LAWRENCE, D.H. **Mulheres Apaixonadas.** Tradução de Cabral do Nascimento. São Paulo: Abril Cultural, 1983.

LESSING, Doris. **Debaixo de minha pele: Primeiro volume de minha autobiografia, até 1949.** Tradução de Beth Vieira. 2a. ed. São Paulo: Cia das Letras, 1997.

LIMA, Jorge da Cunha. **Troia Canudos.** São Paulo: Laranja Original, 2017.

LUCCHESI, Marco. **Domínios da Insônia:** novos poemas reunidos. Patuá: São Paulo, 2019.

_____. **Saudades do Paraíso.** Rio de Janeiro: Lacerda Ed., 1997.

_____. **Os olhos do deserto**. Rio de Janeiro: Record, 2000.

_____. **Meridiano celeste & Bestiário.** Rio de Janeiro: Record, 2006.

_____. **Hinos Matemáticos.** Rio de Janeiro: Dragão, 2015.

_____. **Rudimentos da Língua Laputar: proposta patafísica.** Rio de Janeiro: Dragão, 2015.

_____. **A memória de Ulisses.** Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2006.

_____. **Poemas Reunidos.** Rio de Janeiro: Editora Record, 2000.

_____. **A Flauta e a Lua: poemas de Rûmî.** Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2016.

_____. **Teatro Alquímico.** Rio de Janeiro: Artium Editora, 1999.

_____. **Carteiro Imaterial.** Rio de Janeiro: José Olympio, 2016.

_____. **Nove cartas sobre a Divina Comédia: navegações pela obra clássica de Dante.** Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2013.

_____. (org.) **A longa noite síria: uma voz no deserto.** Rio de Janeiro: Dragão, 2015.

MÁRQUEZ, Gabriel García. **Cien Años de Soledad.** Real Academia Espanhola, 2007.

MEIRELES, Cecília. **Antologia Poética.** Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001.

MIRANDA, Ana. **Semíramis.** São Paulo: Cia das Letras, 2013.

MISTRAL, Gabriela. **50 prosas en El Mercurio 1921-1956.** Santiago do Chile: El Mercurio Aguilar, 2005.

OE, Kenzaburo. **Uma questão pessoal.** Tradução de Shintaro Hayashi. São Paulo: Cia das Letras, 2003.

NANCY, Jean-Luc. **Demanda Literatura e Filosofia.** Tradução de João Camillo Penna, Eclair Antonio Almeida Filho e Dirlenvalder do Nascimento Loyolla. Florianópolis: Ed. UFSC; Argos, 2016.

NIETZSCHE, Friedrich. **Correspondencia Volumen IV (enero 1880-diciembre 1884).** Tradução de Marco Parmeggianni. Madri: Editorial Trotta, 2010.

_____. **Assim falou Zaratustra.** Tradução de Paulo César de Souza. São Paulo: Cia das Letras, 2011.

OZ, AMÓS. **Como curar um fanático: Israel e Palestina: entre o certo e o certo.** Tradução de Paulo Geiger. São Paulo: Cia das Letras, 2016.

PAZ, Octavio. **O Labirinto da Solidão.** Tradução de Ari Roitman e Paulina Wacht. São Paulo: Cosacnaify, 2014.

_____. **Signos em Rotação.** Tradução de Sebastião Uchoa Leite. São Paulo, 2015.

_____. **También soy escritura: Octavio Paz cuenta de sí.** México: FCE, 2014.

_____. **México en la obra de Octavio Paz.** México: Fondo de Cultura Económica, 1987.

_____. **Obra poética II.** México: Fondo de Cultura Económica, 2004.

_____. **A Busca do Presente e outros ensaios.** Organização e tradução de Eduardo Jardim. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2017.

_____. **Cartas a Tomás Segovia (1957-1985).** México: Fondo de Cultura Económica, 2008.

PIZARNIK, Alejandra. **Diários.** Barcelona: Editorial Lumen, S.A., 2014.

POPESCU, George. **Caligrafia Silenciosa.** Seleção e tradução de Marco Lucchesi. Rio de Janeiro: Rocco Jovens Leitores, 2015.

PROENÇA FILHO, Domício. **Concerto a Quatro Vozes.** Rio de Janeiro: Editora Record, 2006.

ROSA, João Guimarães. **Ficção Completa/ Volumes I-II.** Rio de Janeiro: Editora Nova Aguilar S.A., 1995.

ROTH, Philip. **Os fatos: A autobiografia de um romancista.** Tradução de Jorio Dauster. São Paulo: Cia das Letras, 2016.

SABATO, Ernesto. **Abadon, o Exterminador.** Tradução de Rosa Freire d'Aguiar. São Paulo: Cia das Letras, 2013.

SARTRE, Jean-Paul. **A Náusea.** Tradução de Rita Braga. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2015.

_____. **O Ser e o Nada- Ensaio de ontologia fenomenológica.** Tradução de Paulo Perdigão. 24. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2015.

_____. **Cartas al Castor y a algunos otros.** Tradução de Irene Agoff. Buenos Aires: Editorial Sudamericano S.A., 1987.

SEFERIS, Giorgos. **Poemas.** Tradução de Darcy Damasceno. Rio de Janeiro: Editora Opera Mundi, 1971.

_____. **El sentimiento de eternidad.** Tradução de Selma Ancira. México: Fondo de Cultura Económica, 1984.

SHÔNAGON, Sei. **O livro do travesseiro.** Tradução de Geny Wakisaka et ali. São Paulo: Editora 34, 2013.

SONTAG, Susan. **Diários: (1947-63)**. Tradução de Rubens Figueiredo. São Paulo: Cia das Letras, 2009.

_____. **Diários II: (1964-80).** Tradução de Rubens Figueiredo. São Paulo: Cia das Letras, 2016.

STEFÁNSSON, Jón Kalman. **Paraíso & Inferno.** Tradução de João Reis. São Paulo: Cia das Letras, 2016.

WOOLF, Virgínia. **Flush uma biografia.** Tradução e notas de Tomaz Tadeu. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2016.

_____. **As Ondas.** Tradução de Lya Luft. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2014.

Marco Lucchesi: um convite à Estética do Labirinto

Das considerações preliminares

Sob o olhar do poeta, romancista, ensaísta, memorialista e tradutor Marco Lucchesi, nunca mais as coisas contempladas e pensadas pelo senso comum e por aqueles que possuem 'intenções literárias' serão as mesmas. Olhar, pleno de luminosidade, que traduz-reluz universos com a transparência dos oceanos azuis-azulíssimos-esverdeados. Transporta-nos a camadas de profundidade-interioridade e a alturas de ilhas voadoras que poucos conseguem revelar. "Marco Lucchesi é uma presença rara na literatura brasileira. Não só por suas qualidades, que não são poucas, como pelo uso e o arrojo com que faz uso delas para perscrutar os labirintos da vida até seus confins" [292].

Como todas as literaturas que estritamente merecem ser nomeadas como tais... é preciso coragem para adentrarmos na diversidade de obras do autor. Muito precisamente já afirmou, em 2001, Ettore Finazzi-Agrò, sobre a literatura de Marco Lucchesi: "Para tentar definir sinteticamente a atividade desenvolvida pelo meu caro amigo até hoje, para buscar uma lógica unitária na diversidade e amplitude de seus interesses, se deve, a meu ver, partir da tal exigência de mover-se para o inesperado, de iludir toda tentativa de apreensão e toda pretensão para compreender, que deriva, por sua vez, em uma consciência aguda da transversalidade dos saberes e das linguagens que nele se exprimem"[293].

O conjunto de obras do autor, sob nossa ótica, somente pode ser

292 Per Johns, **Os olhos do deserto,** p. 14.
293 **A memória de Ulisses,** p. 11.

entendido em sua abrangência se pensarmos numa Estética do Labirinto[294], cujo fio de Ariadne é tecido pelo sublime. Fio de ouro que cintila. Eterno fascínio. Nas palavras de Deleuze: "Dioniso é a afirmação do Ser, mas Ariadne é a afirmação da afirmação, a segunda afirmação ou o devir-ativo" [295]. A Estética do Labirinto da literatura de Marco Lucchesi balança (*linhas sísmicas, como se nada/ mais pudesse/ permanecer de pé* [296]) a arquitetura do próprio labirinto visto que a torna sonora e musical. Uma música que faz desmoronar os territórios e tremer a arquitetura (*flutua /em mil pedaços* [297]) do labirinto [298]. Sob tal ótica, nossas convicções abrem-se e dividem-se em intervalos. O fio de Ariadne, neste caso, lança, relança, dança e define uma flutuação... "o ***momento musical***: a passagem do tempo para fora do tempo, a composição dos presentes passados e por vir num presente que não é o da presença dada, mas o do lembrete e da espera, o presente composto de uma tensão em direção ao retorno infinito de uma presença nunca dada, sempre essencialmente - eternamente - escapada" [299]. Convolados, somos convidados aos silêncios e conceitos que se dissolvem ao *ressoar da ramagem* que *recorda a melodia dos tempos* [300].

Lembremos que, em muitos momentos de nossas vidas, imersos em nossa interioridade que não para de nos cobrar, assustar, culpar, ressoar, agulhar... percebemos um transbordamento. ("Isso equivale a ver no homem e em seus erros um espelho que não seria nem perfeito nem deformante: a natureza não sendo mais que um fragmento refletido

294 Estética do Labirinto é o conceito que estabelecemos como chave para a compreensão da literatura do autor.
295 **Crítica e Clínica,** p. 118.
296 Marco Lucchesi, **Poemas Reunidos,** p. 150.
297 Idem**,** p. 45.
298 'Inspiro-me' nas cintilações de Deleuze em sua leitura poética de Nietzche-Wagner.
299 Jean-Luc Nancy, **Demanda,** p. 80.
300 Marco Lucchesi, **Poemas Reunidos,** p. 196.

no espelho que somos dela" [301].). Nada mais cabe nos espaços das insuficiências e das denominadas incompletudes. Na verdade, uma espécie de ciência da solidão cósmica. Estamos sós diante da imensidão do mundo, nos indica Bauman [302], com frequência, em sua habitual lucidez nos seus permanentes diálogos com pensadores e escritores. Estamos, acima de tudo, sem falar com estrelas, mudos diante das incertezas da natureza, infelizes pela nossa habitual incomunicabilidade. Há um transbordamento de infelicidades que ameaçam nosso universo interior. O tédio e a indiferença buscam corroer, (e com fúria), a pequena força que ainda nos resta. Neste momento devemos, (uma receita possível), recorrer a uma literatura de fôlego. Momento de examinar uma literatura regida pela Estética do Labirinto que nos leva aos mais variados ritmos melódicos que circundam a escritura de Marco Lucchesi.

Da Poesia

A poesia de Marco Lucchesi é ousada, desafiadora, irresistível, sedutora. ("As Sereias: consta que elas cantavam, mas de uma maneira que não satisfazia, que apenas dava a entender em que direção se abriam as verdadeiras fontes e a verdadeira felicidade do canto. ["Sou muitas vezes capturado pela melopeia, como um fio de Ariadne, quando meu labirinto, ou, *laborintus*, segundo alguém disse, torna-se mais incerto, escuro e tormentoso. A música é o fio de ouro, uma janela aberta, luminosa e alta, que me faz prosseguir às cegas. Tenho um piano dentro de mim e não sei até que ponto esqueceram de afiná-lo".] Entretanto, por seus cantos imperfeitos, que não passavam de um canto ainda por vir, conduziam o navegante em direção àquele espaço onde o cantar

301 Bataille, **O culpado,** p.67.
302 **O retorno do pêndulo**, p. 28.

começava de fato” [303].) Diálogo existencial. Parte do princípio de que na base de cada um de nós há uma espécie de princípio de insuficiência que se manifesta na incompletude. Na sedução dos abismos que se comportam como o canto das sereias. Em outras palavras, sob as luzes de Blanchot[304]: um ser insuficiente não está na busca da completude e nem na busca de associação de um outro ser (substância da integridade). A base desta insuficiência é questionar ela própria. Em certo sentido, a substância de cada um de nós é contestada por outro. Mas sem consolo ou repouso. Ou seja, em que medida (sempre a dúvida atroz) o que pensamos... conseguimos sozinhos? (David Bohm: “Estou tentando dizer que o pensamento nunca é apenas pensamento, é também um estado corporal, o sentimento, os nervos. Seja lá o que for que esteja acontecendo na parte intelectual acaba sendo conectado com o restante. [“Na mais profunda noite dos sentidos, /as formas desiguais do pensamento/confundem-se com pássaros retidos/nas fontes silenciosas, ao relento...” [305]] Flui tão rápido que você não consegue mantê-lo em um único lugar” [306].) De qualquer maneira: “uma estrada que se bifurca” [307].

Borges, sabemos, é sutil em sua desclassificação das classificações. Alguns biólogos, na esteira de Carolus Linnaeus, são literalmente hábeis em classificar borboletas, besouros, escaravelhos, (Kafka sorri!), flores, árvores, frutos, gatos, (Elliot se espanta!), galos, galinhas, cães, (Virginia Woolf: onde está meu Flush?; Graciliano: e a minha Baleia?), patos e ratos. Girafas, pulgas, beija-flores, uirapurus, vagalumes, lhamas, tartarugas, abelhas, jararacas, pavões, hipopótamos, bois, cavalos e elefantes, (Marco Lucchesi: e a solidão amena?). Sabato ‘des-classificou’ os romances. Sinteticamente: “1. Romance com nós em vez de eu

303 Blanchot, **O livro por vir**, p. 3.
304 **A comunidade inconfessável**, p. 16.
305 Marco Lucchesi, **Sfera,** p.55.
306 **O pensamento como um sistema,** p.45.
307 Marco Lucchesi, **A eternidade pelos astros,** p. 8.

(...) 2. Com subjuntivo em vez de indicativo (...) 3. Mudanças de tempo (...) 4. Romance em capítulos a pedido individual (...) 8. Romance-loteria (...) 17. Romance-telefônico" [308]. Diante do exposto, sugerimos uma modesta classificação, sem qualquer fundamentação teórica, sem ter como, de fato, prová-la. Os poetas se dividem em: **A**. Natos. **Ƶ**. Esforçados.

Os esforçados são aqueles que se pretendem poetas. Contudo, não possuem o domínio necessário das linguagens que interagem com as estrelas e, muito menos, com as filhas de Mnemósine. Seria insuportável, para eles, distanciar-se da grande amizade que mantêm com Narciso. Terrível dedicar tempo a interiorizar, de verdade, as dores humanas, em vez de caçar prêmios, condecorações e elogios! E finalmente: com quais argumentos poderiam discutir, de fato, com *os mestres da verdade*? Ignoram que: "O matemático insiste sobre a beleza de seu ofício, ao passo que o poeta insiste com a verdade" [309] .

Os natos nasceram poetas. (Argumento de Paz: "La poesía es un destino: hay una facultad, quizá innata, que nos lleva a hacer poemas. Pero la poesía también es una fidelidad. A qué? Al lenguaje" [310] .) Para estes... como é o caso de Marco Lucchesi: "amores /lepidópteros/ habitam o amanhã" [311]; "Na trama de espessas raízes,/como um cântaro vazio,/ ergue o carvalho as florestas seculares,/tendo uma gruta para anacoretas" [312]; "Acima de nós/tudo é silêncio/erram planetas/insones/ abismos devoram estrelas/ lagos/ de hidrogênio/se resfriam/ supernovas/cantam/ como cisnes/ e o silêncio/revela/ outro silêncio..." [313].

Para o nosso poeta um vagalume pode ser: "sábio/alquimista/

308 **Abadon, o Exterminador,** p. 238-239.
309 Marco Lucchesi, **Signos Artísticos em Movimento**, p. 18.
310 Octavio Paz, **Obras Completas,** p. 88.
311 Marco Lucchesi, Sfera, p.89.
312 Idem, Poemas Reunidos, p.196.
313 Idem, p. 64.

do ouro das estrelas" [314]. Uma lhama: " piedade que aflora/ no silêncio/ das escarpas" [315]. Não escapa aos poetas natos que rios, tardes e rosas possam ser melancólicos [316]:

A melancolia dos rios
a melancolia das tardes
a melancolia da rosa

E, triunfalmente, para quem nasceu poeta:

a poesia é o mar vermelho do real
afoga-se quem busca a promissão [317]

Uma poesia "que olha de longe o mundo presente — para o qual está de certa forma morto —, que o olha à altura das vagas profundas que, em vários séculos, rapidamente se sucederam — ri ao perceber a nova vaga que acaba por passar, deixando para trás de si tantos homens desamparados, agarrados aos destroços que a passagem das águas depôs (...) Escuta apenas o estrondo das águas precipitadas, rosadas de sangue" [318]. Para quem nasceu poeta: "Dos mares de areia, dos mares do não-tempo, emergem fragilíssimos oásis, que podem, por descuido, voltar ao abismo onde flutuam, vítimas do tempo-mãe, que não perdoa os que abandonam seus ventres de areia, e resistem, obstinados, aos vórtices de vento, que varrem essas vastidões..." [319]

---

314 **Meridiano celeste & Bestiário**, p. 103
315 Idem, p. 104.
316 Marco Lucchesi, **Bizâncio**, p. 54.
317 Marco Lucchesi, **Clio,** p.25.
318 Bataille, **O culpado,** p. 86.
319 Marco Lucchesi, **Os olhos do deserto**, p. 45.

Dos romances de Marco Lucchesi

Há muito que Octavio Paz e tantos outros escritores, poetas, filósofos repensaram a clássica e descabida tipologia textual. Nessa medida, os romances de Lucchesi são envolvidos não apenas com a poética, mas, sobretudo, dialogam com linguagens não verbais. *Viagem a Florença,* como declara Ana Miranda: "É um dos mais belos romances epistolares que li em minha vida. Uma delicadeza infinita, leveza e respeito, palavras carregadas de sabedoria, afeto, consciência profunda do espírito humano, uma vivência plena habita cada palavra" [320]. Um romance epistolar em que somente a voz da Dra. Nise da Silveira aparece. Salvo, algumas pequenas referências, em notas, do poeta. Com isso, nós leitores, após a leitura de cada carta, somos capturados a imaginar o destinatário de forma quase obstinada. E, ao mesmo tempo, pensar nos desafios inescapáveis aos quais a vida nos condena. Um romance atravessado por silêncios em todos os sentidos e, sobretudo, reflete uma amizade baseada em valores humanos autênticos.

O lúdico, ironia (aguda-agulha) e leveza integram o estilo de *O Dom do crime.* Um diálogo com Machado de Assis. Um retorno ao tempo que mostra o quanto o autor conhece os meandros da literatura machadiana e o contexto histórico que o cercava. Um dos exercícios de um leitor de verdade é, obrigatoriamente, consultar a história e a vida de Machado em busca do real e do ficcional. Um entrecruzamento perfeito. Instigante. Provocador. *O bibliotecário do imperador*, entre o verbal e o não verbal, coloca a história e a ficção frente a frente. Um exercício que não cessa de convocar a importância dos focos narrativos e, sobretudo, uma intensa reflexão a respeito da verdade.

320 Apresentação da obra na primeira aba da capa, interna, do livro.

O ensaísta

O que pode um ensaio? Nas palavras de Marco Lucchesi: "O ensaio entendido como Unamuno, o ensaio como ensaio, 'cujo centro está em toda a parte e a circunferência em parte alguma', como dizem os místicos, e, portanto, suspenso e incompleto como inscrição. O ensaio é um laboratório que ensaia, justamente, e assume todos os riscos, sem medo de enveredar por um caminho cego (...) considero o ensaio como um sonho de olhos abertos, entre rigor e aventura, como quem sonda e perscruta, no verso e no anverso, um tapete persa, e não se dá por satisfeito com o ponto final, porque saber que não cessam os motores de busca. No ensaio pode-se tudo, ou quase tudo, desde que se constitua uma linha discursiva, ao mesmo tempo reta e sinuosa, que se oriente na direção de um não saber, no coração do entusiasmo e do princípio da incerteza" [321]. Advertência: as palavras do poeta não são soltas ao vento. Os seus ensaios cumprem aquilo que foi conceituado pelo autor. Instigantes, provocantes, apostando no desmoronamento de nossas pretensas verdades. Labirínticos. O fio de Ariadne que escapa quando pensamos que o encontramos.

O "ensaio assume todos os riscos". Como por exemplo: "Do correio chegou certa vez uma carta inesperada. O remetente? Desconhecido. (...) A carta era de uma penitenciária do Estado de São Paulo! Estava endereçada no meu nome. Trazia uma proposta que me surpreendeu. Um prisioneiro desejava livros!! E havia um entusiasmo, uma demanda, uma energia realmente novas para mim [322]". Um ensaio é "como um sonho de olhos abertos", ou seja: "Não sei dizer como e quando o desejo da parte oriental se apoderou de meus antigos sonhos. Como explicar essa paixão que não dá trégua e que se mostra obstinada dentro

321 Entrevista concedida à Ana Maria Haddad Baptista para a **Revista Filosofia** 129, 2017, Editora Escala/São Paulo.

322 Marco Lucchesi, **A memória de Ulisses**, p. 25.

de mim? Como desbravar uma parte desse mistério impenetrável senão tentando, uma ou outra hipótese, que ilumine o essencial de um imenso território?" [323]. Não há como resistir aos convites do autor! Um mais sedutor que o outro! Os ensaios nos levam a visitar tanto a literatura russa, como a alemã, a árabe, a romena, a persa, a turca. "Não existem distâncias que não se comuniquem. Diferenças que não se entrelacem. E nem tampouco opostos que não se desfaçam para uma solução de continuidade" [324]. Eis, na verdade, a proposta mais interior de Marco Lucchesi. O seu universo passa a integrar o nosso. De um abismo ao outro sobrepostos. Desabamos leve e silenciosamente a incertezas que nos carregam para dentro de nós mesmos. Aquelas que afogam e não dão o menor sinal de superfície. Nada vemos. Mas temos que retornar. Como? "Quero arrancar-me destas águas. Mas elas se amontoam sobre mim; arrastam-me por entre seus ombros enormes; reviram-me; sacodem-me; fico estendida entre essas longas ondas, essas veredas intermináveis"[325].

Do tradutor e do experimentalista

Muito já se falou de tradução. Para Lucchesi a tradução é tomada tão a sério quanto tudo o que realiza. Olhar luminoso. "O tradutor não pode perder de vista que a sua missão consiste, direta ou indiretamente, em promover a cultura da paz, de reportar o princípio dialógico para dentro do próprio diálogo como queria, de forma reiterada, Martin Buber. As relações bilaterais devem ser pautadas pela cultura da paz e, nessa via, a tradução faz as vezes de um autêntico embaixador"[326].

323 Idem, **Ficções de um gabinete ocidental**, p. 57.
324 Idem, p. 50.
325 Virginia Wolf, **As ondas**, p.23.
326 Entrevista concedida à Ana Maria Haddad Baptista, **Revista Filosofia** , no. 129, 2017, Editora Escala/São Paulo.

E nessa medida, um dos melhores exemplos são as belas traduções que o autor realiza. Traduz, entre as diversas línguas que poderiam ser mencionadas, poemas do árabe, italiano, romeno, persa, russo, grego e tantas outras. Com isso temos uma ideia do quanto habita, confortavelmente, a Torre de Babel. Todas as traduções do escritor são minuciosamente trabalhadas. As notas em que dá referências importantes são entremeadas pela mesma poesia que traduziu, como por exemplo: "A ciência da espera é um dos mais árduos exercícios. O amor prossegue mediante formas indiretas — face pressentida, lume desejado —, de que se espera uma visão intensa e breve: radiosa epifania" [327].

Nada pior, sabemos, do que escritores que ao acharem uma fórmula para sua escritura, tornam-se repetitivos. Infelizmente, é o que mais temos desde que o mundo é mundo se pensarmos em proporções. Nessa medida, historietas que mudam apenas os nomes de personagens, dos animais ou das árvores. Lucchesi é ousado porque, tal como sua literatura diz, vai em busca do desafio, como é o caso (somente por mencionarmos um deles) da obra *Catálogo da Biblioteca do Excelentíssimo Senhor Marquês Umbelino Frisão.* Nesta obra em que se vale do pseudônimo Lúcio Marchesi o poeta, sob nosso olhar, entre muitas outras coisas que poderiam ser ditas, deixa, para os leitores, uma aguda ironia. Uma ironia que se reveste do lúdico, mas, também, de uma leve amargura diante do narcisismo, da falsa erudição e dos enganadores enrustidos. (Será que a amargura é um estilhaço da ironia?) Em outras palavras: uma síntese de erudição, crítica, ficção, realidade, mentira, verdade que nos leva a uma espécie de jogo que desorienta e retorce nossas expectativas mínimas. Mas para o leitor atento do escritor há um elemento indicial muito forte. A biblioteca é, paradoxalmente, uma síntese erudita. Aquela que se revela, sem humilhar, no conjunto de suas obras. Que exigiu, dele próprio, um intenso rigor, renúncias e dis-

327 **A Flauta e a Lua: Poemas de Rûmî**, p. 137.

ciplina. Nesse sentido, expõe aos desavisados-desviados a "sabotagem sistemática" do pensamento (por usar uma feliz expressão de Artaud), assim como a "comunidade inconfessável" de Blanchot.

Das estéticas

Signos estéticos (por não esquecer de Peirce) são aqueles regidos por similitudes, semelhanças e correspondências que se proliferam em uma ampla escala de sensações porque, acima de tudo, são possibilidades. A estética é o reino das similaridades. Estética é uma espécie de constelação composta por signos das intensidades verticais porque eternizados. Enraizados na singularidade. Sem atualizações. Inanalisáveis. Não relacionais.

O conjunto de obras de Marco Lucchesi é regido pela Estética do Labirinto como já afirmamos no início deste texto. A Estética do Labirinto, central, desdobra-se conceitualmente. Há uma estética do azul. Uma estética da solidão. Uma estética do tempo-memória, entre outras.

A estética da amizade, um dos pontos fulcrais do conjunto de obras de Marco Lucchesi, não é uma abstração. Revela-se em diversos níveis que, também, desdobram-se sob a forma acolhedora de como dedica seus livros, poemas, ensaios, cartas, aos amigos e amigas, escritores (dos mais conhecidos aos esquecidos) e, sem jamais deixar de lado aqueles que não fazem parte, diretamente, de sua jornada de escritor, ou seja, os "vencidos", por lembrarmos Benjamin.

A estética da amizade é um ponto forte em se tratando das cartas. Não faltam publicações de cartas de seus amigos e amigas. Deduz-se concretamente o quanto nosso poeta prima por suas amizades. Mas, há um outro ponto, importante, que se revela essencial na estética

da amizade, que não pode passar despercebido: a prática, efetiva, da solidariedade (uma das únicas armas que restam para que a humanidade tenha um futuro menos infeliz). Tal solidariedade é expressa, por exemplo, na antologia: *Roteiro da poesia brasileira anos 2000.* Ela foi organizada pelo autor que a prefaciou (expondo francamente os limites e matizes de uma antologia). Selecionou, (assumindo inúmeros riscos), com seu habitual olhar luminoso, um quadro de poetas brasileiros com as mais variadas tendências. O ponto nevrálgico desta obra, basta um olhar atento, é o quase-anonimato dos autores. Ou seja, Lucchesi vai em busca do outro. Visibilidades. Vozes que são acolhidas e lançadas. Mais uma atitude, na teoria e na prática, que reforça nossa concepção de uma estética da amizade. Que por sua vez encontramos presentes nos grandes pensadores que, realmente, estabeleceram um pacto com a vida em todas as suas dimensões.

Notas de permanente continuidade em *caligrafia silenciosa* nas *memórias do futuro*

Perguntam a Deleuze, numa entrevista, se o conjunto de suas obras era conduzido por um 'amor à vida em sua espantosa complexidade' [328]. No que prontamente o pensador concorda. Pois bem: a obra, como um todo, assim como a teoria e a prática de Marco Lucchesi, nos autoriza, diante do exposto neste texto, mesmo que de forma indébita, a afirmar que o poeta dialoga, (sem qualquer pretensão de adentrarmos nas teorias de *Angústias da Influência*), com o amor à vida de Deleuze, com o rigor poético de Octavio Paz, com a pluralidade das áreas do conhecimento de Bachelard, entre dezenas de tantos outros, da mesma magnitude, que poderiam ser mencionados. As obras de Lucchesi possuem, em sua complexa diversidade, intervalos que estabelecem

328 **Cartas y otros textos**, p. 87.

um pacto insinuante com os silêncios da solidão de Pasternak, Virginia Woolf e Nietzsche. Com os abismos incomensuráveis dos ritmos de Beethoven. Pacto com a fina ironia de Umberto Eco e Calvino. Com os movimentos pendulares das experiências interiores de Blanchot e Bataille. Na mesma escala de tal tessitura melódica e humana: "Coração e alma coincidem como espelhos que refletem a Beleza no espelho do coração" [329].

Referências Bibliográficas

ARTAUD, Antonin. **Linguagem e Vida.** [Tradutores não mencionados]. São Paulo: Perspectiva, 2014.

BAPTISTA, Ana Maria Haddad. "*A poética interdisciplinar de Marco Lucchesi ou a Estética do Labirinto"* in Revista Filosofia, Editora Escala, no. 130, 2017.

BAPTISTA, Ana Maria Haddad Baptista; UBIRATAN, D'Ambrosio (orgs.). **Signos artísticos em movimento.** São Paulo: BT Acadêmica, 2017.

BATAILLE, Georges. **O culpado.** Tradução de Fernando Scheibe. Belo Horizonte: Autêntica, 2017.

BAUMAN, Zygmunt; DESSAL, Gustavo. **O retorno do pêndulo***:* sobre a psicanálise e o futuro do mundo líquido. Tradução de Joana Angélica d'Avila Melo. Rio de Janeiro: ZAHAR, 2017.

BLANCHOT, Maurice. **A comunidade inconfessável.** Tradução de Eclair Antonio Almeida Filho. Brasília: Editora Universidade de Brasília; São Paulo: Lumme Editor, 2013.

_____. **O livro por vir.** Tradução de Leyla Perrone Moisés. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

329 Marco Lucchesi, **A Flauta e a Lua,** 125.

BLANQUI, Louis-Auguste. **A eternidade pelos astros.** Organização de Marco Lucchesi. Tradução de Luciana Persice. Rio de Janeiro: Rocco Jovens Leitores, 2016.
BOHM, David. **O pensamento como um sistema.** Tradução de Teodoro Lorent. São Paulo: Madras, 2007.
DELEUZE, Gilles. **Crítica e Clínica.** Tradução de Peter Pál Pelbart. São Paulo: Ed. 34, 1997.
_____. **Cartas y otros textos.** Tradução de Pablo Ires e Sebastián Puente. Buenos Aires: Editorial Cactus, 2016.
LUCCHESI, Marco. **A Flauta e a Lua: poemas de Rûmî.** Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2016.
MARCHESI, Lúcio [pseudônimo de Marco Lucchesi]. **Catálogo da Biblioteca do Excelentíssimo Senhor Marquês Umbelino Frisão.** Rio de Janeiro: Balur, 2017.
_____. **Poemas Reunidos.** Rio de Janeiro: Record, 2000.
_____. **Os olhos do deserto.** Rio de Janeiro: Record, 2000.
_____. **Saudades do Paraíso.** Rio de Janeiro: Lacerda Ed., 1997.
_____. **Clio.** São Paulo: Biblioteca Azul, 2014.
_____. **A memória de Ulisses.** Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2006.
_____. **Viagem a Florença: cartas de Nise da Silveira a Marco Lucchesi/organização de Marco Lucchesi.** Rio de Janeiro: Rocco, 2003.
_____. **O bibliotecário do Imperador.** São Paulo: Globo, 2013.
_____. **Meridiano celeste & Bestiário.** Rio de Janeiro: Record, 2016.
_____. **O Dom do Crime.** Rio de Janeiro: Record, 2010.

_____. **Bizâncio.** Rio de Janeiro: Record, 1997.

_____. **Ficções de um gabinete ocidental.** Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2009.

LUCCHESI, Marco (org.). **Roteiro da poesia brasileira anos 2000.** São Paulo: Global, 2009.

NANCY, Jean-Luc. **Demanda: Literatura e Filosofia.** Tradução de João Camillo Penna et.ali. Florianópolis: Ed. UFSC/Argos, 2016.

PAZ, Octavio. **Obras Completas Volume 15.** México: Fondo de Cultura Económica, 1993.

SABATO, Ernesto. **Abadon, o Exterminador.** Tradução de Rosa Freire d'Aguiar. São Paulo: Cia das Letras, 2013.

WOOLF, Virginia. **As ondas.** Tradução de Lya Luft. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2014.



Marco Lucchesi e Giorgos Seferis: ondulações rumo ao insondável

Existem escritores, como é o caso de Marco Lucchesi (1963) e Giorgos Seferis (1900-1971), que nos fazem acreditar que a literatura pode ter um grau de envolvimento composto de signos tão densos a ponto de sequestrar leitores até a morte. A ponto de mostrar, de uma vez por todas, que leitura não é hábito. Leitura é necessidade vital. Aberturas rumo ao infinito.

Marco Lucchesi é um escritor brasileiro que possui um vasto conjunto de obras nos mais variados registros. Ou seja, publica poesias, romances, ensaios, obras experimentais, traduções e outros. Giorgos Seferis é um escritor grego que publicou poesias, traduções, ensaios. Ambos foram premiados com os mais diversos títulos pelos mais variados países do mundo. O que, na real, possui uma importância secundária se pensarmos nas 'teias', predominante invisíveis, que atribuem cargos, prêmios, condecorações. Salvo raríssimas exceções.

O que se pode abstrair, de forma muito sintética e preliminar, em relação aos dois escritores? Primeiramente a necessidade do mar em suas vidas. Nas palavras de Lucchesi: "Se retirassem o mar de minha vida, não saberia realizar a história a que pertenço. O sal começou a queimar os meus lábios desde jovem" [330]. E Seferis: "O grande erro de minha vida é que, sendo feito para o mar, vivo como um homem terrestre" [331] . O mar como um elemento essencial na vida de ambos se

330 **Carteiro Imaterial**. Rio de Janeiro: José Olympio, 2016. p. 174.

331 **Días (1925-1968):** Yorgos Seferis. Tradução do grego de Vicente Fernández González. [Tradução para o português da autora. Cotejada com a versão original grega da Editora Íkaros, 1994.] Madrid: Alianza Editorial, 1997. p. 63.

manifesta, inclusive, na poesia:

Lucchesi [332] :

Eis a bela corredeira onde o jardim serve de abrigo e obstáculos, em que ressuma o amarelo, rei dos dias, embora triste e passageiro seu reinado sobre as flores do inverno, que acolhe outros súditos, além de humanos, solfas de passarinhos, frêmitos de sombra, eflúvios matutinos.
Seguem
as águas
do Bósforo
sem desesperar
do próprio curso
a libertar-se em fundos
mares que acolhem

Seferis [333]:

No entrementes é a Grécia que viaja ela toda que viaja
e se "vemos o mar Egeu a florir de cadáveres"
são daqueles que quiseram tomar o grande barco
nadando-lhe ao encontro
daqueles que cansaram de esperar navios que já não
partem o "Samotrácia" o "Elsie" o "Ambracia".
Apitam os navios agora que anoitece no Pireu
todos apitam todos mas não se move cabestrante
algum corrente alguma que úmida cintile à luz agonizante

332 **Domínios da Insônia**: Novos poemas reunidos. São Paulo: Patuá, 2019. p. 513.

333 **Poemas: Giorgos Seferis.** Seleção, tradução, introdução e notas de José Paulo Paes. São Paulo: Nova Alexandria, 1995. p. 83.

Existem outros pontos, talvez mais recônditos, que os aproximam e nos lembram o quanto somos seres interiores ao tempo e regidos pelas oscilações constituintes da memória:

Seferis:
Frequentemente, com horror, o sentimento de ter trabalhado toda minha vida para nada [334]***.***
Lucchesi:
Estou só. Completamente só. Esperei tanto, mas tenho medo. Como se minha vida fosse uma longa sucessão de erros [335]***.***
Seferis:
Alexandria se afasta; estranho o meu amor por esta cidade. Aos poucos as casas no calçadão – tão baixas – se haviam perdido por trás de um bosque de gravetos; Alexandria já era um barco [336]***.***

Lucchesi:
Há cinco anos, morria Roberto Moriconi. Caminho por Alexandria, e dele me recordo. Lembro-me que Roberto compreendia perfeitamente que o processo e o resultado eram dois modos inseparáveis. Não ignorava o drama potencial dos caminhos abandonados, das coisas que podiam ter sido e que não foram, e que se revelavam apenas durante o processo [337]***.***

Mar, imagética e conceitualmente, remete a movimentos dos mais diversos. Brumas. Franjas. Ritmos. Solidões. Fragrâncias. Tons. Cintilações. Contemplações. Saudades. Travessias. Flutuações. Indignações. Tais movimentos, sob certa perspectiva, exteriores. Mas resul-

334 **Días,** p. 125.
335 **Os olhos do deserto.** Rio de Janeiro: Record, 2000. p.
336 **Días,** p. 159.
337 **Os olhos do deserto.** p.84.

tados de reflexões interiores, comuns a Seferis e Lucchesi, que beiram uma rara obstinação em escrever rumo ao insondável e que continuamente os leva quase ao desespero. Movimentos que contrastam com processos, internos e externos, de imobilidade. Seferis: "Tudo ao mesmo tempo, indistinto, revolto e misturado. Não há sono, não há vigília, nem fatiga; tudo confuso; nenhuma sucessão, nenhuma espera, nenhuma destruição; tudo confuso. E o pior: esta imobilidade não é a morte; o que significa a morte? O que significa a inexistência?" [338]. Lucchesi: "O nada indeciso. Insatisfeito de si. O nada que tudo deseja. Aflição de não ser. Como se o campo metafísico me houvera abandonado. Mais a poesia. Mais o entusiasmo. Tudo é imposição. Esta pedra. Esta noite. Esta solidão" [339].

Emergem de Lucchesi e Seferis vozes poéticas que sondam labirintos existenciais, estéticos. Mas jamais se rendem aos desafios do subterrâneo de si mesmos. Eis, uma vez mais, a diferença entre aqueles que são escritores, de fato, e os que possuem 'aspirações ou intenções literárias'.

338 **Dias**, p. 82.
339 **Os olhos do deserto**, p. 128.

Entrevista concedida à Ana Maria Haddad Baptista

(Revista Filosofia Ciência & Vida – Ano: 2018)

1. A Filosofia é muito presente em sua poesia, nos seus ensaios, em suas traduções e até em seus romances. Em que medida literatura e filosofia podem dialogar?

Estudei filosofia desde muito cedo. Sempre o fascínio das ideias. Folheio meus antigos cadernos de lógica formal e metafísica. Comecei com a escolástica, com a técnica árdua e precisa, desde o edifício de Tomás de Aquino, sólido e imponente, que se eleva para uma zona inefável, como a ideia da palha, como disse Tomás antes de morrer. Recomendo a meus alunos o estudo da escolástica. Não para permanecer atado a um endereço, mas para criar uma disciplina, um ateliê do pensamento. Estudei Platão e Aristóteles, diretamente nos livros. Num certo nível, os manuais tornam-se mais complexos, num certo sentido, evidentemente, do que a leitura direta dos textos. Depois Descartes, aquele que não foi cartesiano, como gosto de lembrar. E muitos anos com Hegel e Kant. Estudei na Alemanha, em meu pós-doutorado, as filosofias do Renascimento, que me encantam, com aquela sobreposição de famílias neoplatônicas, e aproximações pouco ortodoxas com a alquimia e a cabala. Não vejo separação. Nem acredito que as obras se resfriem. Porque se trata de um pensamento emocionado, de fundo agostiniano, por assim dizer, como a escrita poética dos filósofos romenos como Constantin Noica e Lucian Blaga. Um olhar sobre os pré-socráticos, pode clarear muitos aspectos sobre a presença da filosofia para além de si mesma,

ou dos sistemas omnívoros que se organizaram em vastos repertórios, específicos, fechados. O diálogo se deu no princípio e não se deve perder num século em que a fronteira dos gêneros tem se tornado cada vez mais ambígua, criando novas linguagens e inusitadas vizinhanças.

2. Como vê o conjunto das obras de Sartre? Sob sua perspectiva, ele conseguiu estabelecer limites entre os romances e as obras estritamente filosóficas?

Um monumento, pela extensão e variedade, por uma heterogeneidade homogênea, por um sistema de circulação retroalimentado, vaso-comunicante, sujo de vida e, portanto, atravessado pela práxis. As fronteiras abertas, porosas, fazem com que *O ser e o Nada* converse com *A Náusea* e *A idade da razão*. E a formidável presença política, não me refiro apenas ao engajamento, mas a um profundo entendimento existencial do quadro em que a dimensão da polis se posiciona, como por exemplo em *As moscas*, ao aproximar o teatro moderno com o antigo, as demandas latentes, a derrota e a coragem de naufragar. Tendo ou não um espectador. Sartre permanece como a figura primaz de intelectual que atravessa o século XX e que parece momentaneamente condenado à morte no vazio da modernidade líquida, na geleia espessa do tempo que nos atravessa.

3. Deleuze, em diversos momentos, afirma que a Éthica de Spinoza deveria ser lida por todos, independente do grau de escolaridade. Concorda com tal afirmação?

Vivemos, como alguém disse, o século de Deleuze, cuja obra não cessa de surpreender, nas obras mais famosas, em cartas e artigos menos visitados. Ele representa uma nova potência de reconfiguração de algumas tradições do Ocidente profundo. Deleuze escreveu seu famoso *Espinoza e os signos*, para citar o mais conhecido, onde emerge uma perfeita continuidade entre dois tempos, em aparência, quase irredutíveis. No que me diz respeito, como leitor de Espinoza, Farias Brito e Nise da Silveira, a resposta que dou é "contaminada", dentro da família que acabo de citar. Há no Brasil uma densa comunidade, embora dispersa, ligada ao filósofo. Soube mesmo que a Ética foi um pequeno best seller, numa edição bilíngue, publicada em Minas Gerais. Acompanhei com afeto e admiração as sete cartas de Nise da Silveira a Espinoza, a última delas versando sobre a morte. Uma grande síntese feita em língua portuguesa é de longe a de Farias Brito, em *A finalidade do mundo*. Só me resta concordar com Deleuze.

4. Impressiona demais, em suas obras, a diversidade e pluralidade de temas abordados. Percebe-se, com muita clareza, a familiaridade com que conduz os mais diversos conceitos de Matemática, Química, Física, Astronomia, História, Filosofia e outros, desde suas primeiras publicações. Poderia nos explicar como se dá tal diálogo?

Trata-se de uma busca radial. A epistemologia da ciência me atrai vivamente. De um lado uma pulsão renascentista, ou goethiana, que paira no Ocidente: uma totalidade que não se deve perder, não totalizante, nem totalitária, paisagem que não se limita a fragmentos isolados, como as mônadas de Leibniz, mas à espuma de que fala Sloterdijk. Por outro lado, a ideia de Wittgenstein, segundo a qual o fragmento deve trazer

impresso a marca do todo. E poderia continuar assim, entre Novalis e os pré-socráticos, Paracelso e os fractais. Esse todo é, na verdade, um espaço de busca, expressão de movimento, realidade que se espraia no conteúdo crescente, como queria Karl Popper, instigante sobre desafios e correlatos da física dos quanta. A astronomia veio com o primeiro telescópio, aos doze anos, e que continua hoje, sob o céu de Itacoatiara, sob o reinado de outro telescópio de ótima abertura, que me acerca de algumas formas celestes. Uma espécie de epifania é olhar o céu noturno, de Kant e Pascal, Safo e Bilac. O céu que cobre nossa vida e como um sonho se dilata, sob a qual se acionam os maquinismos da História, na complexa tessitura temporal. Estudo a sua epistemologia com intensidade, esfinge, pedra e hieróglifo. Por outro lado, a matemática acabou por se tornar um resgate algo intempestivo, que folheio nos meus cadernos de cálculo, entre a logística de Russel e o indecidível de Gödel. Assinalo, em poucas palavras, que o desenho de um saber radial deita raízes no estudo da poética em que cada saber se constitui. Eis o princípio da inteligibilidade, horizontal, que tanto me fascina, a ponte possível, um centro de atração contra uma natural força de ordem centrípeta.

5. A música, também, é uma linguagem muito presente em suas obras. Quer de forma mais explícita, quer de forma subjacente. Ela é muito especial para você? Poderia nos falar um pouco a respeito do assunto?

Todas as noites, antes do intenso combate da insônia, estudo as partituras, o tempo das notas e os silêncios, escrevo depois como acho que poderia tocar, com as mãos ao piano e me distraio com pequenas variações e outros pequenos crimes, praticados em casa, de lesa-obra, variando tempo, ritmo tonalidade. Igual ao menino que adorava abrir

os brinquedos para ver como funcionavam, que foi o que fiz e de modo visceral. Ouço diversas mídias, e não desprezo um detalhe sobre a execução. Pensar a música e realizá-la é algo que se tornou primordial para mim. Estudei piano e canto, do ponto de vista canônico, tradicional, em paralelo com a música de vanguarda, a música étnica e a MPB. Posso passar alguns dias sem escrever, mas nem um só dia sem música. Vou ao teatro e às salas de concerto quando não há indício de naufrágio. A poesia que me escreve repousa decerto sobre uma base melódica, embora, atualmente, pressinta outra dinâmica, um desejo interno e mal esboçado, flutuante, fantasmal, de trazer à tona mais dissonâncias, novos ruídos, ao arrepio de certas opções que tomei nos últimos anos. Talvez não descarte reflexões acerca da escrita musical. Sou muitas vezes capturado pela melopeia, como um fio de Ariadne, quando meu labirinto, ou, *laborintus*, segundo alguém disse, torna-se mais incerto, escuro e tormentoso. A música é o fio de ouro, uma janela aberta, luminosa e alta, que me faz prosseguir às cegas. Tenho um piano dentro de mim e não sei até que ponto esqueceram de afiná-lo.

6. Transita, como poucos neste país, tranquilamente, pela Torre de Babel. Consegue trazer para o Brasil contribuições raras e inestimáveis de outras literaturas. Vê-se pelas suas traduções a seriedade com que trata o assunto. Poderia explicar como isso ocorre?

Menino bilíngue, desde o seio materno, eu me pergunto como ressoavam as melodias de minha mãe, lá onde eu me alojava, em suas vísceras, ou como repercutem, ainda hoje, seu canto quando me acalentava de noite, no berço. Duas línguas e duas pátrias me definem, duas melodias, duas fronteiras porosas, que não sei onde começam e tanto menos

onde terminam, sem passaporte, sem salvo-condutos. Desse ponto de partida, habitado por uma solução anfíbia e sobreposta, que são as línguas que me habitam, não resisti ao encanto de outras, como Ulisses diante do canto das sereias. Pelo que sei, meu avô salvou-se do campo de Mautthausen, na Áustria, porque sabia alemão. Também o neto, que não o conheceu, em outras e recentes latitudes, sobreviveu pelo simples fato de pronunciar a língua de um lugar. Eu me comovi nos campos palestinos, Sabra e Chatila, em árabe, assim como numa prisão do Rio, quando encontrei um romeno e em sua língua materna conversamos. Sim, de fato, aprendi muitas línguas, talvez excessivamente, menos para falar do que para chegar ao outro, decifrá-lo quanto possível, adivinhar como organiza o mundo mediante a palavra, na língua original da poesia, das gentes vivas e mortas, imagens de um passado perdido e de um futuro incerto. Para ouvir o grito dos povos, dos refugiados e migrantes da Mãe-Terra, ferida pelo *Princípio esperança* de Ernst Bloch. Essa urgência de ler o mundo levou-me ao exercício da tradução dos autores que me inspiram e de que me torno amigo, ideal, pela distância no tempo e no espaço. Uma página de Aristóteles vive, com a delicadeza e precisão do grego antigo, assim como a língua de Farias Brito quando fala de Spinoza abrange novas faces, no latim de Tomás de Aquino claro e preciso, no rigoroso alemão da *Razão pura* de Kant. Vivemos todos à sombra de uma Torre, que se não chega ao céu, cria um horizonte especular capaz de refletir em cheio o rosto da alteridade.

7. Nos seus ensaios, em especial, observa-se um entusiasmo raro, nos dias de hoje, por tudo que o cerca. Poderia nos falar um pouco sobre isso?

O ensaio entendido como Unamuno, o ensaio como ensaio, "cujo centro está em toda a parte e a circunferência em parte alguma", como dizem os místicos, e, portanto, suspenso e incompleto como inscrição. O ensaio é um laboratório que ensaia, justamente, e assume todos os riscos, sem medo de enveredar por um caminho cego ou de andar numa rua de mão única, para citar Benjamin. Considero o ensaio como um sonho de olhos abertos, entre rigor e aventura, como quem sonda e perscruta, no verso e no anverso, um tapete persa, e não se dá por satisfeito com o ponto final, porque saber que não cessam os motores de busca. No ensaio pode-se tudo, ou quase tudo, desde que se constitua uma linha discursiva, ao mesmo tempo reta e sinuosa, que se oriente na direção de um não saber, no coração do entusiasmo e do princípio da incerteza. Penso em Octavio Paz e Eduardo Lourenço, em Claudio Magrisou George Steiner. Trata-se de um gênero socrático, prescrito pela farmácia ambígua de Platão, de quem somos herdeiros e órfãos de um sistema incerto de significação.

8. Em suas obras há alguns elementos recorrentes. Um que chama a atenção é o azul. O que significa o azul? Por que o azul é tão presente em suas obras?

É algo que descubro agora, obrigado. Um leitmotiv que se antecipa ao personagem não configurado ainda, ou que do ponto de vista pirandelliano me pressiona para deixá-lo viver? Meu saudoso amigo Israel Pedrosa, que dissertou sobre a cor inexistente, se vivo fosse, quem sabe não me ajudasse agora. Será o azul dramático e perfeito do sertão, sem chuva para dessedentar o homem e a terra? O azul do Atlântico que feriu os olhos de meus pais quando chegaram ao Brasil, impresso para

sempre em suas retinas? Talvez o azul do céu do Cairo, em pleno Ramadã, com Nagib Mahfuz, ou talvez o azul de Tóquio, pálido e sutil, quando conheci o poeta Tanikawa e o bule do chá formava uma espiral ardente? O azul que cobre a colina de Santo Stefano, em Lucca, onde ouvi Arturo Paoli falar dos pobres e miseráveis? Talvez o azul de Lima, quando abracei, comovido, o padre Gutierrez, que formulou, com Leonardo Boff, a teologia da libertação? O azul da praia de Copacabana, onde nasci, e sobre cuja areia ensaiei os primeiros passos? Acho que nenhum deles em particular, mas todo o azul, dentro do qual me perco e para o qual me adianto, a cada dia, rumo ao sublime esquecimento.

9. Suas obras têm sido traduzidas para o italiano, árabe, romeno e muitas outras línguas. Tal fato é muito relevante para a literatura brasileira e, claro, para o Brasil. Poderia falar um pouco sobre isso?

A literatura brasileira dispõe de crescente receptividade no mundo com leitores apaixonados por nossos autores, Clarice, Guimarães, Drummond e Machado, para não mencionar outros que há mais tempo circulam ou atingem larga tiragem. O sistema literário brasileiro possui muitos pontos nucleares. Não são poucos, no entanto, os desafios, no campo jornalístico e editorial. Quanto à poesia torna-se um pouco menos árduo seu processo de circulação, ao redor de um conjunto de poemas. Permanece, contudo, o desafio da traduzir e cooperar quando o poeta e o tradutor navegam nas duas águas, para chegar a uma terceira, que é a tradução realizada e que se distancia (ou se aproxima) do texto de partida. O tradutor não pode perder de vista que a sua missão consiste, direta ou indiretamente, em promover a cultura da paz, de reportar o princípio dialógico para dentro do próprio diálogo como queria, de for-

ma reiterada, Martin Buber. As relações bilaterais devem ser pautadas pela cultura da paz e, nessa via, a tradução faz as vezes de um autêntico embaixador.

10. Admirável como a solidão, o amor e a amizade são temáticas presentes em suas obras. Nas mais variadas dimensões. Poderia comentar um pouco sobre o assunto?

Não havia pensado nisso, eis uma chave de entrada, uma porta de saída, um algoritmo. Amor. Solidão. Amizade. Talvez um Eu-Tu, disposto a reunir um conjunto de fatos dispersos, uma temperatura média entre os polos, com alguma variável climática. Talvez pudesse enfeixar tudo no mistério do rosto e da hospitalidade. Como traduzir meus assombros, como analisar os textos que já não me pertencem, publicados, em outras mãos, e que se afastam de mim com a velocidade da luz? Poderei reconhecer nos fragmentos textuais o rosto atual que de algum modo me traduz, de mim para mim, e me oferece a ilusão de que a imagem refletida represente aquela original? Estou seguro apenas no tocante à solidão, quando me hospedo ou me agarro às minhas forças, quando me eclipso e me guardo com zelo feroz. Um traço biográfico ou uma inflexão textual? Ambas as coisas? Acho que se trata do tema do rosto, como pensa Lévinas, o mistério do rosto, a inefável beleza de um semblante, e insisto uma vez mais no Eu-Tu. Quem sabe tudo não se resolva numa constelação nebulosa, onde brilhe, solitária, como pensa Rosenzweig, a altiva *Estrela da redenção*?

11. Desde que o Nobel foi instituído pouquíssimas mulheres consegui-

ram conquistá-lo. Inclusive, na literatura. Quais seriam, sob sua ótica, as principais razões?

O número é injusto e desproporcional e não corresponde a um quantum de realidade. Mas segue assim em tantas coordenadas sociais, no mercado de trabalho, no recesso das casas. Mas a mudança já se tornou incontornável. A mulher também opera no diapasão para consolidar a suspirada cultura da paz em nossos dias. Será outra no futuro a porcentagem.

Sobre a autora

Ana Maria Haddad Baptista

Mestrado e doutorado em Comunicação e Semiótica pela PUC/SP. Pós-doutoramento em História da Ciência pela Universidade de Lisboa e PUC/SP onde se aposentou. Atualmente é pesquisadora e professora da Universidade Nove de Julho dos programas de Educação *stricto sensu.* Colunista mensal da revista impressa Humanitas. Autora e organizadora de dezenas obras publicadas no Brasil e no exterior. Entre elas: ***Estética da Solidão*** (Patuá), ***Tempo-Memória & Desmemórias*** (BT Acadêmica), ***Cavalos sem Memória*** (Apenas/ Lisboa).